

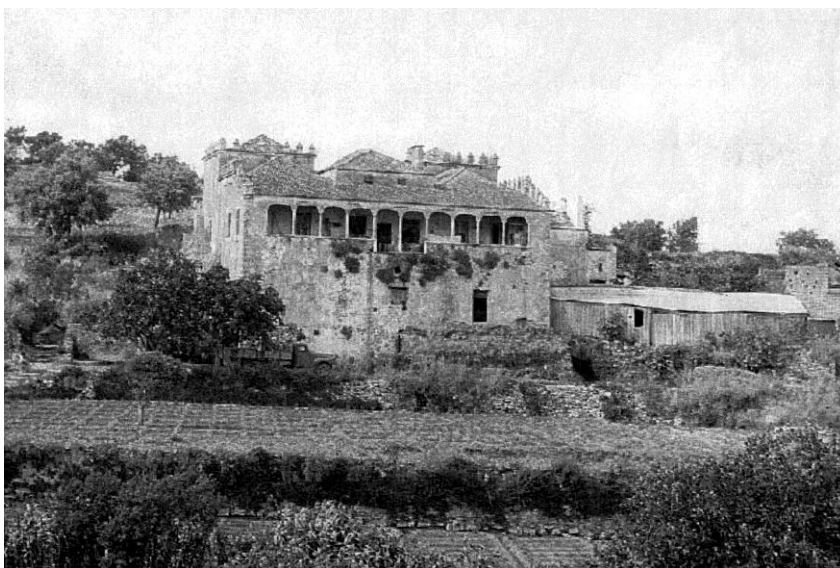


UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA
FACULDADE DE ARQUITECTURA

PROJECTAR COM O LUGAR

Reabilitação do Palácio e Quinta Valflores | Santa Iria da Azóia, Loures

Conversão numa Pousada e Espaço de Saúde e Bem-estar



Ana Catarina da Silva Brás

(Licenciada)

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

Orientador Científico

Professor Doutor Luís Afonso

Coorientador

Professor João Nuno Pernão

Júri:

Presidente: Doutor José Cabido

Vogal: Doutor Ricardo Silva Pinto

Orientador: Doutor Luís Afonso

Novembro 2013

Lisboa | FAUTL

"Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas que já têm a forma do nosso corpo e esquecer os nossos caminhos que nos levam sempre aos mesmos Lugares. É o tempo da travessia e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, á margem de nós mesmos."

Fernando Pessoa

RESUMO

Título Projetar com o lugar, <i>Luz e Sombra</i> <i>Ambiguidade e</i> <i>Manipulação Espacial,</i> <i>Luz natural e luz</i> <i>artificial, Percepção e</i> <i>Significado do Ambiente</i> <i>Luminoso</i>	Considerando que a reabilitação é como um compromisso com o passado, tradição, modernidade e futuro, tendo neste projeto, por base o conceito <i>Genius Loci</i> , este estudo centra-se na análise e viabilidade da reabilitação do Palácio e Quinta ValFlores, hoje em dia em ruína, assimilando a sua requalificação, e convertendo-a numa Unidade Hoteleira. Este projeto envolve um processo de articulação de sistemas complementares que se compreende nos domínios da topologia e da geometria, mas também tem em conta o espírito, a estrutura e significado do lugar.
Nome Ana Catarina da Silva Brás Orientador científico Doutor Arquiteto Luís Afonso Co – Orientador Doutor Arquiteto João Pernão Loução Mestrado integrado em Arquitetura Lisboa, Setembro, 2013	<p>Procedeu-se a uma revisão literária com o propósito de responder a questões associadas às abordagens possíveis á intervenção sobre o Património. Foram também abordadas as questões relativas á utilização da luz em Arquitetura e ao estado da arte em hotelaria.</p> <p>Numa primeira aproximação ao tema do Lugar, usou-se uma abordagem Fenomenológica, procedendo-se a uma análise do local, tal e qual como se apresenta complementado com um levantamento histórico do mesmo, de modo a ser compreendido temporalmente e espacialmente.</p> <p>Num segundo nível, explora-se a luz, o seu recurso e aplicabilidade no desenvolvimento de um objeto arquitetónico, a Luz como matéria de caracterização dos espaços na prática do projeto.</p> <p>A aplicação destes conceitos ao projeto referido, pretendeu, assim desenvolver e fomentar o interesse pela poética da iluminação e salientar a importância que esta desempenha na criação de espaços que proporcionem bem-estar e conforto aliada á compreensão das estruturas construídas pré-existentes e ao lugar.</p>
Palavras-Chave	Palácio Valflores, Quintas de Recreio, Reabilitação, Pousadas, Spa, Percepção da luz

ABSTRACT

Title
Designing with the place
Designing with light and
shadow
Name
Ana Catarina da Silva
Brás
Main advisor
Architect Luis Afonso
Co – advisor
Architect João Pernão
Integrated masters in
Architecture
Lisbon, September,
2013

Rehabilitation is a commitment to the past, tradition, modernity and the future, based on the concept of genius loci. This study focuses on analysis and feasibility of rehabilitation of the Palace and Quinta ValFlores, nowadays in ruin, assimilating its redevelopment, converting it into a hotel. This project involves a process of articulation of complementary systems that encompass the fields of topology and geometry, but also takes into account the spirit, structure and significance of the place. A literary review was made in order to answer questions related to regeneration, the way it rehabilitates Heritage. The issues concerning the state of the art hotel, its evolution and current constitution. In a first approach to the theme of the place, we used the phenomenological method, proceeding to an analysis of the site, just like it was done and presents a historical survey of the same, so as to be understood temporally and spatially.

On a second level, it explores the light of its appeal and applicability in the development of an architectural object, the light as a matter of characterization of the spaces in the practice of project. This research therefore aims to develop and promote interest in the poetics of light and emphasize the importance they play in creating spaces that provide welfare and comfort.

Key- Words

Valflores Palace, Reahbilitation, Hotel, Spa, light Perception

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer todo o apoio e disponibilidade dos meus orientadores e professores Luís Afonso e João Pernão, no acompanhamento paciente e sábio que tiveram para com este estudo.

Agradeço ao Prof. Luís Mateus a amabilidade que demonstrou na cedência de material, em que muito representou um contributo fundamental para a execução da dissertação.

Um agradecimento especial ao meu amigo e namorado João Chaves pela total disponibilidade que simbolicamente deixo aqui o nome associado.

Agradeço a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho, Maria Bateira, Dorinda Brás, Patrícia Jacomé, Maria Santos.

Dedico este trabalho aos meus Pais e aos meus Avós.

ÍNDICE

- I. Resumo
- II. Abstract
- III. Agradecimentos
- IV. Índice Gráfico
- V. Glossário, Acrónimos e Abreviatura

INTRODUÇÃO

- 1.Enquadramento, Objetivos e Hipótese 1
- 2.Metodologia e Estrutura 3

PRIMEIRA PARTE: Enquadramento Teórico

- 3.Projetar com o Lugar
 - 3.1 Conceito de Lugar 5
 - 3.2 Lugar de Memória 10
- 4.No Âmbito da Reabilitação e (Re) conversão
 - 4.1 A Preservação do Património 12
 - 4.2 Construção e adaptação do monumento a novos usos contemporâneos 14
- 5.Estado do Conhecimento
 - 5.1.Lugares de Referência 16

SEGUNDA PARTE: Projetar com a Luz

- 6. Luz e Sombra Percepção e Significado do Ambiente Luminosos
 - 6.1 Luz e Cor 28
 - 6.2 Luz e Sombra 30
 - 6.3 Lugar de Referencia 35

TERCEIRA PARTE: Palácio e Quinta Valflores

- 7. Origem e Contextualização Histórica 43
- 8. Organização Espacial 50
- 9. De Palácio a Pousada
 - 9.1 Estratégia de Preservação e Reconversão em Valflores 52
 - 9.2. Redefinição e Recontextualização do Monumento e do Lugar na Paisagem 54
 - 9.3. Reconstrução de Paisagem 58
 - 9.4. Estratégia de Intervenção SPA 61
 - 9.5 .Programa 63
 - 9.6. Organograma Funcional 64

Considerações Finais 67

Bibliografia e Fontes Documentais 67

INDICE DOS ANEXOS

Anexo I – Referências

Anexo II – Processo de trabalho

- 1 – Desenhos á mão levantada
- 2 – Fotografias de maquetas de estudo
- 3 – Vistas e fotomontagens
- 4 - Fotografias da maqueta

Anexo III – Estudo prévio

- 1 – Planta de cobertura
- 3 – Planta do piso 0
- 2 – Planta do piso 2
- 4 – Planta do piso -1
- 5 – Alçado sul e Alçado Norte
- 6 – Alçado Nascente e Poente
- 7 – Corte AA´
- 8 – Corte BB´
- 9 – Corte CC´
- 10 – Corte DD´
- 11 – Corte EE´
- 12 – Corte FF´
- 13 – Corte GG´

Anexo IV – Desenhos de pormenor

- 14 – Corte HH´
- 15 – Cortes II´
- 16 – Corte JJ´
- 17 – Planta 1:50
- 18 - Pormenor do espaço Spa
- 19 – Pormenor da circulação Vertical

ÍNDICE FIGURAS

Fig. 1	Esquema de Conceito de lugar, segundo Nibert-Schultz.	07
	In Reis-Alves, Luis, <u>revistas</u> Vitruvius, O conceito de lugar, <u>arquitectos</u> , arquitectos ISSN 1809-629808, ago 2007	
Fig. 2	Pormenor do aqueduto da Quinta Valflores	14
	In DGEMN- Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais	
Fig. 3	Aqueduto	14
	In DGEMN- Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais	
Fig. 4	Loggia do Palácio	14
	ADPACS Associação de Defesa do Património Ambiental e Cultural de Santa Iria de Azóia	
Fig. 5	Interior de uma das Salas do Palácio	15
	In https://www.google.com/search?q=Quinta+da+bacalhoa+interven%C3%A7%C3%A3o+em+monumentos+e+patrim%C3%B3nio+hist%C3%B3rico&um=1e=UT8&hl=ptPT&tbm=isch&source=og&sa=N&tab=wi	
Fig. 6	Quinta da Bacalhoa	16
	http://www.igespar.pt/en/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/	
Fig. 7	Quinta da Bacalhoa	17
	In DGEMN- Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais	
Fig. 8	Interior da Loggia	17
	http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1123	
Fig. 9	Quinta da Bacalhoa, Casa de Fresco	17
	http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1123	
Fig. 10	Quinta da Bacalhoa, Casa de Fresco	18
Fig. 11	Planta Valflores, Piso 1 - Cozinha em apêndice	19
Fig. 12	Planta Convento Marinha da Costa, 1972	20
	http://upmagazine-tap.com/pt_artigos/pousada-de-santa-marinha-guimaraes/	
Fig. 13	Convento novo volume	20
Fig. 14	Sala interior.	20
	http://www.igespar.pt/	
Fig. 15	Mosteiro	21
	http://www.igespar.pt/	
Fig. 16	Encontro da nova proposta com a preexistência	21
Fig. 17	Sala interior	21
Fig. 18	Convento	22
	http://www.pousadasofportugal.com/portugal/pousada/amores-santa-maria-de-bouro.html?gclid=CPXjhsKLirkCFSXLtAodZD0ATA	

Fig. 19	Alçado sul e Restaurante.	22
	http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1123	
Fig. 20	Intervenção	23
Fig. 21	Volume dos quartos	23
Fig. 22	Quarto interior	23
Fig. 23	Maquete de intervenção	24
	http://www.pousadas.pt/historic-hotels-portugal/pt/pousadas/algarve-hotels/pousada-de-estoi/palacio-de-estoi/pages/home.aspx	
Fig. 24	Palácio de Estoi	24
	https://www.google.com/search?q=PALACIO+DE+ESTOI+INTERVEN%C3%87A+O+BYRNE&safe=off&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ei=E2USUoz0O4i	
Fig. 25	Piscina Exterior	24
	http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=600422	
Fig. 26	Novo Corpo	24
Fig. 27	Perceptual Cells Book (1992)	25
	http://www.environmentalgraffiti.com/featured/james-turrell-visionary-masterpieces-light-space/8759	
Fig. 28	James Turrell instalação "Alta (Pink)" exibição "Cosmic Wonder"	26
	In http://nga.gov.au/turrell/	
Fig. 29	Percepção da Luz	27
Fig. 30	Detalhe, Igreja da Sagrada Família, Gaudí	28
	PERNÃO, J. (2009). Cor e Arquitectura: Investigação Aplicada (não publicado). ISeminário Internacional Cor - Design e Arquitectura, Universidade Lusíada Lisboa, Lisboa, 30-31 Outubro, 2009.	
Fig. 31	Turrell Roden Crater Detalhe do céu, 1977	29
	http://thepacegallery.com/	
Fig. 32	Cromoterapia	29
Fig. 33	James Turrell, "Dividing the Light", 2006	30
	http://www.pomona.edu/museum/watch-listen http://www.guggenheim.org/new-york/exhibitions/on-view/james-turrell	
Fig. 34	Acção da Luz na superfície	32
Fig. 35	Galeria de Arte da Univ. de Yale, 1954	33
	Disponível em: http://pzarch14.wordpress.com/2012/11/21/light-casts-a-shadow-and-the-shadow-becomes-light-louis-kahn/	
Fig. 36	Instituto Salk, Califórnia 1959	34
Fig. 37	Assembleia Nacional Índia 1962	34
	http://pzarch14.wordpress.com/2012/11/21/light-casts-a-shadow-and-the-shadow-becomes-light-louis-kahn/	
Fig. 38	Instituto Indiano de Gestão, 1978	34
	http://pzarch14.wordpress.com/2012/11/21/light-casts-a-shadow-and-the-shadow-becomes-light-louis-kahn/	

Fig. 39	Janela Interior	35
Fig. 40	Entrada principal da Igreja de Marco de Canavezes http://www.infopedia.pt/\$igrejadomarcocodecanaveses;jsessionid=M9wdHoW2gYH	35
Fig. 41	Interior do Pavilhão Serpentine Gallery, Londres. Peter Zumthor, 2011 http://www.socialdesignmagazine.com/pt/site/architettura/peter-zumthor-serpentine-gallery-pavilion-2011.html	36
Fig. 42	Distribuição interior http://arkinsomniaxxi.blogspot.pt/2011/02/las-termas-de-vals-de-peter-zumthor.html	37
Fig. 43	Tanque interior http://arkinsomniaxxi.blogspot.pt/2011/02/las-termas-de-vals-de-peter-zumthor.html	37
Fig. 44	Tanque exterior http://www.archdaily.com.br/br/01-15500/termas-de-vals-peter-zumthor/1995876804_change-room-copy/	37
Fig. 45	Corredor interior http://www.archdaily.com.br/br/01-15500/termas-de-vals-peter-zumthor/1995876804_change-room-copy/	38
Fig. 46	Vestiário http://www.archdaily.com.br/br/01-15500/termas-de-vals-peter-zumthor/1995876804_change-room-copy/	38
Fig. 47	Interior da Capela http://flickrhivemind.net/Tags/sichtbeton/Interesting	39
Fig. 48	Pormenor da Luz no interior da Capela http://en.wikipedia.org/wiki/Church_of_the_Light	40
Fig. 49	Janela Interior http://en.wikipedia.org/wiki/Church_of_the_Light	41
Fig. 50	Entrada do Crematório, Berlin, Alemanha Disponível em www.archdaily.com , Crematorium Baumschulenweg / Shultes Frank Architekten ArchDaily. Accessed 22 May 2013.	42
Fig. 51	Pormenor das Janelas interiores Disponível em www.archdaily.com , Crematorium Baumschulenweg / Shultes Frank Architekten ArchDaily. Accessed 22 May 2013.	42
Fig. 52	Átrio Principal http://flickrhivemind.net/Tags/sichtbeton/Interesting	42

Fig. 53	Palácio Valflores, 1960	43
	DGEMN- Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais	
Fig. 54	Brazão da Capela panteão dos Barros de Valflores	4
Fig. 55	Imagem aérea datada de 1970	44
	ADPACS Associação de Defesa do Património Ambiental e Cultural de Santa Iria de Azóia	
Fig. 56	Palácio e Quinta Valflores em 1978	45
	DGEMN- Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais	
Fig. 57	Foto datada de 1991	46
	ADPACS Associação de Defesa do Património Ambiental e Cultural de Santa Iria de Azóia	
Fig. 58	Palácio e Quinta Valflores, 1998	46
	ADPACS Associação de Defesa do Património Ambiental e Cultural de Santa Iria de Azóia	
Fig. 59	Vista de 2010, do Palácio Valflores	46
	ADPACS Associação de Defesa do Património Ambiental e Cultural de Santa Iria de Azóia	
Fig. 60	Situação atual do Palácio	46
Fig. 61	O corpo avançado do edifício domina a fachada	47
Fig. 62	Planta e Vista segundo Ottavio Bertolli-Scamozzi	47
Fig. 63	Fotografia do interior da loggia do palácio, 1998	48
	MATEUS, Luís, DFA, <i>Recuperação e Conservação do Património Construído</i> , Utl/Depart. Eng. Civil, 2007	
Fig. 64	Vista Nascente, 1998	48
	ADPACS Associação de Defesa do Património Ambiental e Cultural de Santa Iria de Azóia	
Fig. 65	Cunhal 2001	48
Fig. 66	IC2, Palácio Valflores, 2010	49
	MATEUS, Luís, DFA, <i>Recuperação e Conservação do Património Construído</i> , Utl/Depart. Eng. Civil, 2007	
Fig. 67	Palácio em 2010	49
	MATEUS, Luís, DFA, <i>Recuperação e Conservação do Património Construído</i> , Utl/Depart. Eng. Civil, 2007	
Fig. 68	Vista Sul, 1991	49
	ADPACS Associação de Defesa do Património Ambiental e Cultural de Santa Iria de Azóia	
Fig. 69	Marcação da zona vestibular	50
	ADPACS Associação de Defesa do Património Ambiental e Cultural de Santa Iria de Azóia	
Fig. 70	Entrada Principal	50
Fig. 71	Abóboda da capela	50
Fig. 72	Detalhe do Torreão	50
	ADPACS Associação de Defesa do Património Ambiental e Cultural de Santa Iria de Azóia	
Fig. 73	Detalhe da cobertura de madeira	50
Fig. 74	Alçado Sul	51
Fig. 75	Alçado Nascente	51
Fig. 76	Alçado Poente	51
Fig. 77	Alçado Norte	51

Fig. 78 Planta Piso – 1	51
Fig. 79 Planta Piso Térreo...	51
Fig. 80 Modelo Tridimensional do Terreno	52
Fig. 81 Arquivo da ADPCS Foto datada de 1995	52
Fig. 82 Registo do aqueduto ano 1970	53
Fig. 83 Registo do aqueduto ano 2008	53
Fig. 84 Planta de localização	54
Fig. 85 Análise Territorial	54
Fig. 86 Cúpula do piso Interior	55
Fig. 87 Pormenor do Varandim	55
Fig. 88 Detalhe do interior das sala no Piso 0	55
Fig. 89 Pavimento original da Capela	55
Fig. 90 Revestimento azulejar das paredes da capela	55
Fig. 91 Exterior da Loggia 2006	56
ADPACS Associação de Defesa do Património Ambiental e Cultural de Santa Iria de Azóia	
Fig. 92 Exterior da Loggia 2006 versus 2013	56
Fig. 93 Imagem dos novos volumes encastrados no terreno	57
Fig. 94 Revestimento azulejar disposto em xadrez, verdes e branco	57
ADPACS Associação de Defesa do Património Ambiental e Cultural de Santa Iria de Azóia	
Fig. 95 Painéis de Vidro Reflectores (Dia /Noite)	57
Fig. 96 Novos volumes em estudo dos alçados	57
Fig. 97 Pormenor do Tanque e chafariz da entrada sul Nascente	58
Fig. 98 Entrada nascente	58
Fig. 99 Acesso nascente á quinta	58
ADPACS Associação de Defesa do Património Ambiental e Cultural de Santa Iria de Azóia	
Fig. 100 Vista do Portico da entrada nascente	58
ADPACS Associação de Defesa do Património Ambiental e Cultural de Santa Iria de Azóia	
Fig. 101 Vista do acesso sul á quinta	58
Fig. 102 Quinta nos anos 90 do Seculo XX	59
ADPACS Associação de Defesa do Património Ambiental e Cultural de Santa Iria de Azóia	
Fig. 103 Quinta nos anos 70 do Seculo XX	60
ADPACS Associação de Defesa do Património Ambiental e Cultural de Santa Iria de Azóia	
Fig. 104 Quinta ano de 2001	60
ADPACS Associação de Defesa do Património Ambiental e Cultural de Santa Iria de Azóia	
Fig. 105 Organograma Funcional	61

Introdução

Este trabalho consiste numa proposta de reabilitação do Palácio e Quinta de Valflores, na freguesia de Santa Iria da Azóia. O Palácio encontra-se já num estado avançado de degradação, porém esta escolha, faz-se pela importância histórica deste lugar, e por conseguinte a necessidade de recuperá-lo, com o intuito de devolve-lo ao usufruto público.

Enquadramento

Esta Quinta de Recreio é, classificada, IIP, Imóvel de Interesse Público, Decreto n.º 28/82, DR, 1.ª série, n.º 47 de 26 fevereiro 1982 / ZEP, Portaria, DR, 2.ª série, n.º 213 de 14 setembro 1982, Portaria n.º 129/99, DR, 2.ª série, n.º 35 de 11 fevereiro 1999. Cujo valor excecional, devido às suas especificidades deverão ser integralmente preservadas. Este edificado foi, por conseguinte, classificado como Monumento Municipal em 2006.

Contrariando o abandono do Património Arquitetónico, pretende-se reabilitar o Palácio e a Quinta Valflores, dando-lhe uma nova vida e assegurando a sua memória e consequente enriquecimento. Pretende-se ainda, que o trabalho investigue, critique e proponha uma solução para uma articulação consistente entre o espaço da Quinta e os espaços que a envolvem, através da sua reabilitação e ampliação, apoiada num programa de hotelaria, numa compatibilização entre a memória do lugar e a atualidade. Propõe-se pensar neste lugar como um todo e não como partes desfragmentadas e desconexas.

Objetivo

A quinta corresponde às tipologias típicas das Quintas de Recreio, com todas as suas especificidades. Neste projeto, de carácter único, pretende-se valorizar e revitalizar a identidade do lugar, e o seu significado, através de uma ideia que transmita a consciência da nossa contemporaneidade respondendo às necessidades atuais.

Hipótese

Propõe-se realizar para o seu enquadramento teórico uma pesquisa onde se desenvolve mais aprofundadamente o universo das Quintas de Recreio e o significado dos elementos que as compõem.

É nosso objetivo demonstrar exemplos de reabilitações eficazes em casos idênticos ao do objeto em estudo, realçando deste modo os diferentes tipos de abordagem programática.

Uma vez que o tema do projeto consiste em “Projetar com o Lugar”, propõe-se explorar a hipótese de utilizar o entendimento de lugar, destacando as características que o torna único e irrepetível como um fator determinante no processo projetual.

Propomos ainda operacionalizar toda a pesquisa realizada, na idealização de um programa considerado adequado ao problema e que vai ser desenvolvido e aplicado à medida que se desenrola a proposta de intervenção.

Estrutura

O trabalho está essencialmente organizado em três partes. Na primeira é apresentada toda a pesquisa produzida relativamente aos temas propostos, assim como exemplos de reabilitações que serviram de premissa para o tipo de abordagem a adoptar. Posteriormente, na segunda parte o fator Luz na arquitetura, a sua perceção e o seu significado é também analisado, e sustentado em projectos de referência. Por fim, na terceira parte é também contextualizado o objecto de estudo e apresentada a proposta de intervenção na qual se procura relacionar o objetivo do trabalho com as soluções obtidas.

Metodologia

O percurso metodológico combina a componente teórica e prática (investigação, análise e projeto), o estabelecimento de objetivos estratégicos e a proposta de intervenção desde a escala do território à escala do pormenor.

A estrutura metodológica será desenvolvida através dos seguintes processos nas seguintes fases:

- PESQUISA BIBLIOGRÁFICA na caracterização dos temas teóricos (enquadramento teórico) e na caracterização do Lugar
- LEVANTAMENTO arquitectónico in situ com apoio de registo fotográfico
- UTILIZAÇÃO DA METODOLOGIA PROJECTUAL incluindo a utilização de esboços desenhos à mão levantada, e desenhos assistidos por computador na proposta de intervenção.

A.

Nesta etapa fez-se uma visita de reconhecimento ao imóvel e uma recolha bibliográfica. Para o efeito foram consultados os arquivos da Biblioteca Fa-utl e o site da Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) e Associação de Defesa do Património Ambiental e Cultural de Santa Iria de Azóia (ADPACS). Desta investigação resultaram alguns documentos apresentados em anexo. (Trata-se do Anexo I)

B.

Os desenhos recolhidos na fase anterior constituíram uma base para o registo, in situ, da Quinta e consequentemente da sua degradação. Dada a natureza do trabalho foi dado relevo a caracterização do Lugar. Este registo foi complementado com uma recolha fotográfica. (disponível em CD, anexo ao trabalho). A informação existente sobre esta Quinta era deficitária, e pelo estado de degradação actual do Palácio não foi possível registar o seu interior. Os elementos relativos a esta fase correspondem aos anos de 1995/2010 e encontram-se no (Anexo I e II).

C.

Com base na análise e interpretação dos elementos produzidos e recolhidos nas duas fases anteriores procedeu-se à elaboração projetual na sequência da caracterização do tema e subtema, uma apreciação que incidiu sobretudo num olhar mais aprofundado, ao estado da arte no que se refere a reabilitação e relevância da luz na arquitetura, delineando, assim, um caminho, uma estratégia interventiva. Mais uma vez, este equaciona os princípios que devem estar subjacentes a qualquer intervenção que se venha a realizar sobre esta Quinta, tendo em conta o seu valor patrimonial, cultural, histórico e construtivo. O trabalho termina com uma breve conclusão acerca dos temas desenvolvidos.

PRIMEIRA PARTE

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Projetar com o Lugar

“A arquitetura é a expressão de um tempo, já que reproduz a essência física do homem e revela nas relações monumentais do corpo o sentido vital de uma época”¹

O tema projetar com o lugar é uma matéria que tem espaço na arquitetura contemporânea, devido, como já mencionado anteriormente, ao esquecimento e degradação dos nossos monumentos e edifícios. Os usos que em outro tempo caracterizavam os edifícios admiráveis, e imprescindíveis, tais como mosteiros, conventos, quintas de recreio e Palácios, estão hoje, largados ao abandono parecendo não ser mais necessários à sociedade. Exemplo disso é o objeto de estudo, localizado no Concelho de Loures este, é um exemplar da arquitetura civil do séc. XVI. Trata-se de uma peça de arquitetura renascentista de influência italiana e como muitos outros, não deve ser extinto.

Conceito de *Lugar*

“(...) os valores básicos que interagem com o lugar estão muito para além das circunstâncias do momento, pois o modo de questionar qual o seu sentido mais profundo e o que é que permanece como identidade peculiar de cada lugar é o que os torna diferentes, constituindo uma entidade única e irrepetível, potencializando uma experiência que só a verdadeira arquitetura é capaz de transmitir.”²

Projetar com o Lugar não se restringe a inserir um qualquer elemento novo num determinado contexto.

¹ Wölfflin, Heinrich. *Principles of history of art*, in Maria João Madeira Rodrigues, *o que é Arquitectura*, Quimera, p.17.

² Duarte, Rui Barreiros, *Arquitectura e Vida*, April 2002, p.69.

Qualquer acontecimento deverá estar, obrigatoriamente, relacionado com a sua localização específica. Sendo assim, e tendo em conta, a linha de pensamento dos arquitetos Noberg-Schultz e Bruno Zevi faz-se uma análise sobre o conceito de lugar.

Nobert-schultz

Nobert-Schultz procurou na filosofia grega uma reflexão sobre o conceito de lugar. Para os gregos cada lugar era regido por um deus, *genius loci*, ou o espírito do lugar.

Genius Loci

Vindo da antiguidade, o conceito, *Genius Loci ou Espírito do Lugar*, faz-nos compreender e reconhecer a importância de se criarem as condições ideais para habitar e qualificar os sítios, tornando-os lugares, significativos.

“O Genius Loci demonstrou, em muitos casos, ser bastante forte para predominar acima dos ciclos das mudanças políticas, sociais e culturais. Tal resulta, por exemplo, para cidades como Roma, Estambul, Paris, Praga e Moscovo. Certamente, a ‘verdadeira grande cidade’ caracteriza-se por um Genius Loci especialmente pronunciado.”³

Segundo este autor a arquitetura, analítica e científica do seu tempo, o Movimento Moderno, conduziu à carência do carácter concreto da envolvente do edifício, dos seus valores e das suas propriedades de reconhecimento do Homem com o Lugar, afirmando que o lugar é mais do que uma localização geográfica, ou seja, mais do que um simples espaço.

Criando o conceito de “Espaço Existencial”, uma denominação que entende as relações básicas entre o Homem e o seu meio envolvente, Noberg-Schultz destaca a importância da experiência das cidades antigas e da História como património indispensável na asserção do carácter e consolidação do lugar.

³ Norberg-Schulz, Christian, *Existencia, Espacio y Arquitectura*, ed. Blume, Barcelona, 1975, Cit., p.33., p.13.

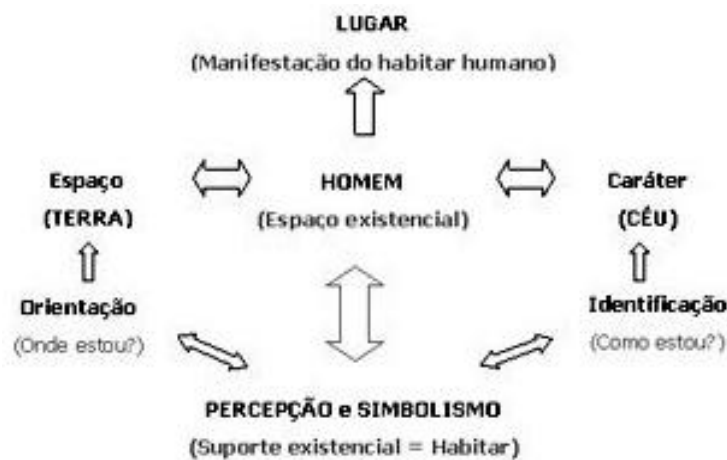
O lugar é entendido por este como um todo composto por coisas concretas, como a cor, a forma, a textura. Juntas, estas determinam o “carácter ambiental”, o carácter do meio envolvente que é a essência do lugar.

O carácter do Lugar, é portanto, estabelecido pelas características próprias que constituem o Lugar, pelos fenómenos concretos que permitem e condicionam o habitar e o reconhecimento do Homem com um determinado ambiente espacial.⁴

Carácter do Lugar

A escala, os silêncios, os pontos de vista, as articulações, as distâncias constituem estruturas organizativas, algumas não construídas, mas que têm relevo, este decisivo nas correlações que estabelecem com o lugar.

Este carácter está também, diretamente relacionado com o tempo e expressa-se de forma diferente com a mudança das estações, com o passar do dia, com o clima e, associada a estes fatores, com as condições diferentes da luz. A luz não é só o mais genérico fenómeno natural, mas também, o menos constante. As condições de luz mudam com o decorrer do dia – à noite o escuro preenche a totalidade do espaço, e está intimamente ligada aos ritmos temporais da Natureza. Norberg-Schulz, conclui, assim, que a estrutura de um Lugar,



[Fig.1] Esquema de Conceito de lugar, segundo Norbert-Schulz.

⁴ Amílcar de Gil e Pires, *Carácter da Arquitectura e do Lugar*, ARTiTextos06. Julho 08, p.116.

seja ele natural ou construído, é composta por duas categorias: o espaço (terra) e o carácter (céu), que sendo analisadas pela percepção e pelo simbolismo permitem o suporte existencial, ou seja, a capacidade de habitar, ao homem. É um sistema em constante crescimento, que reflete sobre as carências atuais apoiando-se sempre na sapiência e experiências legadas pela tradição, mas propagando a consciência da nossa contemporaneidade.

Assim, há que salientar que a diferença entre “sítio” e “lugar” manifesta-se não em valores quantitativos, mas qualitativos.⁵ Projetar com o lugar não se restringe a inserir um qualquer elemento novo num determinado contexto. Qualquer acontecimento deverá estar, obrigatoriamente, relacionado com a sua localização específica. Esta relação não concebe apenas os fatores físicos; mas todas as relações sensíveis proporcionadas pelo lugar, a sua natureza concreta, existencial, e cultural. Há ainda uma preocupação, no modo como se relaciona este elemento novo numa paisagem pré-existente, um fator específico num “lugar” singular. O lugar admite a asserção de um carácter ou atmosfera próprios, e enquanto facto qualitativo, tem uma abrangência que vai além das simples relações espaciais, que ainda que muito eloquentes não são fundamentais para a caracterização e explicação do âmagio e natureza concreta do Lugar.

“Conforme as definições e origens das duas palavras, entre os dois conceitos, entende-se, que o lugar é o espaço, ou seja, habitado, uma vez que uma de suas definições indica sentido de povoado, região e país, neste contexto, habitar expande à ideia de espaço um novo elemento, o homem. O espaço adquire significado e valor pela simples presença do homem, seja para acomodá-lo fisicamente, como o seu lar, ou para servir como “palco” para as suas atuações.”⁶

⁵ Muntaniola Josep, *Arquitectura e Vida*, April 2002, p.66.

⁶ Nobert-Schultz, Christian, *Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture*, Ed Rizzoti, New York, 1984

Bruno Zevi

Já o autor Bruno Zevi descreve o conceito de *lugar*⁷ afirmando que as quatro fachadas de um edifício constituem apenas a caixa dentro da qual está encerrada a joia arquitetônica, isto é, o espaço. O autor coloca assim, como o protagonista da arquitetura o espaço, o vazio. Zevi considera o espaço e o vazio como unívocos. Para ele, a arquitetura não resulta de um conjunto de larguras, comprimentos e alturas dos elementos construtivos que confinam o espaço, mas justamente deste vazio, do espaço encerrado, do espaço interior em que os homens andam e vivem.

Acima de tudo Lugar/Espaço é experiência e *“A mais compreensiva e talvez a maior experiência arquitetônica é o sentido de estar num Lugar incomparável. Parte desta intensa experiência do Lugar é sempre uma sensação de algo sagrado: este Lugar. Uma casa pode ser construída para intentos práticos porém, de facto, é um instrumento metafísico, um instrumento mítico com a qual nós tentamos introduzir uma reflexão de eternidade na nossa breve existência.”*⁸

⁷ ZEVI, Bruno. *Saber ver a arquitetura*, 5ª edição. São Paulo, Martins Fontes, 1996

⁸ PALLASMAA, Juhani *The Geometry of Feeling, A Look at the Phenomenology of Architecture*, in Kate Nesbitt, *Theorizing a new agenda for architecture: an anthology of architectural theory: 1965-1995*, Ed. Princeton Architectural, New York, 1996, p.452.

Lugar de Memória

“...Un rispetto non feticistico personalmente vissuto ed originalmente espresso, per l’antico tradotto in un rapporto vivo, dialógico, com il monumento in un rigoroso rispetto per la sua storia.”⁹

Fenomenologia

A memória exprime um grande valor na existência humana. As recordações de infância, constituem um elemento importante na análise fenomenológica da arquitetura, pois as imagens e sentimentos despertados são os que talvez mais se aproximam do verdadeiro entendimento da percepção espacial. Ao refletirmos sobre as nossas memórias, não temos percepção das janelas, das portas e dos espaços que povoamos como elementos fundamentais da composição arquitetônica, mas sim, como atributos de referência das sensações que nos despertaram pela sua transposição.¹⁰ *“não se trata de fazer verificar, de fornecer uma informação neutra, mas de excitar, pela emoção, uma memória viva.”¹¹*

A memória da arquitetura é útil à Arquitetura em três aspetos na medida em que é a História da arquitetura que lê os edifícios, e divulgando o processo gerador daquelas obras, *clarifica* o ser dessas arquiteturas, transformando, portanto, aquelas entidades físicas em *conhecimento operativo* à arquitetura contemporânea.

. Logo o conceito de *radiação*¹², no que se refere à memória da arquitetura estabelece o percurso e assimilação do passado pelo presente, ou seja; o conhecimento histórico da arquitetura. Este também útil á Arquitetura, como finalidade, pois, tal como a Memória, é essencial na Arquitetura.

⁹ M.A. Crippa: Liliana Grassi il pensiero, i restauri, i progetti. Milano, Assicurazione Generali S.P.A., 1986.

¹⁰ Juhani Pallasmaa, The Geometry of Feeling, A Look at the Fenomenology of Architecture, in Kate Nesbitt, Theorizing a new agenda for architecture: an anthology of architectural theory: 1965-1995, Ed. Princeton, Architectural, New York, 1996, p.450.

¹¹ Françoise Choay, A Alegoria do Património (Monumento e Monumento Histórico), Maio 2006, p.16

¹² Os Palácios da Memoria percurso critico sobre o restauro do Arq. Pedro Abreu vol.1996 UTL disse atenção Reabilitou da Architectura e Núcleos Urbanos de Pedro Abreu

A relação entre a Arquitetura e a Memória é funcional nos dois sentidos. Por um lado, a Memória social e individual necessita da arquitetura como entidade que a armazena e expõe. Por outro a arquitetura necessita de Memória para a caracterização do seu próprio ser e para a informação do seu processo genético.¹³

A memória está intrinsecamente ligada à arquitetura, pois é o mecanismo através do qual se realiza a retenção dos arquétipos e modelos que constituirão os “exemplos tipo” pelos quais avaliaremos situações análogas. “ *A riqueza de uma obra de arte reside na vitalidade das imagens que desperta e, paradoxalmente, as imagens que dão origem à maioria das interpretações surgem das formas arquetípicas mais simples*”¹⁴ Cada sítio é um Lugar novo e é preciso defronta-lo e percebe-lo com todas as particularidades que lhe são intrínsecas. O procedimento de composição parte de uma clarificação dos valores existentes no lugar conjugados com fragmentos da memória, reorganizando-as dentro de uma lógica integradora de princípios organizadores do espírito do lugar. A arquitetura não é uma elementar representação de dados do passado, por outro lado, ela conduz-nos a um contexto, é uma jornada no tempo que faz introdução à história, sendo por isso a entidade que melhor conserva e defende a memória. A título de exemplo a Igreja de Marco de Canavezes, da autoria do arquiteto, Siza Vieira nesse sentido, é um modelo de que a memória pressupõe a evocação de referências do passado no presente, sendo nesta obra evocadas reminiscências classicizantes.

¹³ Idem

¹⁴ idem

No Âmbito da Reabilitação e (Re) conversão

A Preservação do Património

The street is an urban living room bounded by buildings that have grown, changed, and modified over time. Old, new, remodeled, and “face-lifted”, they represent a “family” of buildings and are as interdependent as human family. As they grow older their functions may change, but their potential for contributing to the overall good remains.¹⁵

Lefebvre

Referindo Lefebvre, que afirma que em toda parte a monumentalidade difunde-se, irradia-se, condensa-se, concentra-se. Um monumento vai além de si próprio, da sua fachada (se tem uma), do seu espaço interno. A monumentalidade pertence, em geral, à altura e à profundidade, à amplitude de um espaço que ultrapassa seus limites materiais. Pode dizer-se que o monumento, Palácio e Quinta Valflores, é a interface material entre Memória e Arquitetura, é por definição o objeto arquitetónico onde a Memória esta plasmada. Sendo assim, os monumentos são como José Régio declara *“a realidade presente do passado”*.

A complementação das várias especialidades para um projeto de reabilitação permitem um maior equilíbrio de valores. Estes podem ser estéticos, artísticos, históricos, arquitetónicos, simbólicos, ou de outras categorias, mas o seu uso deve respeitar a autenticidade do património, seguindo a ideia defendida pela *Carta de Veneza* (art.9) *“O restauro termina onde a hipótese começa”*. A importância da existência deste projeto vem ainda enunciada na *Carta de Cracóvia 2000 – Princípios para a Conservação e Restauro do Património Construído*: *“The conservation of built heritage is implemented by the project of restoration, including the strategy to conserve in the long run. This restoration project should be based on a range of appropriate technical options and prepared in a cognitive process of gathering knowledge and understanding of the building or site (...) All pertinent disciplines have to participate in the restoration project and the co-ordination should be carried out by a person qualified and well trained in conservation and restoration”* (Article 3).

¹⁵ Austin. R. L. *Adaptive Reuse and studies in building preservation*, Van Nostrand Reinhold Company, 1988

Deste modo as premissas da reabilitação do Palácio Valflores, abrangem os seguintes conceitos ideais do restauro moderno: “Conhecer para intervir” e “Prever, educar e prevenir”.

“The purpose of conservation of historic buildings and monuments, whether in the urban or rural context, is to maintain their authenticity and integrity (...) Such conservation requires an appropriate “project of restoration” that defines the methods and aims”. (Article 6).

Porquê Reabilitar?

“Architectural decoration, sculpture and artifacts that are an integrated part of the built heritage should be preserved through a specific project connected to the general project(...)” (Article 7).

Em 2005, Aguiar e Pinho afirmavam que, contrariamente ao esperado, nas últimas décadas houve poucas intervenções de reabilitação, permanecendo a prática das construções suburbanas, o que tem como consequência o facto de Portugal ser um dos países com maior número de fogos devolutos.¹⁶ Esta conjuntura, anómala, sublinha a importância da reabilitação para o futuro do país. Tanto mais que o que se verifica atualmente é que nos deparamos com uma situação de quase estagnação da construção. Assim, hoje reabilitar é, mais do que nunca uma necessidade.

¹⁶ Aguiar, J.& Pinho, A. *Reabilitação em Portugal: A mentira denunciada pela verdade dos números*. Arquitecturas, nº5, Outubro, pp.4-5.

Construção e Adaptação do Monumento a Novos Usos Contemporâneos



[Fig.2] Pormenor do aqueduto da Quinta Valflores



[Fig.3] Aqueduto

“Building is not something you finish. Building is something you start.”¹⁷

A experiência directa com o nosso caso de estudo, deu as bases para poder formular uma proposta de um estudo de reabilitação. Os dados recolhidos sobre este monumento, foram o somatório das observações, do registo das intervenções, do estudo de documentos e ainda da realização de alguns levantamentos pontuais. Neste processo, foram colocadas diversas questões sobre o contexto das ações de reabilitação, os seus benefícios e as estratégias utilizadas para proteger e conservar a herança de todos.

Entendeu-se que a conservação e o restauro do património, dependem do conjunto de factores intrínsecos ao próprio objeto, ao seu meio envolvente e às condições socio-culturais. Estas ao serem abrangidas na metodologia de projeto, vão contribuir para o respeito dos valores da obra, possibilitando adequar o tipo de intervenção às várias condições existentes e às suas prioridades.

Procurou-se conservar e restaurar a heranças histórica, cultural, e social que estão associadas ao Palácio, mantendo, sempre que possível, os materiais originais.



[Fig.4] Loggia do Palácio

¹⁷ Brand. S . *How buildings learn*, New York, NY: Viking Of Penguin, Books USA Inc, 1996

Deste modo permitiu-se a criação e gestão dos elementos necessários para que o monumento se adapte à época actual e às futuras, tais como, a criação de um restaurante, um bar e um espaço lounge, integrados no complexo na pousada, mas independentes desta. Isto é, procurou-se manter as características existentes, mas adaptar o património face às condições de vida da sociedade em que se insere e face à alteração das condições do ambiente e do próprio lugar.



[Fig.5] Interior de uma das Salas do Palácio.

O trabalho de investigação que se desenvolveu sobre as origens desta Quinta de Recreio além de aprofundar a história do edifício, identifica, as condições existentes a nível de materiais, sistemas construtivos conseguindo traçar as patologias existentes; Identificar as prioridades para a recuperação geral do Palácio para que o monumento se mantenha como um património vivo.

Desta forma estabelece-se as estruturas necessárias que permitam uma sustentabilidade física, do complexo arquitetónico, sem que este perca o seu carácter. De uma maneira geral, a estratégia de intervenção traçada relaciona-se com a sustentabilidade, com o programa de usos e com as atividades e as formas de divulgação do património, que no caso de Valflores, a proposta de intervenção, prende-se com a valorização do Palácio como monumento de carácter público

A clarificação destes elementos contribui para a organização do campo de acção da estratégia. E a definição das prioridades das intervenções depende do modo como pode alterar as obras de arte, (fragilidade das obras) e da dificuldade de execução das intervenções. Depende também dos danos resultantes da degradação, e consequentemente do valor do orçamento necessário para realizar uma intervenção adequada.¹⁸

Dito isto, conclui-se que a designação de projeto de reabilitação deve incluir vários tipos de intervenção, como a conservação, a prevenção, e a sua manutenção.

¹⁸ AGUIAR, José; Pinho, Ana; Paiva, Vasconcelos, "Guia Técnico de Reabilitação Habitacional". Lisboa: INH/LNEC, 2006.

Estado dos Conhecimentos

Lugares de Referência

Quintas de Recreio

Neste ponto analisamos seis casos de referência que correspondem a obras que foram selecionadas tendo em conta alguns parâmetros definidos na metodologia e que correspondem a importantes temas abordados neste trabalho: a reabilitação, o conteúdo programático e as características sensoriais relevantes. A questão da reabilitação de edifícios, tais como as Quintas de Recreio serão o primeiro tema a abordar.

“Designa-se Quinta de Recreio à propriedade rústica que, independentemente da extensão, encerra terrenos de cultivo, pomares, e hortas. Edifícios de apoio à exploração agrícola e pecuária, habitações de trabalhadores rurais e, junto à residência do proprietário, zonas de lazer, nomeadamente, fontes, lagoas, pombais matas, jardins, e pavilhões variando em função do estatuto social dos moradores”¹⁹

No início, estas construções eram criadas de modo a fecharem-se sobre si próprias, com uma planta centralizada num pátio interior rodeado por arcadas à semelhança de um claustro conventual. Com o tempo esta concepção abriu-se para um modelo de construção mais livre e aberta com uma forte relação com a natureza. As fachadas são deste modo, mais permeáveis, ampliando o número de aberturas através da utilização de varandas e *loggias*, e a afinidade com a paisagem e o exterior é acentuada através dos jardins que se estendem a partir da casa de forma espontânea.



[Fig.6] Quinta da Bacalhoa

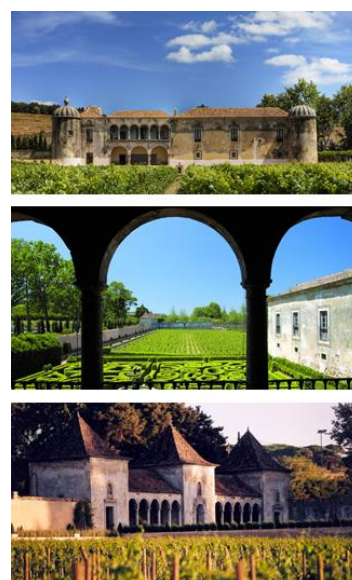
“Chateau” ou “villa”, são designações universais e ajustáveis a edifícios de outras regiões, no entanto, estas não traduziam a especificidade do que se assistia em Portugal.

¹⁹ Marieta Dá Mesquita, História da Arquitectura, Uma Proposta de Investigação – O Palácio dos Marquês de Fronteira como Situação Exemplar da Arquitectura Residencial Erudita em Portugal, Tese de Doutoramento em História da Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 1992 (Policopiado),

Por conseguinte, foram designadas de Quintas devido às suas particularidades independentemente da língua em que eram referidas. O termo torna-se adequado, pois designa *“uma unidade que inclui campos abertos de cultivo, outros circunscritos, muitas vezes murados, com construções de apoio à agricultura e à criação de animais, conforme a especificidade da sua utilização e o estatuto social dos seus habitantes, aparecem as zonas de recreio: jardins, pequenos lagos, fontes ou manchas de arvoredo.”*²⁰

Em Portugal, no séc. XVI, as primeiras quintas de recreio que, apesar de continuarem a assegurar a anterior função de produção hortícola, acabaram por se transformar em objetos de imenso investimento pessoal e económico por parte dos seus proprietários, de maneira a torná-las principalmente espaços de lazer, de fruição, de convívio e também, claro, de ostentação e de afirmação de poder.

As Quintas de Recreio têm influências islâmicas e dos paradigmas italianos e são tipologias que reúnem várias funções. Estas eram caracteristicamente constituídas como já citado, pela casa do proprietário, a construção nobre, rodeada por outras estruturas de apoio ligadas ao cultivo. O espaço exterior era povoado por espaços de lazer jardins, pomares, espelhos de água. E estas características foram integradas na concepção do projeto de Reabilitação do Palácio e Quinta Valflores de forma a criar um programa apropriado que respeitasse as suas origens históricas e o espírito do lugar.



[Fig.7,8,9] Quinta da Bacalhoa, Interior da Loggia, casa de fresco, respectivamente.

²⁰ João Vieira Caldas, A Casa Rural dos Arredores de Lisboa no Século XVIII, s.n., 1999, p.18.

Estas propriedades são, então, um todo organizado, sendo apreciadas não só pela nobreza da sua arquitetura, mas principalmente pela sua implantação, pelo *bucolismo* do ambiente em que se incluem., pelas oportunidades que oferecem através de agradáveis passeios pelas, matas e jardins formais pomares, e hortas. O arvoredado opera como barreira protetora, tanto da envoltória exterior como dos ventos, fornecendo a amenidade climática indispensável para a produção agrícola e ao ambiente aprazível. O jardim formal perfaz o espaço verde, e é um remate à própria arquitetura, por conseguinte gera-se a partir de eixos lineares e é regrado geometricamente. Este possui uma forma quase sempre quadrada.²¹

Na época de D. João V, as quintas eram usadas sobretudo como habitações secundárias, onde os seus proprietários se mudavam para desfrutar do ar mais saudável, dos passeios pelos jardins ou apenas para controlar a produção agrícola.

A casa, ou Palácio, funciona como o elemento unificador da Quinta de Recreio possuindo um programa e arquitetura próprios. Constituindo o núcleo de uma propriedade de recreio, podendo agregar um conjunto de construções de apoio tais como estábulos, celeiros, lagares e armazéns, assim como os serviços diretamente ligados à casa como a cozinha.

Por fim também os arranjos paisagísticos, cujo ordenamento não era de todo indiferente ou aleatório.



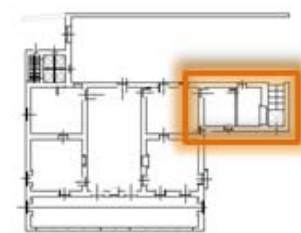
[Fig.10] Quinta da Bacalhoa, Casa de Fresco.

Estas casas estavam organizadas em dois pisos, estando a habitação instalada no piso superior e os serviços no piso térreo. No interior, uma vez que os corredores eram quase inexistentes, a travessia de um compartimento para o seguinte era feita quase diretamente.²²

²¹ Amílcar de Gil e Pires, *Vilegiatura e Lugar na Arquitetura Portuguesa*, Doutoramento em Arquitetura. FA/UTL, 20 de Fevereiro de 2008, p.367.

²² Caldas, João Vieira, *A Casa Rural dos Arredores de Lisboa no Século XVIII*, s.n., 1999, p.18.

As escadas eram normalmente construídas no exterior como sinal da existência de outros pisos e consequentemente de riqueza. No que se refere á cozinha estas aparecem no piso térreo encostada ao corpo do edifício em apêndice, sendo o forno, um corpo saliente da construção.



[Fig.11] Planta Valflores, Piso 1 - Cozinha em apêndice.

A rodear a casa as fontes, além de embelezar, teriam de fornecer a água para a habitação e para os animais. Os lagos seriam também tanques de rega, os jardins com espécies ornamentais. Exemplo incontornável das Quintas de recreio em Portugal é a Quinta da Bacalhoa, obra magnífica. Esta mansão quinhentista é considerada como o mais importante repositório da azulejaria primitiva em Portugal.

A propriedade foi adquirida, nos anos 60, por Mrs. Orlena Scoville, que iniciou uma obra de salvamento e reconstituição da quinta, transformada em pousada obra de consolidação que sem a qual esta propriedade não se encontraria nas condições atuais.

D Jorge Manuel descreve, em 1631 esta Quinta como sendo. *“Umás casas muito grandes e muito nobres, edificadas com varandas de todas as partes e casas e muitas salas, camaras recamaras, postas de parte do norte e do levante, ficando a quinta e pomar com seus jardins da parte sul e poente. e na entrada que está em um pateo muito grande e com os seus portais, cerrado de muro, em que se correram e podem correr touros, está seus balaustres de mármore, que forma a entrada da primeira uma escada toda de pedraria com uma volta, toda com sala.*

Possui também «jardim e um pomar contíguo às casas e jardim, que lhe ficam para a parte levante» no jardim, há «um tanque com 29 varas de canto a canto do qual se rega o pomar o qual é alimentado com a água do rio de Simão Tem o dito tanque na cabeceira, pela parte sul cinco casas. A quinta incluía uma vinha, casas de criados, lagares de azeite e vinho, estrebaria e cocheiras. Além dos primorosos azulejos que a ornamentam. de prazer armadas com colunas de jaspe e forradas todas de azulejos.»²³

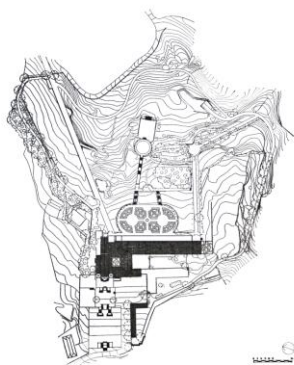
²³ Descrição completa em <http://www.igespar.pt/en/patrimonio/pesquisa/geral/>

Convento S. Marinha da Costa

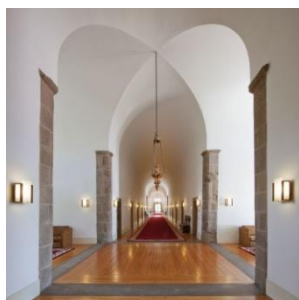
1972, Fernando Távora

Este pavilhão é uma fatalidade se tivesse sido feita pelos frades do século XVIII seguramente seria algo parecido.” (Távora, 1972)²⁴

O projeto de reconversão das ruínas do convento, de Santa Marinha da Costa, de Fernando Távora, tem um valor ímpar na história recente da arquitetura portuguesa. Uma obra notável que constituiu um arranque de uma nova era da história do património. Esta pousada vem de encontro ao tema desta dissertação, na medida em que protege requalifica e valoriza o lugar.



[Fig.12] Planta Convento Marinha da Costa, 1972



[Fig.13, 14] Convento novo volume, e sala interior.

O antigo convento situa-se na encosta da Penha, perto da cidade de Guimarães e foi construída sobre um pequeno templo do século IX, passando a mosteiro no século XI. Já no século XVI foi lá instituído um colégio instalado pela ordem de S. Jerónimo. Este mosteiro que nos anos setenta passou a pousada para além das construções existentes, foi-lhe acrescentado um corpo novo rebaixado contrastando com o restante edifício, como é visível na [Fig.13]. Além do jardim é possível ver a descoberto vestígios arqueológicos das ocupações pré-românicas e românticas. O processo de recuperação do convento, sintetiza as duas vertentes a considerar na recuperação de uma preexistência: o conhecimento rigoroso da sua evolução e dos seus valores através da arqueologia e da história, além de uma consciência criativa na avaliação destes valores e na elaboração do processo da sua transformação. Távora trabalha e molda a preexistência, *“O seu desenho de moderno não é mais do que inclusivo é um projeto silencioso.”*

Esta arquitetura contribuiu já para a longa vida do convento conservando e reafirmando os seus espaços mais significativos e cria novos espaços resultantes de condicionalismos programáticos. Promovendo um diálogo afirmando mais as semelhanças e a continuidade do que cultivando a diferença e a rutura.

²⁴ Coelho Paulo, (2011) F. Távora, *Coleção Arquitectos Portugueses*, Quidnovi e autores

Mosteiro S. Maria Flor da Rosa

1991, Carrilho da Graça

Outra obra incontornável no panorama da Reabilitação em Portugal foi anteriormente uma residência da nobreza, pois trata-se de um edifício que terá sido local de residência monástico – feudal.

Este paço-mosteiro designado Mosteiro de Santa Maria da Flor da Rosa, fundado a partir de 1351, está ligado às Ordens de Malta e Hospitalários. Porém ao longo do tempo o edifício foi sofrendo algumas intervenções inadequadas que contribuíram para a alteração da sua aparência original.

Recuando a 1991, encontravam-se em renovação um grande número destes espaços. Sendo o que se discutia na época era a filosofia de intervenção: *Separar o antigo do novo ou conjuga-los?*

Esta obra encontra-se implantada numa planície ao longo da fronteira com Espanha. A proposta parte da introdução de uma nova estrutura espacial de celas, o redesenho do antigo claustro, da igreja e respectiva torre.

A intervenção do arquiteto. Carrilho da Graça sugere uma abordagem dialéctica entre a preexistência e uma nova estrutura de linguagem independente. O novo volume, assim como as alterações feitas no interior da preexistência mostram a capacidade intencional de reivindicar uma expressão formal que se torna claro no distanciamento que existe entre o existente e as novas estruturas geométricas. A ruptura e/ou continuidade é visível na escolha dos materiais e nas suas combinações. Através da sua volumetria e cor, altera-se a leitura dos alçados. As grandes superfícies dos volumes brancos deixam clara a presença de uma nova intervenção. Existe também uma clara vontade de dar continuidade na utilização da tinta branca aplicada no betão, mantendo a mesma leitura das paredes de terra caiadas da arquitetura envolvente. A ruptura está presente na parede de pedra, de forte presença, que declara a distinção física do novo volume a um pré-existente de identidade clara.

Assim dentro da filosofia definida para a intervenção esta pousada pode considerar-se irrepreensível.



[Fig.15] Mosteiro



[Fig.16] Encontro da nova proposta com a preexistência



[Fig.17] Sala interior

Convento de Sta. Maria do Bouro

1994, Eduardo Souto Moura

Outra das obras de referência no que concerne à reabilitação em Portugal é o Convento de Santa Maria do Bouro, de Eduardo Souto Moura em 1994. Para este arquiteto a ruína pode ser funcional e operativa fornecendo material para a construção, ou pelo contrário contemplativa fornecendo referências semânticas para o desenho.

Na reconversão do Convento de Santa Maria do Bouro classificada atualmente de *Pousada Histórica Design*, o desafio prendia-se com a construção de um programa substancialmente novo, já que a ruína devia ser adaptada à pousada. Não fazendo sentido uma operação de mera consolidação e reconstituição do que restava do convento, tanto que as suas pedras serviram para construir um novo edifício.

Em algumas salas sucessivas foram retiradas as portas para criar um espaço contínuo, deixando apenas os respetivos vãos, tendo sido usadas algumas dessas mesmas portas como painéis decorativos colocados nas paredes.

O arquiteto procurou dar continuidade à vida do mosteiro através da sobriedade e justeza. É uma intervenção contida e precisa. Que não ignora a memória sobre a qual foi chamado a intervir.²⁵

Apesar de assumir uma atitude de intervenção é visível na obra e no discurso do arquiteto sobre ela a preocupação de preservar um certo sentido da história do edifício e do lugar.

O antigo e o novo estabelecem um diálogo que valoriza ambos e estabelece entre eles uma continuidade fundamental quando falamos de projetar com o lugar.



[Fig.18,19] Convento, alçado sul e Restaurante.

²⁵ SANTOS, André e SILVA, Helena Sofia, (2011), Souto Moura, Coleção de Arquitectos Portugueses, Quêdnovi e Autores

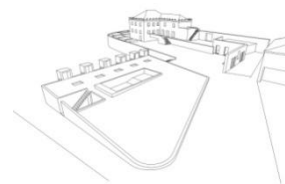
Paço do Pombeiro

2008, EZZO

“Unidade hoteleira”, com uma escala e sentido de intervenção idêntica, é o Hotel Rural do Paço do Pombeiro dos EZZO. A intervenção não se afasta muito do “modelo” mais habitual em casos semelhantes, ou seja, recuperação de construções existentes, e construção de uma “ala” destacada com novos quartos.

Este imóvel de interesse Municipal encontra-se em vias de classificação pelo IGESPAR. Porém, *“De princípio, foi uma torre somente, fundada em 1163 por Dom Reymão Paez de Riba Vizela”*. O Paço de Pombeiro de Riba Vizela situa-se no Concelho de Felgueiras. É um edifício austero, coroado de ameias, de aresta biselada, apresentando hoje todas as comodidades para uma estadia de sossego.

No que se refere ao novo edificado, este procura não sobressair na envolvente. A sua forma e textura surge da ideia de não acrescentar algo ao terreno, estando a sua volumetria bastante condicionada ao existente e á ideia de subtração. Totalmente realizado em betão, as suas paredes exteriores foram trabalhadas de forma a aproximarem-se da textura e tonalidade do terreno.²⁶ Os novos quartos surgem confortáveis e protegidos no interior de um volume unitário situado a uma cota mais baixa e perpendicular ao edifício principal de forma a garantir a privacidade dos hóspedes. No interior, dividem-se em três zonas distintas: à entrada, uma sala de estar voltada para um grande envidraçado com vistas para os campos a nascente. Com esta disposição consegue-se proteger as áreas de maior privacidade sem se prejudicar a relação do quarto com a paisagem. O interior, paredes, tecto e pavimento estão pintados com a mesma cor para garantir o conforto e uniformidade do espaço interior. As torres que marcam a entrada de cada um, guardam as formas das ameias do edifício principal e potenciam no observador diferentes experiências na relação com todo o contexto. O acesso individual e exterior, idênticos aos dos campos em redor, procura aproximar os visitantes do carácter rural da paisagem envolvente.



[Fig.20] A Intervenção.



[Fig.21] Volume dos quartos

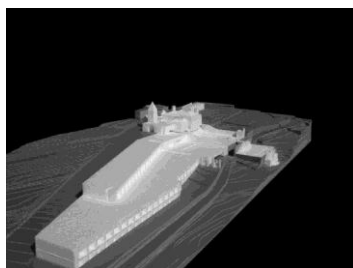


[Fig.22] Quarto interior.

²⁶ <http://www.pacodepombeiro.pt/en.html>

Palácio de Estoi

2009, Gonçalo Byrne



[Fig.23] Maquete de intervenção



[Fig.24] Palácio de Estoi



[Fig.25] Piscina Exterior.



[Fig.26] Novo Corpo.

Articulando o projeto com o Lugar, lugares que possuem já uma linguagem forte (associada  época de construção) e com o objetivo de os transformar em espaços de carácter experimental, torna-se essencial compreender como espaços de características particulares influenciam o processo de criatividade individual e coletivo. Um bom exemplo disso é a Pousada de Estoi, de Gonçalo Byrne, esta reforça a centralidade do Palácio de Estoi e o seu relacionamento com os jardins que lhe pertencem. A intervenção é globalmente um amplo trabalho de restauro que se estende aos edifícios do Palácio.

As novas edificações propostas, assim como o sistema em plataformas do mesmo, são sempre propostos no sentido de fortalecer também a continuidade altimétrica e planimétrica dos diferentes estratos dos jardins superiores, na sua articulação com os novos corpos edificadas, ampliando e valorizando jardins e conjunto edificado existente.

O Plano de Intervenção de Estoi, tem ainda subjacente a promoção de um conjunto de atividades concertadas que contribuem para o desenvolvimento harmonioso e sustentável da Aldeia, aproveitando as potencialidades existentes. O processo de reanimação de Estoi passa assim por um aumento da sua visibilidade, quer no contexto interno quer no externo. *"O objetivo principal é chegar a uma pousada de grande qualidade, mas com uma leitura exterior discreta em que a mais-valia que acrescenta ao conjunto patrimonial existente resulta precisamente da recusa em disputar protagonismo visual. Harmonizar arquiteturas no sentido de valorizar ambas reabilitando e reforçando significativamente a atratividade patrimonial de Estoi."*²⁷

²⁷ BYRNE, Gonçalo, Revista Archinews, Editora Insidecity, Lda., Lisboa, 2009

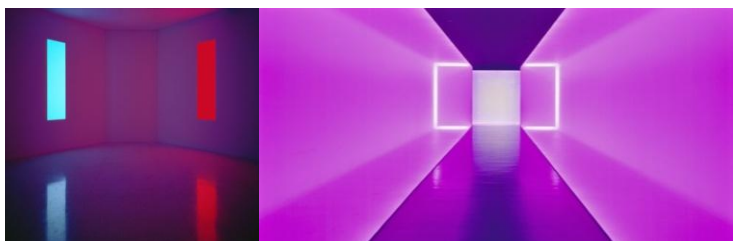
SEGUNDA PARTE

PROJETAR COM A LUZ

Luz e Sombra|Percepção e Significado do Ambiente Luminoso

De maneira indirecta a luz influi profundamente sobre a personalidade do indivíduo, refletindo-se nos modos de expressão artística, pois quase todos se comunicam pela vista.

Dito isto e estabelecendo que a Luz é um dos principais elementos na percepção do espaço arquitetónico e como tal indutora do comportamento dos seus utilizadores, tenta-se validar esta afirmação analisando obras de arquitetos como, Louis Khan, Tadao Ando, Peter Zumthor entre outros arquitetos. No entanto faz sentido iniciar este percurso analisando o factor luz no espaço arquitetónico, e como este o influencia, com o artista plástico, James Turrell que tem como tema central do seu trabalho a luz.. Desta forma, através das suas obras iremos, inicialmente, explorar a influência da luz no espaço. Estas falam ao observador sem palavras, mas sim através do impacto visual. *“I want to create an atmosphere that can be consciously plumbed with seeing,”* afirma o artista.



[Fig.27] Perceptual Cells
Book (1992)

“...And the climax of this development, of liberating light from its source and letting it spread freely throughout a room, that’s the essence of James Turrell.”²⁸ A luz tem, também, um papel determinante na definição do carácter interior do espaço, sendo para Mézierères²⁹ essencialmente o meio que põe em evidência as massas e volumetrias da Arquitectura.

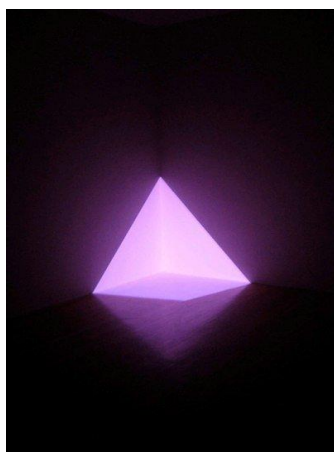
²⁸ <http://www.environmentalgraffiti.com/featured/james-turrell-visionary-masterpieces->

²⁹ PIRES, Amílcar de Gil, (2008) “Caracter da arquitectura e do Lugar”, IN, Artitextos, nº 6, Julho

O homem tem vivenciado, no decorrer da sua presença no mundo, unicamente com dois tipos de luz, a luz natural e a luz artificial, sendo a primeira produzida pelo sol ou outro fenômeno natural (relâmpagos, meteoros, etc.) e a segunda por qualquer fonte luminosa elaborada pela mão ou engenhosidade do homem, a exemplo de uma tocha de fogo, uma vela, ou os raios hipnotizantes de um canhão laser.

Cientificamente, a luz é definida como o fluxo de unidades de massa-energia emitidas por uma fonte de radiação, pelo Sol ou por uma vela.

“Light is probably the most basic, the most elemental thing in existence. Without light it would not only be merely dark, but there would not be any life at all in the universe. Light has always inspired artists to come to terms with the true nature of light.” (James Turrell, 2000)



[Fig.28] James Turrell instalação "Alta (Pink)" como parte da exibição "Cosmic Wonder" em Yerba Buena Centro, em São Francisco, 2006.

No nosso tempo a luz é largamente utilizada para favorecer o turismo, promovendo bem-estar e conforto, uma necessidade quase espontânea do inconsciente do homem moderno. É graças aos progressos da tecnologia das fontes de luz e ao aperfeiçoamento da técnica dos aparelhos de iluminação que hoje em dia estes têm dominado, de maneira muito mais eficaz do que antes, o fluxo luminoso. Graças a esse desenvolvimento o homem utiliza cada vez mais a luz artificial, não só para substituir a luz natural ao anoitecer, mas também para a integrar durante o dia nos locais onde vive e trabalha. Aliás, a iluminação artificial ultrapassa cada vez mais o seu âmbito estritamente utilitário e encontra outras aplicações de que o homem moderno não poderá prescindir, pois o “conforto” uma vez alcançado, torna-se uma necessidade.

O papel da luz na nossa civilização reveste-se de aspetos muito diferentes e por vezes misteriosos, como misterioso é o mecanismo pelo qual o nosso “eu” traduz as informações sensoriais numa espécie de *representação psíquica* do mundo exterior. Mas, apesar destes aspetos misteriosos não serem estranhos ao tema geral que os ocupa, seria preciso ser, ao mesmo tempo, psicólogo, biólogo e fisiologista para fazer algo mais de que apenas aflora-los. E sendo que se trata de uma dissertação que procura, também, estudar a abordagem no contexto de intervenções arquitetónicas em como a luz e sombra, podem alterar a percepção do espaço que nos rodeia, é necessário, antes demais, proceder a uma análise cuidada em termos da influência destes dois elementos, fundamentais na percepção das imagens, suas cores, volumes textura, relevo, nitidez, brilho, e contorno.



[Fig.29] Percepção da Luz.

Como refere o arquiteto João Pernão³⁰, para qualquer acção física é necessário energia e no campo da percepção visual essa energia é aquilo a que chamamos "luz". A luz é a génese da visibilidade, sem luz não existe aparência visual da nossa envolvente. A luz é acção, a cor é reacção, e a matéria é o meio em que se produz esta troca de energia. Como toda a informação visual nos chega através da captação e descodificação do espectro visível da radiação electromagnética (cor) podemos afirmar que sempre que existe luz, existe visibilidade e portanto existe cor.

³⁰ PERNÃO, João Nuno, A cor como forma do espaço definida no tempo princípios estéticos e metodológicos para o estudo e aplicação da cor na arquitectura e nas artes, fa-utl, 2012

Luz e cor

O que nos remete para a importância da relação intrínseca entre a luz e a cor. Segundo Lancaster em *Colourscape*, o aparecimento da cor, no meio ambiente depende de três variáveis: superfície, luz e distância, cada um dos quais, está em certa medida dentro do nosso controle. Podemos controlar a luz por meio de orientação e alinhamento e podemos usar também as fontes artificiais.



[Fig.30] Detalhe, Igreja da Sagrada Família, Gaudí.

Podemos controlar a superfície em termos de tamanho, forma, textura e pigmentação, e pode-se manipular os pontos de vista de acordo com as distâncias a partir do qual eles são vistos. Logo, é a luz que torna as cores visíveis nas superfícies para constituírem a forma do espaço, produzindo de acordo com as suas características (intensidade, cor, direção) sensações diversas. A percepção do espaço depende, portanto, da luz para a sua realização.³¹

A cor é propriedade da matéria que configura a forma arquitetónica que se torna visível na presença da luz. Podemos dizer nesse caso, que a forma vai depender destes factores. Contudo em arquitetura, a cor depende da incidência da luz solar do local geográfico que ocupa.

³¹ PERNÃO, João, *A Cor como Forma do Espaço definida no Tempo*, Princípios Estéticos e Metodológicos para o Estudo e Aplicação da Cor na arquitetura e nas artes, FA-UTL.

É comum quando se faz um projeto de arquitetura pensar sobre a posição, forma e dimensão das aberturas do invólucro arquitetónico e o respectivo controle da luz natural no espaço, mas menos comum existir uma reflexão sobre o resultado dessas opções na modificação da aparência e cor das superfícies arquitetónicas ao longo do dia, e ainda menos quando precisamos de recorrer à iluminação artificial.

A iluminação artificial na percepção do espaço caracteriza-se em parte pela falta de variação nas cores da nossa envolvente visual, pois as cores provocadas pela iluminação artificial são constantes ao longo do tempo, ao contrário das variações provocadas pela alteração constante da luz natural, em direção, intensidade e temperatura de cor. já à noite, os objetos permanecem imóveis na sua aparência, bem como as suas sombras. Sendo assim, a relação das cores com o tempo desaparece com a iluminação artificial: o mundo fica petrificado. Logo o estudo de Cor deverá controlar a aparência dos espaços nas suas diversas situações lumínicas, de acordo com os objetivos do projeto de arquitetura. Uma cor forte e cromática poderá ter cabimento no projeto numa situação de menor intensidade de iluminação, em que nunca é sentida como tal, enquanto noutra situação poderia ser desconfortável. Mas essa mesma cor pode ser protagonista do espaço a determinada hora, ao final da tarde por exemplo, quando nela incidir a luz solar, ou só em determinadas situações, à noite, em que podemos ligar um foco de luz sobre ela. Decorre do que atrás se explicou que o estudo de cor deverá estabelecer uma relação directa com a especialidade de Instalações.



[Fig.31] Turrell Roden Crater
Detalhe do céu, 1977.



[Fig.32] Cromoterapia

“Criada pela luz, a cor induz estados de espírito, estimula sentimentos, e influencia o comportamento.” (Lou Michel, 1996, tradução livre)

Voltando a James Turrell, este começou por estudar o impressionismo do século XIX quando os artistas quiseram libertar a luz das telas e transferi-la para a terceira dimensão. Já nos anos 60 os artistas focaram-se na cor da luz artificial e nos efeitos que esta atribuía ao espaço.



[Fig.33] James Turrell, “Dividing the Light”, 2006

“We think of color as a thing that we’re receiving. And if you go into one of the sky spaces, you can see that it’s possible to change the color of the sky. Now, I obviously don’t change the color of the sky, but I changed the context of vision.” (James Turrell, 2000)

A cor e textura dos materiais, e a sua diversidade superficial pode fornecer importantes informações sensoriais que promovam o interesse da percepção a diversas distâncias e despertem efeitos de sinestesia, nomeadamente pela relação com o sentido do tacto, pois a textura sente-se.

Luz e Sombra

A cor de tudo o que nos rodeia e que define os limites dos espaços, só pode existir com luz. Goethe considerava que a luz, a sombra e a cor eram os três elementos para construir o mundo visível. A sombra, muitas vezes esquecida, tem uma importância enorme na criação de atmosferas, pois o excesso de iluminação destrói a possibilidade de existir algum mistério.

Como informação visual, a sombra é uma cor, que é reconhecida como uma transformação da cor do próprio objecto (sombra própria) ou uma transformação da cor das superfícies adjacentes (sombra projetada).

As superfícies dos edifícios são articuladas pela luz/sombra. Os detalhes dos materiais são expostos conforme o ângulo de incidência da luz na superfície da terra. Esse ângulo difere conforme o dia e noite e muda sazonalmente.

Na Obra “The Wedgewood Piece” criado para o museu Kunstmuseum Wolfsburg, Turrell trabalha com uma luz mínima. Entra-se no escuro e os olhos do observador vão se ajustando ao ambiente e neste processo de adaptação ocorre um fenómeno em que vemos coisas que não estão realmente lá, percepções que os nossos olhos e a nossa mente produzem.

Se entendermos a sombra como cor, ela tem que fazer parte do jogo cromático espacial a ser definido pelo arquitecto, uma vez que uma superfície revestida de uma mesma matéria ou cor, mas com alterações de plano do ponto de vista geométrico pode oferecer-nos muitas cores na sua aparência. É por esta razão que quando Corbusier refere no seu manifesto *Vers une Architecture* que a arquitectura é o jogo sábio, correcto e magnífico dos volumes dispostos sob a luz não se está a referir obviamente a uma imagem puramente geométrica, abstracta e euclidiana, mas sim à sensibilidade da aparência desse universo geométrico, traduzido na realidade em diversas cores, entre as quais as sombras.

Ainda é de salientar que a luz ambiente produz também inúmeros efeitos biológicos para a saúde estimulando a produção de hormonas que regulam o estado de vigília e descanso do ser humano, além de simplesmente afetar a visão e a pigmentação cutânea, efeitos mais que conhecidos.

Acção de superfície da Luz



[Fig.34] Acção da Luz na superfície.

A luz viaja em raios através do espaço, e continuaria indefinidamente, a menos que seja interrompida por um objeto. Quando a luz atinge material físico [Fig. 35], qualquer uma ou todas as três ações superficiais ocorrem: podendo ser absorvido pela superfície, normalmente transformada em calor, pode ser refletida de volta ao espaço, numa direcção diferente daquela a partir do qual veio, ou ainda pode ser transmitido (refractado) através de um meio para continuar a frente do outro lado. Com estas propriedades de luz, inicia o efeito de luz projectada.

A percepção dos lugares através da luz é todavia a sua mais fundamental influência, tendo em conta o seu factor físico. A luz do sol define os volumes, os espaços são constituídos por paisagem, cidades e figuras que se relacionam com o seu fundo.

As Sombras na Arquitectura

O crescente número de edifícios transparentes e instalação de LED reforça a impressão que a luz eliminou a relevância da sombra. Mas para responder a essa questão, olhemos para trás, para um mestre da luz, na qual a arquitectura foi moldada pela sombra: *Louis Kahn*.

As formas Arquetípicas de Kahn vem do tempo da arquitectura Grega, que ele estudou em 1950: Arquitectura Grega demonstrou que as colunas estão onde a luz não está, e o espaço entre as colunas é onde a luz está. “É uma questão de sem-luz, luz, sem-luz, luz. As colunas têm luz entre si. Para fazer uma coluna crescer e fazer o seu próprio ritmo de sem-luz,luz, sem-luz, luz: essa é a maravilha do artista.”³²

Como identificado por Leonardo da Vinci, muitas vezes encontramos três tipos de sombra: *Sombras Anexas*, *Sombreamento* e *Sombras*. A Sombra Anexada cai sobre o próprio corpo – como um telhado em consola causando sombra na fachada. O segundo tipo pertence a contraste claro e escuro, que são inerentes à forma e depende apenas da fonte de luz, por exemplo um pavilhão em forma de bola, mesmo sobre um céu limpo mostra uma zona mais escura na parte inferior. A terceira, sombra pode ser o resultado de uma casa alta gerar sombra na rua devido à projeção do contorno do edifício.



[Fig.35] Galeria de Arte da Univ. de Yale, 1954 Vista a construção da Escadaria.

³² Nell E. Johnson, *Light Is the Theme: Louis I. Kahn and the Kimbell Art Museum*, 1975, Edition 2012.



[Fig.36] Instituto Salk, Califórnia 1959.



[Fig.37] Assembleia Nacional, Índia, 1962.



[Fig.38] Instituto Indiano de Gestão, 1978.

Kahn acreditava que uma sombra escura era parte de luz natural. Para ele, um vislumbre da luz elucida o nível de escuridão: “O plano de um edifício deve estar em harmonia no espaço na luz. Mesmo um espaço pretendido ser escuro deve ter luz suficiente de alguma abertura misteriosa para nos dizer como realmente na realidade é escuro. Cada espaço deve ser definido por sua estrutura e carácter da sua luz natural.”³³ Como resultado, a luz como fonte, é frequentemente escondida atrás de grelhas ou paredes secundárias, assim concentrando a atenção sobre o efeito da luz e não a sua origem. Esta nas mãos da arquitectura evocar silêncio, segredo ou drama com a luz e sombra.

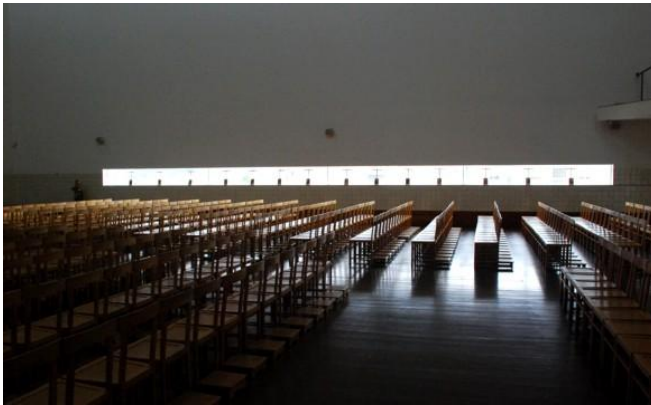
Andando através da sequência de aberturas no pórtico do Instituto Salk, este propícia à mente o silêncio escuro de um claustro. Sombras de linhas escuras e buracos, a partir dos moldes definidos precisos, oferecem uma textura fina nas paredes maciças. A pedra branca e as paredes de betão cinzento apresentam uma monótona tela tridimensional num jogo de sombras. Sombra transforma-se num elemento essencial para revelar o arranjo e formas de volume monolíticos.

A forma de Kahn desenhar com sombras atraiu inúmeros seguidores. Todos eles incluem sombras como forma de espaços silenciosos. Nesta perspectiva faz-se uma análise, apresentando alguns projetos, exemplos incontestáveis no que confere um dos temas desta dissertação, nas suas mais variáveis perspectivas.

³³ Nell E. Johnson, Light Is the Theme: Louis I. Kahn and the Kimbell Art Museum, 1975, Edition 2012.

Lugares de Referência

Tadao Ando, Peter Zumthor, Álvaro Siza Vieira entre outros, contribuíram para enriquecer a arquitetura dentro de seu específico enfoque, nas suas obras mais voltadas ao problema da iluminação, como o ambiente interno obtido pelas aberturas a originalidade e força de obras tais como Igreja do Marco de Canavezes, entre centenas de outras obras igualmente importantes, que entretanto não cabe aqui enumerar.



[Fig.39] Janela Interior.

Um dos projetos referencia quando se fala na apreensão da Luz na arquitetura em Portugal, é a Igreja de Marco de Canavezes, O processo de concepção revela uma profunda e permanente procura das soluções espaciais. Desde o tratamento da luz, os espaços exteriores profundamente coesos e a depuração são alguns dos traços da igreja. A entrada faz-se, normalmente, através de uma porta de vidro, debaixo da torre da direita, enquanto a porta grande só é aberta em circunstâncias especiais. Depois do movimento lateral de entrada, tem-se a percepção de uma janela baixa e comprida [Fig.39], do lado direito, que permite ainda a vista para o exterior. Naquele instante, não se sente a luz difusa que chega das altas aberturas na parede curva e inclinada, Três degraus elevam o plano da celebração, que conclui com duas portas, pelas quais entra luz clara, filtrada por uma alta chaminé. Esta disposição dialoga com o banho de luz sobre as formas curvas dos limites laterais da abside e sobre o espaço da igreja em geral. O espaço sacro é decisivamente caracterizado pela forma como a iluminação natural o define. A iluminação natural varia com o tempo, dependendo da posição do sol. Siza manipula a luz no espaço com mestria criando um resultado único.



[Fig.40] Entrada principal da Igreja de Marco de Canavezes e Sala Interior, Siza Vieira, 1996.



[Fig.41] Interior do Pavilhão Serpentine Gallery, Londres. Peter Zumthor, 2011.

Um outro arquiteto a trabalhar a luz nos seus projetos é Peter Zumthor. O Pavilhão Serpentine encarna uma meditação silenciosa da natureza embalado em uma caixa preta. A estrutura joga com os sentidos dos visitantes, inicialmente absorve toda a luz e, posteriormente, abre -se um pátio floral exuberante oferecendo um local de relaxamento calma e repleto de sol. O Pavilhão é Zumthor clássico com seu minimalismo e modernismo modesto, empurrando o envelope de design sóbrio, reduzindo elementos estéticos e até mesmo a própria luz. Como a caixa-preta engole os visitantes, eles são guiados por uma luz solar distante através de um corredor escuro para o pátio interior.³⁴

Conhecido pela sua materialidade sensual e atenção aos pormenores. Zumthor fala-nos da luz sobre as coisas, nomeadamente sobre os materiais e o modo como a reflectem. O seu trabalho teve um impacto enorme no mundo da arquitetura. A sua preocupação é com o contexto, experiência e materialidade, e não o estético. Talvez esta seja sua contribuição mais significativa para a arquitetura – A arquitetura verdadeiramente e significativa é a do lugar e da experiência. Para Zumthor os espaços construídos são pensados para serem utilizados. A arquitectura sem habitantes perde o seu significado. Torna-se, portanto, indispensável reforçar a ideia de que a arquitectura deve ser concebida sob o ponto de vista do seu utilizador. Desenhar espaços que transmitam experiências sensoriais, espaços de bem-estar que promovam a qualidade de vida das pessoas deve ser uma prioridade do arquiteto. *“A tarefa mais nobre da arquitetura é o facto de ela ser uma arte para ser utilizada.”*³⁵

Numa primeira fase, analisa-se o modo como o homem percebe os espaços com vista à sua compreensão, tendo em conta o papel do arquiteto nesta inter-relação. De um modo geral, numa primeira abordagem ao projeto temos o desenho como instrumento de síntese do que mais tarde será formalizado através do uso de materiais de construção que dão corpo às

³⁴ Zumthor, P. (2006). *Atmosferas*. Barcelona: Gustavo Gili, SL.

³⁵ Zumthor, P. (2006). *Atmosferas*. Barcelona: Gustavo Gili, SL.

Termas de Vals

1996, Peter Zumthor

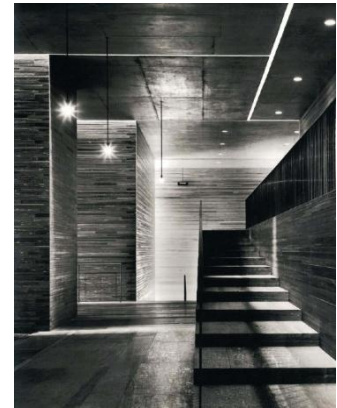
ideias criadas em desenho. Todos os materiais utilizados na construção de um espaço arquitectónico possuem características próprias, tais como textura, cor, brilho e odor, que de algum modo serão o veículo para a expressão da arquitectura influenciando, manifestamente o ambiente luminoso. Zumthor diz: (...) *tento recolher nas minhas obras o que me parece valioso, corrigir o que incomoda e recriar o que nos falta* (Zumthor, 2009). Torna-se, assim, necessário estudar e compreender bem a pré-existência, retirar todos os elementos supérfluos e adicionar algo que atribua um novo significado à existência.

O Estudo da luz deverá ser entendido como uma especialidade integrante para a qualidade do projeto e deverá acompanhar todo o processo da concepção arquitetónica, apoiando e reforçando as suas opções formais e funcionais, tendo em conta as escolhas de materiais, revestimentos, acabamentos e sobre a forma como os espaços são percebidos, isto é, sobre a relação entre a matéria e a luz, quer natural quer artificial.

Luz e Cor são elementos inseparáveis na percepção e qualificação do espaço e, como tal, deverão sempre ser sujeitos a decisões integradas no projecto.

Os projetos mais famosos de Zumthor incluem, as Termas de Vals, na Suíça que é referencia constata, deste arquitecto. “Created by light, color induces mood sensations, stimulates feelings, and influences behavior” (Zumthor, 2006) Construídas sobre as únicas fontes termais no Cantão de Graubünden na Suíça. As Termas de Vals são um Hotel SPA em que combinação e a experiência sensorial tem um papel de destaque. A ideia era criar uma forma de caverna ou pedreira como estrutura. Criando um ambiente natural, com as salas de banho semienterradas com um telhado relvado, estrutura essa, enterrado na encosta.

As Termas foram construídas camadas sobre camadas com lajes extraídas localmente de Valser Quarzite. Esta pedra tornou-se uma inspiração para o projeto, e é utilizada com muita dignidade e respeito.



[Fig.42,43,44] Distribuição interior tanque interior, e tanque exterior, respectivamente.



[Fig.45] Corredor interior.

Neste espaço as combinações de luz e sombra, perfazem espaços abertos e fechados e elementos lineares a fazer uma experiência altamente sensual e restauradora. A disposição informal subjacente do espaço interno é um caminho de circulação cuidadosamente modelada que leva banhistas para certos pontos pré-determinados, mas permite-lhes explorar outras áreas por si. A perspectiva é sempre controlada. Ou garante ou nega a vista.

O fascínio pelas “qualidades místicas” de um mundo de pedra dentro da montanha, de escuridão e de luz, de reflexos de luz na água ou os vapores de água, um prazer acústico único da água borbulhante num mundo de pedra, um prazer de pedras quentes pedras numa pele nua, o ritual de banhar-se, estas noções orientaram assim o arquiteto. *O sentido nasce quando se consegue criar no objeto arquitetónico significados específicos”. Zumthor*



[Fig.46] Vestiário.

Capela da Luz,

1989, Tadao Ando

A Capela da Luz encontra-se numa pequena cidade de Ibaraki, a 25km fora de Osaka, Japão. Esta obra abraça uma estrutura filosófica de Ando entre a natureza e a arquitetura, através da forma que a luz define criando novas perceções, igualmente peculiares, se não mais, como as suas estruturas em betão.

Quando Tadao Ando, concluiu a Capela da Luz, em 1989 esta obra consignou uma renovação no existente Cristianismo de "Ibaraki". A nova capela foi a primeira fase de remodelação completa de um local, concluído em 1999, sobre a concepção estética de Ando.

Para Ando, a Capela da Luz é uma arquitetura dual, a dual natureza da (co)existência ente o cheio/vazio, claro/escuro, duro/sereno. As diferenças coexistentes, deixa a capela vazia de qualquer e todo o ornamento, criando um espaço puro sem adornos. A interseção de luz e a penumbra dos ocupantes impele a consciência espiritual e secular dentro de si mesmo.

*"Em todos os meus projetos, luz é um fator muito importante. A maior parte das minhas criações são inclusas, devido às paredes grossas de betão. A razão principal é criar um lugar individual, uma zona para si mesmo, dentro da sociedade. O interior deve ser especialmente completo e confortável, quando os fatores externos do ambiente de uma cidade exige que não haja aberturas nas paredes."*³⁶

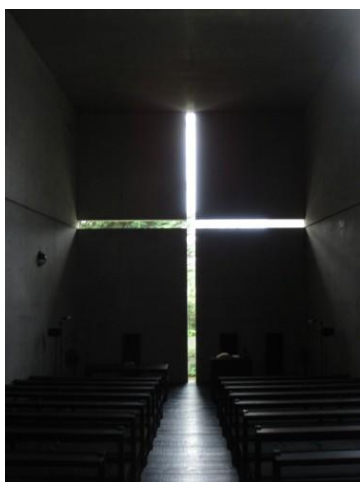


[Fig.47] Interior da Capela

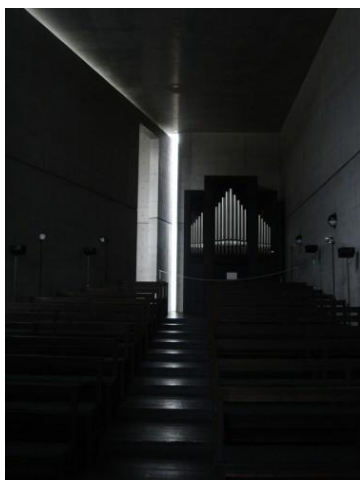
³⁶ Drew Philip, Church On the Water, Church of the Light: Tadao Ando (Architecture in Detail), Phaidon Press, 1996.

Ao utilizar materiais simples reforça a dualidade do espaço, a estruturação em betão elimina qualquer distinção das tradicionais características e estética cristã. Além da cruz encastrada na fachada, virada a leste, a capela é composta de uma concha em betão, betão que contribui para a penumbra da capela, criando um lugar humilde de meditação e oração. A cruz a leste, de frente para a parede, é o único símbolo presente que se destaca na capela, uma prova da arquitetura minimalista.

A Capela da Luz é vazia da parafernália religiosa, excepto pela cruz simples. Com uma estrutura moderna e também ela minimalista, a Capela da Luz emite uma pureza arquitetónica que só se encontra nos detalhes.



Ando coloca a cruz na fachada leste o que permite que esta penetre para o interior durante o início da manhã e ao longo do dia, o que tem um efeito desmaterializador sobre as paredes interiores de betão transformando um espaço escuro numa local iluminado. A luz define assim o espaço da Capela, um forte contraste entre a luz e a sombra. Esta forma em cruz confere uma luz universal abstrata que parece flutuar sobre as paredes de betão, raios que se estende ao longo do dia conforme o movimento do sol. A luz também penetra no interior do corte na parede de betão.



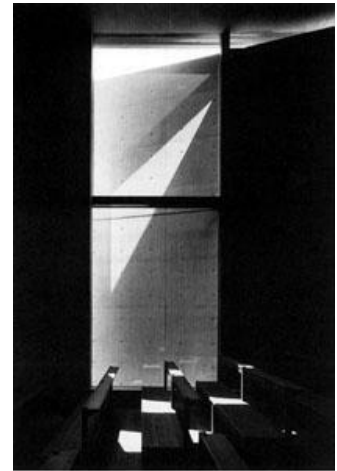
[Fig.48] Pormenor da Luz no interior da Capela.

O bloco de betão é despido de todo e qualquer ornamento que não faça parte do processo de construção. As junções e encaixes do betão são construídos com precisão. Ando cria assim uma superfície lisa e imaculada, de encaixes precisos e alinhados. Esta construção em betão reforça o foco principal de Ando, na simplicidade e estética minimalista, no entanto, a maneira na qual o betão é colocado e formado dá uma qualidade luminosa, quando expostos à luz natural.

A abordagem que Ando faz da luz e do betão, na Igreja, assim como, nos seus outros projetos, tem um efeito surreal que preceptivamente transforma o material em imaterial, escuro em claro, luz em espaço.

A escuridão da capela é acentuada pela madeira escura e textura áspera das tábuas do soalho, e da reciclagem dos andaimes nos construídos dos bancos em madeira.

Em contraste com a escuridão da Capela, no interior da Sala da Catequese foi utilizado cores claras e superfície de madeiras macia. Esta sala abre para um espaço com pé alto, aonde tem uma pequena cozinha com uma bancada e uma mesa que são utilizados quando há reuniões. Nesse bloco, a luz também penetra através dos cortes no betão armado. O espaço ganha igualmente vida, pela constante mudança de luz.



[Fig.49] Janela Interior

Crematorium Baumschulenweg

2000, Frank Shultes



[Fig.50] Entrada do Crematório, Berlin, Alemanha.

O arquiteto Frank Shultes projeta um lugar de descanso, um espaço para o silêncio.

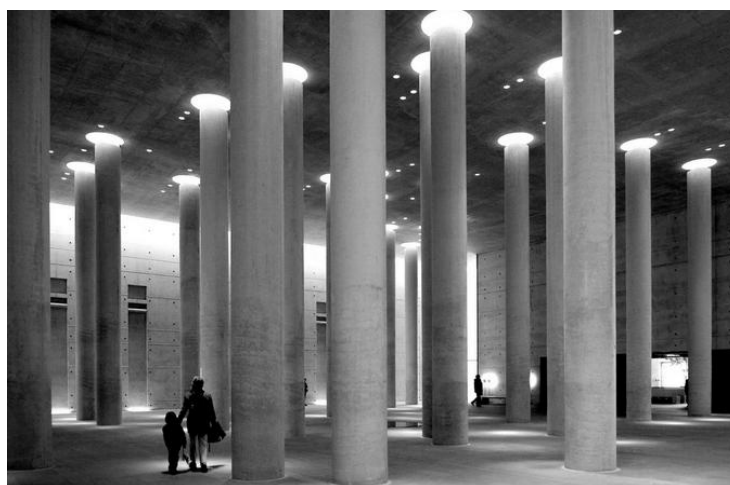
No centro do crematório surge um elemento, denominado *Piazza Coperta* este é um lugar no centro do mausoléu, onde as pessoas se podem reunir. Nesta sala as colunas são como capitéis de luz criam a nossa única referência, com o intuito de obter um contraste cosmológico entre o homem e a luz do sol.

As salas cerimoniais, duas para 50, e um para 250 pessoas, são simplesmente blocos de pedra, que em segundos, podem ser divididos com ripas direcionais e involucro de vidro. A nova espiritualidade, que encontra aqui um importante aliado no tratamento diverso da luz, coexiste no entanto com uma planta axial, preservando uma relação de continuidade com a tradição

Um bloco oco, não articulado, com 10 metros de profundidade e 10 metros de altura, uma pedra, uma sepultura, descrevem o espaço insistindo na consistência do material, nos diversos espaços. E se houver alguma verdade na afirmação de Ludwig Wittgensteine³⁷ que a arquitectura compele e glorifica; e onde não houver nada para glorificar não pode haver arquitectura, então esta estrutura glorifica a *quintessence* da arquitectura, celebra o espaço, no silêncio das paredes de luz.



[Fig.51] Pormenor das Janelas interiores,



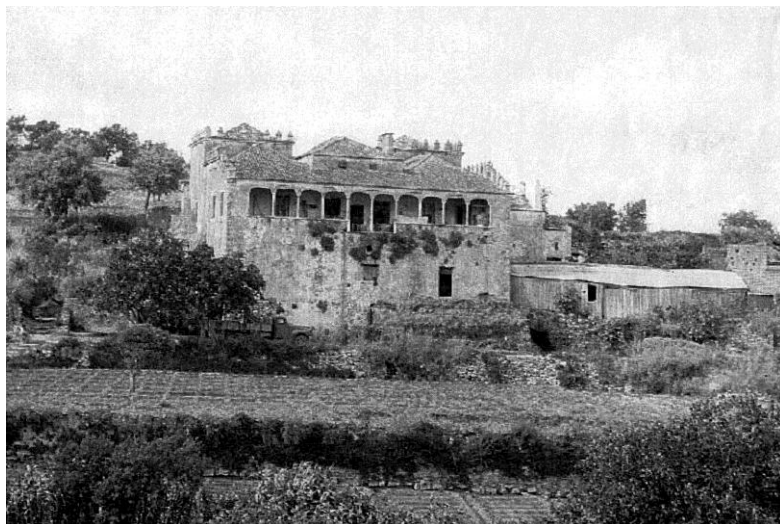
[Fig.52] Átrio Principal.

³⁷ WITTGENSTEIN, Ludwig, *Philosophical Investigations*, 4ª Edição, Blackwell Publishing Ltd, 2009

TERCEIRA PARTE

PALÁCIO E QUINTA VALFLORES

Origem e Contextualização Histórica



[Fig.53] Palácio Valflores, 1960.

“O que encanta em Valflores é a singeleza da sua expressão estética e a forma plástica do volume simples, compacto e muito característico da região “saloia” e ainda a elegância quase ingénua da sua longa varanda de dez arcos.”³⁸

Palácio e Quinta Valflores - O nascimento e queda de um sonho de um dos mais ricos mercadores do Reino. Jorge de Barros, era um homem pertencente à pequena nobreza que terá feito uma das maiores fortunas do Reino como mercador. Sendo um homem de confiança de D João III, foi enviado a Roma pelo rei, numa missão política que durou dois anos, foi também feitor na Flandres de 1532 a 1537. Jorge de Barros teve, por isso, contacto com os meios culturais mais ativos da época, não esquecendo da corte portuguesa que há altura dos Descobrimentos era visitada por ceramistas flamengos, escultores franceses e artistas italianos.

³⁸ Artigo Cultura - Jorge Barroso e o Renascimento em Santa Iria [Parte1], 8 de Agosto de 2006

Este regressado da Flandres, possuidor de uma grande fortuna e casado com Dona Filipa de Melo, uma das famílias mais importantes da altura, manda edificar o paço rural de Valflores. As suas ordens foram explícitas, um paço rural na tradição das moradias régias e nobres da altura, mas com influência renascentista que fosse representativa da sua posição social e económica.

Nasce assim o Palácio de Valflores, um raro exemplo de arquitetura quinhentista no nosso país.

Um dos herdeiros, Francisco Joaquim de Barros e Vasconcellos, terá passado longos períodos de tempo no Palácio e em 1778, após a sua morte, os Barros e Vasconcellos terão deixado de usar a casa como se pode concluir pelo extrato do “Livro da Décima” referente a esta propriedade.

Em 1767/69 as Casas Nobres estavam devolutas e havia outras ocupadas pelo caseiro; em 1777 e 1778 as Casas Nobres na mesma situação e a quinta foram arrendadas (períodos referentes à Administração de Gregório de Barros e Vasconcellos).

Já final do século XVIII, a quinta terá sido habitada pelos herdeiros Barros durante alguns anos, mas em 1796 pode ler-se num documento de desembargo do palácio acerca do herdeiro Dionísio Barros e Vasconcellos: “Dionísio (...) cadete legítimo de cavalaria é avisado para partir em 1798 afora a quinta que se encontra praticamente inabitável”. É nesta altura que o Paço de Valflores é sujeito a uma vistoria que mostra o estado de abandono a que a propriedade tinha chegado. Esta situação da propriedade muda na segunda metade do século XIX, quando a propriedade deixa de pertencer à família Barros como pagamento de dívidas do seu herdeiro, D. Pedro Clímaco de Alcântara e Barros e passa a pertencer a um brasileiro de nome desconhecido.



[Fig 54] Brasão da Capela panteão dos Barros de ValFlores, na igreja matriz de Sta Iria. Brasão, dos Barros partido com o dos Mellos que se localiza por cima do túmulo de Jorge de Barros e de D. Filipa de Mello, sua mulher.



[Fig 55] Imagem aérea datada de 1970.

Em 1870 esta quinta, assim como outras propriedades desta freguesia, são adquiridas por uma família inglesa, Reynolds de nome e passa a ser arrendada. Em 1899, Anselmo Braancamp Freire, descreve o estado do exterior do palácio como em regular estado de conservação.

No início até meados do século XX a propriedade é explorada de uma forma agrícola.

“Em Junho de 1978, - sob proposta da Comissão Organizadora do Instituto de Salvaguarda do Património Cultural e Natural e com Despacho do Secretário de Estado da Cultura a quinta de Valflores é classificada como Imóvel de Interesse Público, sendo logo determinado que se procedam a estudos no sentido de definir uma ampla zona especial de protecção;

1979, Outubro - os estudos para a definição da área envolvente a proteger são realizados com a DGEMN, à data apontando-se a necessidade de, além de cuidar da preservação da envolvente, ser absolutamente urgente contrariar o péssimo estado do imóvel, sob pena de, inclusive, vir a desaparecer totalmente o que resta da cobertura mudéjar da sala principal;

1979, Dezembro - a SEC (DG do Património Cultural), através da Câmara Municipal de Loures, notifica o proprietário do imóvel; 1980, Fevereiro - o edifício conhece uma vistoria dos técnicos da DGEMN e da CMLoures, da qual surge um plano de intervenção: consolidação estrutural, reconstrução de coberturas e restauro dos tectos primitivos (ocultos por outros mais recentes); do tecto mudéjar já nada restava;

1982 - é publicada a Zona Especial de Protecção;



[Fig.56] Palácio e Quinta Valflores em 1978.



[Fig.57] Foto datada de 1991.

1997 - um Despacho do Ministro da Cultura de 16 Setembro fixa nova ZEP, vendo-se a zona subtraída da área non-aedificandi e o seu perímetro parcialmente reduzido;

1998 - a S. é rasgado o IC2, cujo traçado obriga a amputar parte da quinta que se estendia até à EN115; 2000 - a propriedade deixou de ser objecto de exploração económica e o estado de ruína do seu edifício, por abandono progressivo, continua a acentuar-se;



[Fig.58] Palácio e Quinta Valflores, 1998



[Fig.59] Vista de 2010, do Palácio Valflores



[Fig.60] Situação atual do Palácio.

2001, Janeiro - abatimento de colunelo, sendo este recolhido e transportado pela Associação de Defesa do Património Ambiental e Cultural de Santa Iria de Azóia; elaboração da Carta de Risco do imóvel pela DGEMN; 2001, 24 Setembro - derrocada parcial da vasta arcada do 2º piso da fachada principal, e que se encontra recolhida e à guarda do proprietário;

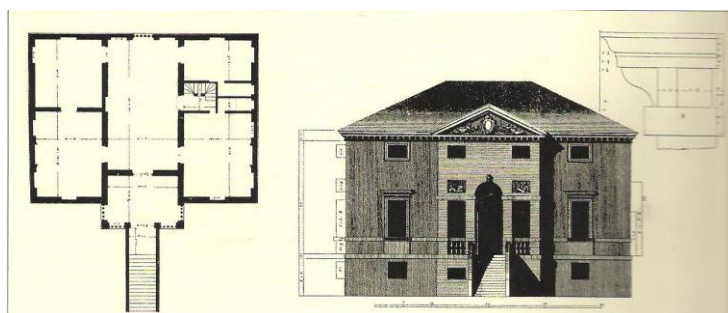
2005 - está em curso processo de aquisição do imóvel pela C.M. de Loures;

2006 - é propriedade municipal onde permanece atualmente.

A propriedade de enquadramento urbano, está implantada a meio da encosta, sobre o vale, dominando deste modo a vila e virando-se para o Tejo. A Sul passa a IC2, com um troço a oeste, onde passa a A1. Já na zona Este onde se localiza o acesso à quinta, ergue-se uma urbanização, sendo as demais propriedades envolventes de características rústicas. O palácio encontra-se isolado, e em terreno desnivelado. No centro situa-se um aqueduto de arcos quebrados e respetiva conduta subterrânea até à nascente de água.

O aspeto maciço da construção não remete, necessariamente, para características medievais, mas antes, testemunha singularmente a forma como influências italianas foram traduzidas pelas realidades nacionais e tradições regionais. Tanto que a volumetria cúbica e a relação próxima/distante com a natureza, assumida em Valflores pode ser encontrada em *villas italianas*

O arquiteto João Vieira Caldas, não afastando perentoriamente o carácter transicional de Vale de Flores e do “projecto” poder ter raízes em antecedentes portugueses, opta, no entanto, por procurar os modelos de *villas Italianas tais como, Villa Forni-Cerato*, em Montecchio Precalcino, Vicenza, 1542 de Palladio [Fig 55,56], que o terão inspirado, defendendo que estamos na presença de uma arquitetura em que se afirma claramente uma intenção de índole renascentista e de desenho indiscutivelmente inovador.³⁹



Villas Italianas



[Fig.61] O corpo avançado do edificado domina a fachada.

[Fig.62] Planta e Vista segundo Ottavio Bertolli-Scamozzi, apresenta um paralelepípedo bem definido, como núcleo do edifício. Como se observa nas suas primeira obras, Palladio divide a planta em três áreas verticais em que a central constitui a área veretical de representação condigna, ao passo que as outras duas laterais indicam as zonas de habitação.

³⁹ ADPAC Associação de Defesa do Património Ambiental e Cultural de Santa Iria de Azóia



[Fig.63] Fotografia do interior da loggia do palácio, 1998.



[Fig.64,65] Vista Nascente, 1998. e pormenor do Cunhal 2001.

A *loggia*, protagonista de toda a montagem cénica a que obedece o programa do edifício. Aliás o tipo de residência campestre com a *loggia* entre as duas torres teve larga utilização no Renascimento italiano, sendo comum nas três principais zonas em que a *villa* se desenvolveu (toscana, romana e veneziana)



O aspecto compacto do piso inferior, sem loggia, ao contrário do que pode acontecer em Itália, deve-se à característica tipicamente portuguesa deste piso ser reservado às lojas de apoio às actividades rurais, tendo, por isso, poucas aberturas. Pode-se, igualmente, olhar para o seu volume simples e maciço como uma marca da arquitetura da região saloia em que se insere.

O elemento que se destaca segundo da entrada principal é a *Loggia* abre-se a sul sobre o rio Tejo. Infelizmente encontra-se quase toda perdida devido a uma derrocada que teve lugar em 2001.

Se a tudo o que foi até aqui referido adicionarmos os factos da volumetria, divisão do espaço interno e características expressivas não terem sofrido alterações significativas desde a sua construção, não restarão dúvidas que estamos na presença de um testemunho ímpar da arquitetura doméstica.⁴⁰

⁴⁰Note-se que “ A arquitectura doméstica do Renascimento constitui entre nós uma incógnita: pouco estudada, desprezada, desaparecida - ou simplesmente inexistente.” (Rafael Moreira “Arquitectura : Renascimento e classicismo” in História da Arte Portuguesa - direcção de Paulo Pereira – volume 5, Lisboa, Circulo de Leitores, 2007, pag. 191)

A casa constituía o núcleo de uma propriedade de recreio, e agregava um conjunto de construções de apoio e arranjos paisagísticos, cujo ordenamento não é de todo indiferente ou aleatório. A planta do andar superior de uma regularidade geométrica e de um racionalismo inequívocos, a expressão construtiva, com os cunhais rusticados, as molduras das janelas chanfradas, os arcos da *loggia* abatidos e apoiados em colunelos toscanos bem como a própria *loggia*, solta das torres e estendida a toda a largura da fachada sul, posicionada para olhar a paisagem, remetem indiscutivelmente mais uma vez para modelos renascentistas.

Reiterando, as influências islâmicas e dos modelos italianos das quintas de recreio, estas tipologias agregam várias funções já a cima descritas, e todas estas características devem ser integradas na conceção do projeto de reabilitação da Quinta Valflores de modo a criar um programa adequado que respeite as raízes históricas e o espírito do lugar. Assinalando ainda o seu carácter único, dotado de um forte carácter histórico-cultural mas despojado de qualquer função, este espaço pode ser assim, apropriado e adequado aos usos e habitar contemporâneos. Sublinha-se ainda que nova intervenção pretende ser sóbria e discreta. E os novos elementos devem ser projetados respeitando o passado, mas sendo sempre uma intervenção com uma leitura dos vários tempos – passado, presente e futuro.



[Fig. 66] IC2, Palácio Valflores, 2010.

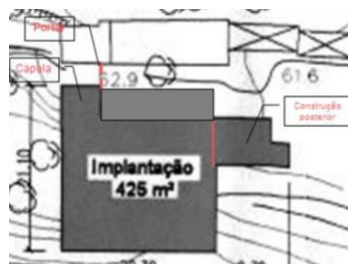


[Fig. 67] Palácio em 2010.



[Fig.68] Vista Sul, 1991. Dimensões do Fuste da Loggia

Organização Espacial



[Fig.69] Marcação da zona vestibular



[Fig.70] Entrada Principal



[Fig.71] Abóboda da capela.



[Fig.72] Detalhe do Torreão.



[Fig.73] Detalhe da cobertura de madeira.

Segundo o site da Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, a descrição do edifício original desenvolve-se em dois pisos, contando ainda com um terceiro restringido à área dos torreões. No piso superior funciona a habitação. A planta é simétrica em relação à direcção Norte-Sul. A entrada faz-se, a partir de uma zona vestibular, hoje desaparecida [Fig.66], para um salão central de grandes dimensões, entre dois torreões, que outrora possuía um revestimento de tecto de influência mudéjar hoje completamente perdido. Adossado, ao palácio, encontra-se um pequeno volume abobadado correspondente a uma pequena capela privada. A estrutura desta abóbada, embora de dimensões menores, é semelhante à que o proprietário também mandou construir anexa à Igreja matriz de Santa Iria de Azóia. A capela, e um anexo de construção posterior.

As coberturas são diferenciadas e escalonadas, com telhados a duas, três e quatro águas, elementos que acentuam a volumetria do edifício, escalonada ao ritmo da topografia e da organização dos espaços interiores fundamentais. O edifício volta-se a Sul, com uma fachada dominada pela extenso pano do piso térreo, com fenestração reduzida a duas aberturas, e marcada superiormente pela ampla *loggia* do piso nobre que percorre todo o alçado: é composta por arcos abatidos sobre colunelos toscanos, apoiados num peitoril.

O piso inferior corresponde a armazéns abobadados que replicam aproximadamente a estrutura do piso superior.

A Este do palácio existe um volume adossado correspondente à cozinha. Sob este existe um piso inferior, de cota aproximadamente 2m acima dos armazéns, também abobadado.

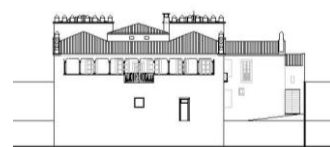
O sistema estrutural é constituído por paredes autoportantes de alvenaria mista de pedra e tijolo, com aparelho rusticado nos cunhais. Estas apresentam múltiplas fissuras, quase todas repassadas. A origem destas não é certa. Originalmente poderão ter sido devidas a sismos. O piso inferior é abobadado. Estes são, hoje, de argamassa de cimento.

As restantes abóbadas aparentemente encontram-se sem grandes alterações da sua geometria tendo contudo perdido grande parte dos seus revestimentos de reboco e, em alguns casos apresentem alguma perda de tijoleiras nas nervuras.

Das coberturas, com estrutura de madeira e telha cerâmica, já quase nada resta. O processo de degradação das coberturas ter-se-á acelerado a partir do final dos anos 70 do séc. passado. Com a perda das coberturas e consequente molhagem cíclica, o estado de degradação do edifício acentuou-se exponencialmente levando a perdas de coesão que acabam por ter como consequência que este se encontra vulnerável a acções que, de outro modo não produziram quaisquer efeitos, como por exemplo as vibrações produzidas pela passagem do trânsito pesado no IC2.

O acesso à casa faz-se a Norte, onde o terreno tem uma cota mais elevada e por isso a fachada posterior se define em alçado pelo piso único do andar nobre com um corpo central delimitado por dois torreões quadrangulares.

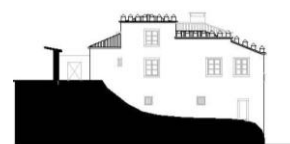
Mostra portanto, uma organização espacial concebida a partir de uma divisão essencial: piso térreo reservado a lojas e pavimentos superiores para habitação. A compartimentação respeita igualmente o *modus de habitar* da época, traçada simétrica e regularmente num quadrado de 17 m x 20 m: ao centro, a sala rectangular, o espaço mais generoso da casa em área (11.85 m x 6.10 m) e pé direito (sobe acima das câmaras laterais), de disposição longitudinal ligando a entrada à varanda; de cada um dos lados duas câmaras quadrangulares (cerca de 6m x 5.30 m para cada uma), os aposentos reservados, comunicantes internamente, com os do lado Sul abertos também para a varanda e os do lado Norte um com saída para o pátio e outro com ligação à capela. No piso inferior repete-se de alguma forma esta compartimentação.”



[Fig.74] Alçado Sul



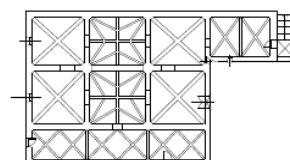
[Fig.75] Alçado Nascente



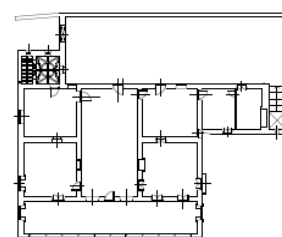
[Fig.76] Alçado Poente



[Fig.77] Alçado Norte



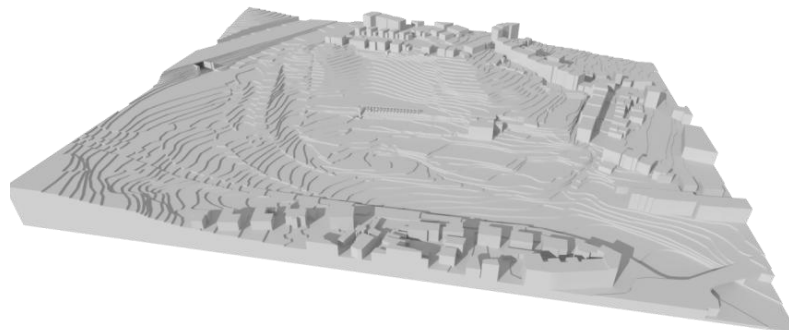
[Fig.78] Planta Piso -1.



[Fig.79] Planta Piso Térreo.

De Palácio a Pousada

Estratégia de Preservação e Reconversão em Valfiores



[Fig.80] Modelo Tridimensional do Terreno.

Proposta

O projeto de reabilitação da antiga Quinta de Recreio nasce do exercício iniciado no nono semestre na disciplina de Laboratório de Projecto e tem como objetivo atribuir-lhe um novo uso. Tal como refere Bachelard, *Antes que os deuses aí chegassem, os bosques eram sagrados*⁴¹, também antes de ser pousada, este espaço foi Quinta de Recreio, retiro da família Barros, e ainda antes disso apenas natureza, originando o presente lugar com espírito que aqui se pretende preservar.

Sendo um edifício de manifesta importância Histórica, devido á sua arquitetura, era fundamental encontrar um programa arquitetónico que se ajustasse ao lugar. propõe-se adaptar o palácio a uma unidade hoteleira, com o intuito de dinamizar este pedaço de cidade, sem por em causa o Palácio, mudar-lhe o uso, mas revalorizando este património. A presente proposta, discutida em sucessivas reuniões realizadas, na Faculdade de Arquitetura com os orientadores da dissertação confrontada com as relevantes matérias apresentadas nos Seminários de Apoio ao Mestrado Integrado em Arquitetura, ministrados na Faculdade de Arquitetura, foram conformando o presente estudo que aqui se desenvolve ao nível de estudo prévio.

O estudo como já mencionado na primeira parte desta dissertação, assenta em critérios orientadores e em metodologia para a reabilitação de edifícios referidos por Paiva, Aguiar e Pinho (2006),

⁴¹ Bachelard, Gaston – A poética do espaço. São Paulo, Brasil: Livraria Martins Fontes Editora, Ltda, 1993. 1ª Edição 1989. p 192.



[Fig.81] Arquivo da ADPACS Foto datada de 1995.

cujos principais objetivos e critérios técnicos são os de em primeiro lugar, resolver danos físicos, patologias construtivas e ambientais e inserir uma melhoria geral, que passa pela modernização e ampliação dos equipamentos e instalações. Em segundo lugar, pretende-se salvaguardar para as gerações futuras um Palácio característico de uma época (século XVI) repleta de valor cultural e arquitetónico e da mesma maneira salvaguardar os valores ecológicos e de sustentabilidade ambiental, reutilizando o mais possível, os elementos disponíveis.

Compreendeu-se que a indispensabilidade das intervenções para manter vivo aquele lugar, tem incontáveis origens e diferem em muitos aspetos, quer quanto a materiais, como quanto a técnicas e em escalas, abrangendo desde a renovação dos muros de separação do exterior até ao aqueduto, *loggia* e o espaço verde.



[Fig.82,83] Registo do aqueduto, anos 1970 versus 2008.

Redefinição e Recontextualização do Monumento e do Lugar na Paisagem



[Fig.84] Planta de localização



[Fig.85] Análise Territorial.

A dimensão total do Terreno exterior da Quinta Valflores e atualmente, das duas autoestradas que lhe estão adjacentes, obriga a uma certa manutenção e afecta a concretização de projetos de reabilitação, face aos problemas que vão surgindo ao longo do tempo. Ainda pela falta de atenção dada a degradação do complexo do Palácio esta, passou a ser mais veloz, sendo cada vez maior, a possibilidade de ruína total. Não obstante, a consolidação do edifício pretende ser o mais conservativa possível. Sendo assim, diante da multiplicidade e da grande quantidade de intervenções a realizar, foi inevitável realizar uma estratégia que especificasse as prioridades, e o tipo de intervenção. Para além do esclarecimento do propósito era essencial estruturar as intervenções.

Em concordância com os critérios de avaliação das anomalias por grupos de elementos funcionais, de acordo com Paiva, Aguiar e Pinho (2006), refira-se que o edifício, apresenta anomalias: muito grandes em elementos primários (estruturais), existindo apenas as paredes exteriores e algumas paredes interiores, mostra também anomalias muito grandes em elementos secundários, sendo que a maioria deles já não existem ou encontram-se irremediavelmente danificadas como é o caso da maior parte dos tectos, os vãos de portas e janelas devendo ser



substituídas na íntegra por novas caixilharias. O mesmo se observa com o gradeamento que carece de reparação; por fim anomalias muito grandes em revestimentos e acabamentos dos elementos primários e secundários por exposição prolongada às intempéries

Os revestimentos das paredes interiores do piso inferior não estão em condições de serem reparados por se encontrarem já demasiado degradados, por isso propõe-se que a estrutura de alvenaria mista fique à face, reinterpretando o carácter rústico do que era a antiga cave do palácio. Agora transformado no espaço do bar, o desenho das abóbodas é recuperado e pintado de branco para obter assim, uma luminosidade maior. Por fim o desenho do pavimento faz-se rebatendo o desenho das cúpulas no espaço lounge. Nas restantes salas a materialidade faz-se com lioz e wengue, com o intuito de diferenciar os diversos espaços e atribuir ambiências distintas. Pretende-se deste modo transportar-nos para o século XVI e ao mesmo tempo para a modernidade do presente.

O piso nobre abrange o espaço do restaurante, e o seu acesso principal faz-se pela antiga capela, onde se propõe recuperar tanto a abobadada como o pavimento e a azulejaria presente nas paredes interiores. O grande salão do restaurante corresponde à antiga sala mudéjar que pela impossibilidade de recuperar a sua antiga ornamentação, pois não existe qualquer registo do seu interior propõe-se enobrecer-lo com pedras naturais tais como mármore e lioz.

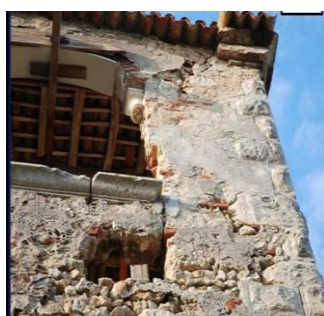
[Fig.86,87,88] cupula do piso inferior, pormenor do varandim e detalhe do interior da sala no piso 0, respectivamente.



[Fig.89] Pavimento original da Capela



[Fig.90] Revestimento azulejar das paredes da capela, azulejos dispostos em xadrez, verdes e brancos.



[Fig.91] Exterior da Loggia, 2006



[Fig.92] Exterior da Loggia, 2013..

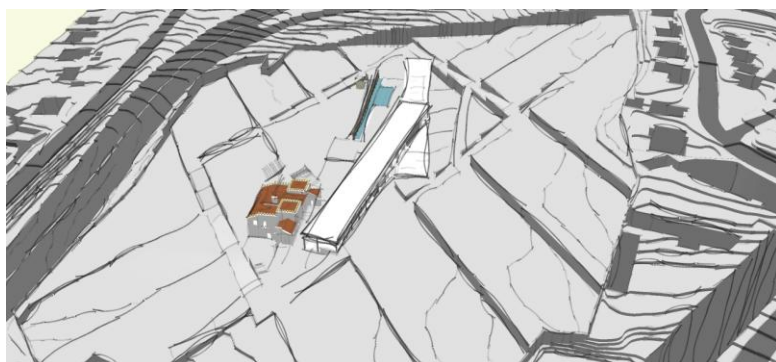
No que se refere ainda ao espaço do restaurante propõe-se manter a geometria original do palácio, recriando diversas salas utilizando nos pavimentos a mesma materialidade do piso inferior lioz e wengue com um desenho que saliente a sua geometria. Deste piso faz parte a *loggia* onde se propõe também a sua recuperação, porém pretende-se fechar o espaço com vidro, para usufruto o ano inteiro não estando assim, dependente das alterações climatéricas.

Estes elementos desempenham um papel fundamental na determinação da atmosfera do espaço. Luz, cor e materialidade são considerados por isso, com relação ao projeto, não obstante da preocupação em resgatar a memória do Palácio.

Sublinhando nomeadamente, a importância da sombra para a percepção da luz, através do controlo da quantidade de luz. A iluminação artificial, irá ser operada na percepção dos espaços por aparelhos, onde as cores serão alteradas de acordo com a fonte de iluminação onde alguns elementos arquitetónicos que não são relevantes durante o dia, protagonizam o espaço à noite.

A recuperação do exterior do Palácio será assente na restabelecimento das antigas alvenarias, esta mista (pedra e tijolo) e revestida a branco quase na sua totalidade com exceção dos cunhais, garantindo deste modo a preservação do carácter forte do edifício.

Pretende-se ainda, com esta intervenção respeitar as características tipológicas e morfológicas que marcam a arquitetura das quintas de recreio integrando a nova construção de forma o menos intrusiva possível. Seguindo esta linha de pensamento propõe-se que os novos volumes se recolham na encosta de Valflores a um nível mais baixo para que não interfira com a preexistência, fazendo da cerca do Palácio a cota máxima da intervenção. A ideia é articular essa parte nova num registo fundamentalmente de uma arquitetura mais de paisagem do que de edifício.



[Fig. 93] Imagem dos novos volumes encastrados no terreno.

Os dois novos volumes acima do solo, estabelecem uma massa construída de grande transparência, fundindo-se na paisagem durante o dia, aparentam grande sobriedade de manhã ou à tarde, porém parecem transfigurados à noite na sua euforia luminosa **[Fig.95]**. Os painéis de vidro refletem em toda a sua superfície, todo o enquadramento, fazendo assim, uma simbiose entre os novos volumes e a envolvente.

A geometria escolhida para os alçados pretende fazer uma ponte entre as formas e cores que existiram outrora no interior do palácio.

Estes volumes formalizam entre si um ângulo delineando uma passagem aos patamares superiores.



[Fig.94] Revestimento azulejar dispostos em xadrez, verdes e brancos.



[Fig.96] Novos volumes, estudo dos alçados



[Fig.95] Painéis de Vidro Reflectores, (Dia./Noite).

A funcionalidade que se pretende para os acessos do complexo assenta na funcionalidade do Palácio, na conservação e recuperação de acessos e percursos existentes. Esta é confinada entre a preexistência e o novo volume dando sentido a nova intervenção que culmina no aqueduto com um pavilhão de jardim.

Reconstrução de Paisagem

Na conservação e recuperação de acessos e percursos existentes podem observar-se nas figuras, os caminhos de aproximação e os caminhos principais de acesso à quinta, pelas diversas frentes. Descrevendo a entrada principal do complexo, esta é voltada a sul da quinta, com entrada directa no parque de estacionamento encastrado no terreno. Esta entrada tem o intuito de proporcionar impacto visual ao visitante, devido ao efeito de promontório que o palácio possui. Os utilizadores, depois de parcarem a viatura, deslocam-se a pé através de um adro, alcançando o piso da recepção junto ao pórtico, a partir do qual podem aceder, através do elevador ou escada, a todo o hotel subindo até ao piso 2, acedendo aos Quartos ou Spa. O ingresso de mercadoria, realiza-se pelo portão localizado a nascente, com percurso pedestre/viaturas que abraça todo a intervenção.



Fig.97] Pormenor do Tanque e chafariz da entrada sul Nascente,



Fig.98] Entrada nascente.



[Fig.99] Acesso nascente á quinta.



[Fig100] Vista do Portico da entrada nascente.



Fig.101] Vista do acesso sul á quinta

O palácio tem na sua origem atividades agrícolas que se desenvolviam em diferentes patamares bem como uma engenhosa solução de aproveitamento das águas da ribeira a partir de noras, tanques, poço e aqueduto. Porém tudo o que perde uso vai se degradando com o tempo e por isso há muita coisa que é praticamente impossível de recuperar propõe-se desta forma uma reinterpretação do sistema de plataformas, restituindo de uma maneira mais funcional os pomares e vinhas existentes bem como a consolidação do aqueduto e ainda a reintegração do tanque há muito perdido.

Modelar o terreno em diferentes patamares, tal como antigamente permite o aproveitamento agrícola do terreno em culturas de regadio, e a comunicação entre os vários socalcos por rampas, ou escadas, desenhando vários e interessantes percursos sensoriais no sentido de retornar essa ruralidade que foi um dia o quotidiano de Vale de Flores

Os jardins antigos eram essencialmente junto á casa, pretende-se, privilegiar este elemento alargando-o para que posso ser usufruído pelos hóspedes do complexo hoteleiro, inserindo zonas de esplanada transformando-o num elemento compositivo da intervenção, convertendo, assim este espaço num lugar mais convidativo e aprazível.



[Fig.102] Quinta nos anos 90 do século XX.

Como se exemplifica na **[Fig 77]** São criados hortas e jardins, com diversas plantas, que pretendem servir o complexo hoteleiro, (restaurante, a loja e o Spa), tais como amores-prefeitos, begónias, cravos, dalias, glicínias, malmequeres, margaridas, orquídeas, petúnias, rosas e verbenas e com ervas aromáticas como o açafraão da Índia, aipo, alcachofra, alcaparra, alecrim, alho, anis, artemisa, baunilha, caril, cebolinho, cerefólio, coentro, cominho, cravinho, endro, estragão, funcho, gengibre, hortelã, jasmim, louro, lúcia-lima, malagueta, manjerição, manjerona, orégão, poejo, rosmaninho, rúcula, salsa, tomilho.

A recriação das antigas hortas, destinam-se ao auto consumo e passam pela produção de agrião, alface, cebola, cenoura, couve, batata e espinafre, nabiça e nabo. A criação destas hortas localizadas ao longo dos percursos da quinta, tanto como pomares e vinhas permitem a vivência, o embelezamento e aromatização dos espaços envolventes. Possibilitam ainda a sua colheita com a colaboração de utentes interessados em experimentar a atividade, e pelos cozinheiros para a confeção de pratos. A informação sobre a identificação, origem e utilizações dadas a cada uma das espécies que constituem o coberto arbóreo, reforça ainda a componente didática que se pretende para a Quinta.



[Fig103.] Quinta nos anos 70 do Seculo XX.



[Fig.104] Quinta ano de 2001.

Propôs-se como acções de salvaguarda para a autonomia financeira da Quinta, o Plano de Recuperação da Quinta de Recreio sugere: a elaboração de um folheto explicativo; publicação de informação sobre a Quinta, nas suas diferentes abordagens temáticas; promoção e divulgação da Quinta recorrendo aos meios de animação multimédia; venda de produtos da Quinta (hortícolas, plantas aromáticas, condimentares, flores de corte, entre outros); realização e promoção de conferências de promoção ambiental e cultural; realização de eventos sociais; implementação de cursos de jardinagem.

O programa de manutenção propõe criar a figura de um conservador para a Quinta e que também será responsável por alguns aspectos associados à sua gestão.

Pretende-se, a fixação de um equipamento misto com as vertentes de lazer e saúde onde o volume enterrado é o SPA.

Os Spas são dedicados a melhorar o nosso bem-estar. A palavra SPA é uma abreviatura do latim "*Sanus per aquam*", que significa "Saúde através da água".

A cultura de SPA está a ter uma grande importância em todo mundo, incluindo banhos, atividade física, fisioterapia/massagem, tratamentos de beleza, para descanso e relaxamento. Hotéis integram hoje, nas suas áreas centros internos de SPA. Estas instalações de SPA, são sensoriais e sensualmente estimulantes, oásis, para pessoas preocupadas com a saúde, como que dizendo, corpo sã mente sã, onde podem ficar longe das pressões diárias, divertir-se, regenerar e restaurar as suas energias. Além do profissionalismo e atenção de pessoal especializado, a concepção espacial desempenha um papel fundamental na criação da atmosfera certa da SPA. Todos estes requisitos foram considerados durante a fase de planeamento e projeto.

O projeto organiza-se em três premissas:

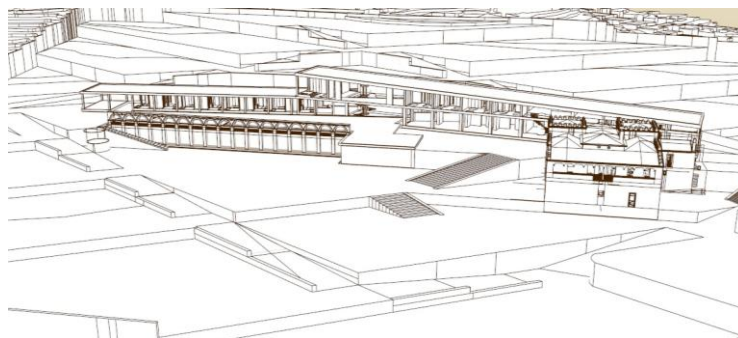
Sensorial | Misterioso | Invisível

Estas premissas respondem ao programa e ao lugar, elevando a arquitetura a uma manifestação essencialmente lógica e poética.

Sensorial são os jardins e o aqueduto, a matéria que cobre e constrói o Spa. É o aqueduto que manifesta o pensamento e o fundamento do gesto arquitetónico possibilitando uma nova apropriação, sem uma imposição programática.

Misterioso é o percurso, como que coreográfico, que revela o novo programa do Spa. O programa pretende ser uma desconstrução do palácio, fechando desta forma a intervenção com uma linguagem semelhante á da preexistência.

Invisível caracteriza o volume do Spa, que se esconde dentro do terreno, por baixo dos jardins e da piscina, e emerge através do aqueduto trazendo luz para os espaços interiores que se expandem como uma gruta.



[Fig.105] Desenho da nova intervenção, e a relação de fachada entre o aqueduto e o Spa.

A água participa na definição do carácter do espaço, assumindo-se como elemento principal em todos os seus estados físicos, (líquido, sólido, e gasoso). A matéria é escolhida com base em termos míticos, explorando o sentido cristalográfico que nos remete para o simbolismo da água como fonte de vida. Citando Thales de Mileto (624-546 a.C) *“A água é o elemento original ou o princípio de todas as coisas.”*

Explora-se também a arquitetura de Zumthor, uma arquitetura que vibra debaixo da luz através do seu brilho e resplandecência. Para além do seu sentido subjacente, este domínio também é explorado pelas ambiências efémeras do gelo, que tem vindo a propiciar novas experiências lúdicas, tirando partido da imanência do material que capta e suspende a luz que imana do seu interior. Temos a sensação de estar perante algo de incorporeal, de espiritual.

Programa

O programa que se apresenta para a reabilitação da Quinta de Recreio Valflores prevê a existência dos seguintes equipamentos:

Corpo A – Palácio

No piso térreo a capela ocupará o lugar de Recepção do Restaurante; segue-se um átrio de entrada e circulação horizontal/vertical por elevador e escada, a Cozinha, e espaço destinado ao armazenamento de lixo orgânico e materiais para reciclar papel e cartão, plástico e metal e vidro. O restaurante interior é distribuído em 3 salas e o espaço da loggia, com um total de 40 lugares.

O piso inferior destina-se ao Bar/Winebar e zona lounge com 40 lugares no interior e 20 lugares no exterior (esplanada), jardim de inverno; e Circulação Horizontal/Vertical, um elevador e uma escada; Sanitários.

Corpo B – Hotel

O Piso térreo terá lugar a Administração, Circulação Horizontal/Vertical por escada Instalações sanitárias do pessoal, Vestiário/balneário do pessoal, sala de convívio do pessoal, cafetaria do hotel, e loja.

O piso 2 destina-se a Quartos/Suites no total de 7, tendo, os quartos, uma área superior a 30 m²;Circulação Horizontal/Vertical por escada e elevador

Corpo C – Hotel

Armazéns com uma área de 45 m²; lavandaria, Circulação Horizontal/Vertical por elevador e escada; Quartos/Suites no total de 8, tendo, os quartos, uma área superior a 30 m²; pavilhão de verão destinado a espaço de leitura e meditação.

Corpo D - SPA

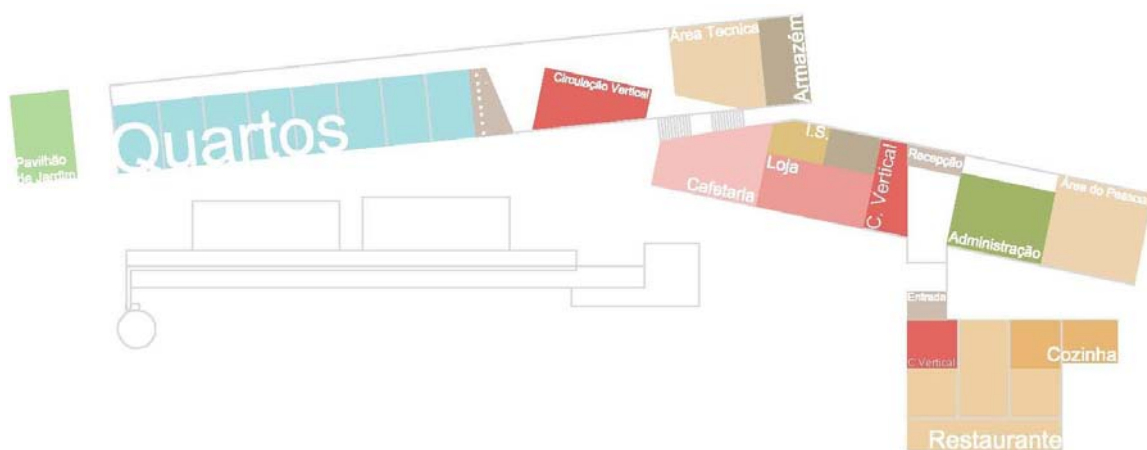
SPA (900m²); Circulação Horizontal/Vertical por elevador e escada, Sanitários e vestiários/balneários, sala de massagens ;sala de massagens de casal, Sauna; banho turco, Cromoterapia, banho de flores, tanque de hidroterapia, tanque de agua fria 14 Graus, banho de som, zona de estar. 2 Piscinas exteriores.

Organograma Funcional

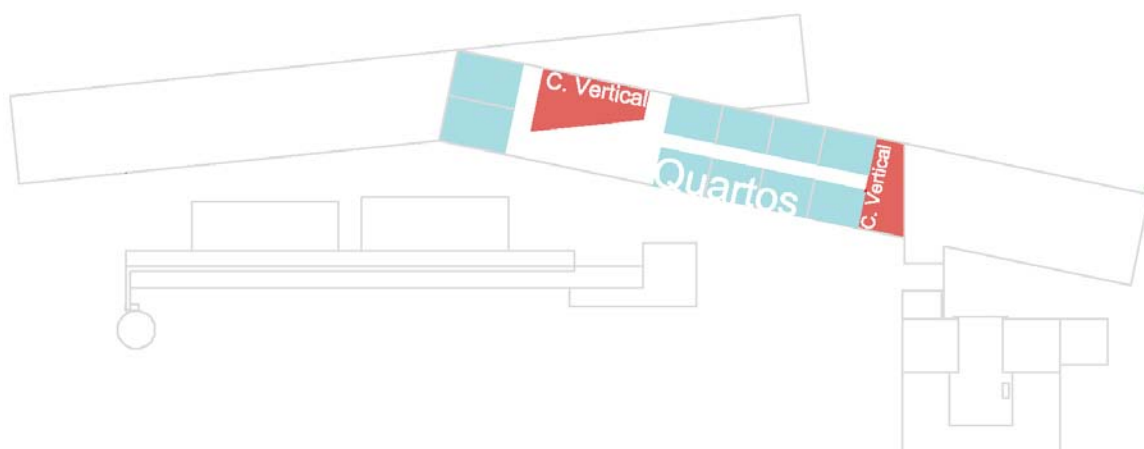
PISO -1 | PISO SUBTERRÂNEO



PISO 1 | PISO TÉRREO



PISO 2 | PISO TÉRREO



[Fig.105] No diagrama funcional apresentado é clara a preocupação em separar o espaço público destinado aos clientes e visitantes do espaço privado, destinado ao pessoal. Pode também observar-se as funções de cada um dos espaços e as suas relações com as funções dos espaços adjacentes.

Considerações Finais

Contribuir para a reconversão do património implica o desenvolvimento de grande parte dos conceitos que foram sendo referidos neste trabalho, e de vários outros, que por motivos compreensíveis não seria possível desenvolver.

Em resumo, todo este processo da valorização de um património edificado está sujeito a vários parâmetros de análise e depende em grande escala de muitos fatores, entre eles a capacidade de gestão das entidades responsáveis ou diretamente ligadas à sua manutenção.

A capacidade do Homem transformar as suas ideias e ponderar as suas ações, permitiu melhorar em grande escala aquilo que a Natureza pôde oferecer de forma direta e viável. Compreender o valor patrimonial, histórico, intrínseca à qualidade estética e o valor funcional (a nível físico e da estrutura) dos elementos que o compõem. Compreender também, que é preciso adequar o programa e as intervenções às suas características.

Contudo o reflexo da presença humana não se revela somente no património edificado. Mais do que elementos construídos é de significados e simbolismos que o Valflores se constitui. É neste sentido que importa ter apreendido conceitos como o lugar, o carácter e a memória. Perceber a história de uma lugar é entender os elementos que lhe deram 'vida' e inevitavelmente o seu carácter.

Um lugar de retiro, um ambiente de solidão e uma forma de arquitetura rica que pode observar-se em Santa Iria da Azoia, são o símbolo da identidade de Valflores. Esta identidade estendeu-se até aos dias de hoje, sujeita à interpretação de cada indivíduo, através dos seus escritos e do património arquitetónico. Face aos conteúdos expostos, a memória coletiva é atualmente aquilo que ainda urge preservar em Valflores. Tendo em conta que o património edificado existente não voltará a adquirir a sua antiga função, o que urge efetivamente é assegurar a continuidade da memória daquilo que a família Barros concebeu e viveu.

O património remanescente é portanto o objeto físico dessa memória coletiva.

Assim, além do acima referido, várias ilações podem ser retiradas. Com esta dissertação de mestrado procurou estabelecer-se uma conjugação de matérias teóricas de diversos âmbitos, de modo a alcançar este lugar de uma forma global, mas também ponderada.

A avaliação de conceitos imateriais como a memória do lugar ou a perceção da luz no espaço torna-se difícil de concretizar nos projetos, deste modo a recorrência a vários autores considerou-se uma mais-valia por permitir desfrutar de uma visão global de forma a compreender como os conceitos referidos são aplicados. No que se refere ao tema da *Luz e Sombra Ambiguidade e Manipulação Espacial, Luz natural e luz artificial, Perceção e Significado do Ambiente Luminoso*, conclui-se que a escuridão versus o choque com a luz altera a forma do ser humano vivenciar o espaço arquitetónico, as experiências quotidianas com luzes e sombras, determinando a sua forma de sentir e ver o mundo ao seu redor. A vivência do homem com a luz (ou sua ausência) é ancestral. Essa experiência de tempos imemoriais tem marcado o inconsciente coletivo engendrando imagens arquetípicas, sensibilidades e formas de apreensão e compreensão do real. O Sol, fonte de luz primordial, tem fascinado a humanidade em todo tempo e lugar estando, assim, a luz intrinsecamente ligado á forma como o homem vivencia o espaço.

Em suma, a reabilitação e ampliação deste Palácio e Quinta não pretende ser um compêndio exaustivo das várias características do Lugar em Valflores, mas antes o resultado de uma ampla interação com o espaço e a convicção de que existiu uma vida antes do total abandono a que este lugar esta sujeito.

“Vale de flores é um documento raro, prestes a desfazer-se antes de o termos lido.” (ADPACS)

BIBLIOGRAFIA E FONTES DOCUMENTAIS

Quintas de Recreio

- PIRES, Amílcar de Gil, “O lugar da Quinta de Recreio na Periferia de Lisboa”, in Arte e Teoria – Revista do Mestrado em teoria da Arte da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, nº 9, pp. 79-91
- ARAÚJO, Ilídio Alves, Jardins, parques e quintas de recreio no aro do Porto, Porto 1979
- CALDAS, João Vieira, A Casa Rural dos Arredores de Lisboa no Século XVIII, s.n., 1999
- PIRES, Amílcar, Vilegiatura e Lugar na Arquitectura Portuguesa, Doutoramento em Arquitectura. FA/UTL, 20 de Fevereiro de 2008

Lugar

- DUARTE, Rui Barreiros, *A Poética do Lugar*, in Arquitectura e Vida, n.23, Janeiro 2002, p.44-49
- DUARTE, Rui Barreiros, *Os Valores do Lugar*, in Arquitectura e Vida, n.26, Abril 2002, p.66-69.
- SOUZA, Ricardo Timm; OLIVEIRA, Nytharmar Fernandes, *Fenomenologia Hoje II: Significado e Linguagem*, EDIPUCRS
- ABREU, Pedro Marques, ARQUITECTURA: MONUMENTO E MORADA , Investigação do *pensamento de Ruskin sobre o Património*, Faculdade de Arquitectura UTL, 12 de Maio de 2005
- CHOAY, Françoise, *A ALEGORIA DO PATRIMÓNIO*, Maio 2006
- COSME, Alfonso Muñoz, *Concepto proceso y representación* , Editorial Reverté
- NORBERG-SCHULZ, Christian, *Paesaggio, Ambiente, Architettura*, Electa, Milano, 1986
- NORBERG-SCHULZ, Christian, *Existencia, Espacio y Arquitectura*, Editorial Blume, Barcelona, 1975
- NORBERG-SCHULZ, Christian, *Intentions in Architecture*, Ninth printing, Massachusetts 1992
- RODRIGUES, Maria João Madeira, *o que é Arquitectura*, Quimera
- ZEVI, Bruno, *SABER VER A ARQUITECTURA* , São Paulo, 2002
- PIRES, Amílcar de Gil, (2008) “Caracter da arquitectura e do Lugar”, IN, Artitextos, nº 6, Julho
- PEREIRA, Paulo, (2002) “ O lugar de passagem” e o resgate do tempo, IN, Estudos: Património, nº1

- SANTOS, André e SILVA, Helena Sofia, (2011), Souto Moura, Colecção de Arquitectos Portugueses, Quidnovi e Autores
- ZUMTHOR, P. (2006). Atmosferas. Barcelona: Gustavo Gili, SL.
- CHING, Francis D.K., (2007) *Architecture - Form, Space & Order*. John Wiley & Sons, 3ª Edição,
- COELHO, Paulo, (2011) Fernando Távora, Colecção arquitectos portugueses, Quidnovi e autores
- ANTHONY Vidler, *Ledoux*, Ediciones Akal, in, *Carácter da Arquitectura e do Lugar*, Amílcar de Gil e Pires, ARTITEXTOS06. JULHO 08, p.109.
- WERNER Szambien, Symetrie, Goût, Caractère – Théorie et Terminologie de L'Architecture À L'Âge Classique 1550-1800, in *Carácter da Arquitectura e do Lugar*, Amílcar de Gil e Pires, ARTITEXTOS06. JULHO 08, p.108.

Reabilitação

- MATEUS, Luís, DFA, *Recuperação e Conservação do Património Construído*, Utl/Depart. Eng. Civil, 2007
- APPLETON, João *"Reabilitação de Edifícios Antigos – Patologias e tecnologias de intervenção"*, 2003.
- AGUIAR, José; Pinho, Ana; Paiva, Vasconcelos, *"Guia Técnico de Reabilitação Habitacional"*. Lisboa: INH/LNEC, 2006.
- CABRITA, António Reis; AGUIAR, José; APPLETON, João – Manual de apoio à reabilitação dos edifícios do Bairro Alto. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 2003.
- COELHO Paulo, F. Távora, *Colecção Arquitectos Portugueses*, Quidnovi e autores, 2011
- SANTOS, André e SILVA, Helena Sofia, (2011), Souto Moura, Colecção de Arquitectos Portugueses, Quidnovi e Autores
- BYRNE, Gonçalo, Revista Archinews, Editora Insidecity, Lda., Lisboa, 2009

Luz

- PERNÃO J. N., Publicação Apologia do estudo de Cor Integrado no Projecto de Arquitectura
- DURÃO, Maria João, (2012), Luz e Cor – Um fenómeno interdisciplinar e transversal, ArchiNews, Special Edition, Nº 2
- AGUIAR, J. (2005). A Cor e a Cidade Histórica. Porto: Publicações FAUP.
- ALBERS, J. (1975). Interaction of Color. New Haven and London: Yale University Press.
- ARNHEIM, R. (1997a) Art and Visual Perception: A Psychology of the Creative Eye. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press.

- ARNHEIM, R. (1997b) Visual Thinking. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press.
- BIRREN, F. (1978). Colour and Human Response. New York: John Wiley and Sons, Inc.
- BIRREN, F. (1987). Principles of Color. Atglen: Schiffer Publishing, Ltd.
- LANCASTER, M. (1996). Colourscape. London: Academy Editions
- MAHNKE, F. (1996). Color, Environment and Human Response. New York: John Wiley and Sons.
- BLOOMER, C. M. (1990). Principles of Visual Perception. London: The Herbert Press.
- BRUSATIN, M. (1986). Histoire des Couleurs. Paris: Flammarion.
- DURÃO, M.J. (2009). Colour as Pathway of Light: Searching the Shadow in Luis Barragán, Proceedings of 11th Congress of the International
- GAGE, J. (2001). Colour and Culture: Practice and Meaning From Antiquity to Abstraction. London: Thames and Hudson.
- GAGE, J. (2002). Colour and Meaning: Art, Science and Symbolism. London: Thames and Hudson.
- GOETHE, J. W. (1988). Theory of Colours. London: Frank Cass & Co. (original editado em 1840).
- HERTZBERGER, H. (1980). Shaping the Environment. Mikellides, Byron (ed.). Architecture for People. London: Studio Vista.
- ITTEN, J. (2002). The Art of Color. New York, Toronto: John Wiley and Sons, Inc.
- Le Corbusier (2006). Polychromie Architecturale: Les Claviers de Couleurs de 1931 et de 1959. Arthur Rugg (Ed.). Basel: Birkhauser.
- LENCLOS, J.P (1989). The Geography of Color. Tokyo: San'ei Shobo Publishing Co.
- LOBO, C., Pernão, J. (2009). Glazed Tiles as an Improving Element for the Environmental Quality in Urban Landscape. Proceedings of 11th Congress of the International Colour Association, September 27-October 2, 2009. Sidney: The Colour Society of Australia, Inc.
- LOBO, C., Pernão, J. (2008). Perceptual Colour Variation on Surfaces due to Different Observing Conditions: Azulejos (Glazed Tiles) as Case Study, Proceedings of the AIC 2008 Interim Meeting Colour - Effects and Affects, June 15-18, 2008, Swedish Colour Centre Foundation/ Scandinavian Colour Institute AB, Stockholm.
- LOUÇÃO, D. (1992). Cor: Natureza, Ordem, Percepção. Tese de Doutoramento, (não publicada). Lisboa: FAUTL.
- Noury, L. (2008). La Couleur dans la Ville. Tours, France: Éditions du Moniteur
- Pallasmaa, J. (2005). The Eyes of the Skin: Architecture and the Senses. Chichester, UK: John Wiley and Sons, Ltd.

- Pernão, J. (2012). A Cor Como Forma do Espaço definida no Tempo. Tese de Doutoramento, não publicada. Lisboa: FAUTL.
- PERNÃO, J. (2009). Cor e Arquitectura: Investigação Aplicada (não publicado). ISeminário Internacional Cor - Design e Arquitectura, Universidade Lusíada de Lisboa, Lisboa, 30-31 Outubro, 2009.
- PERNÃO, J., Durão, M.J. (2006). Elementos para um Novo Entendimento da Cor como Geradora do Espaço e do Tempo, Artitextos nº3, Dez 2006, pp.149-178.Lisboa: Centro Editorial da FAUTL.
- PERNÃO, J. (2005). Interpretação da Realidade como Variação da Cor pela Luz no Espaço e no Tempo. Dissertação de Mestrado, não publicada. Lisboa: FAUTL.
- SILVA, F.M. (1999). Colour/Space:Its Quality Management in Architecture. The Colour/Space Unity as an Unity of Visual Communication. Unpublished Ph.D. thesis, Universidade de Salford, Salford, Inglaterra .
- SWIRNOFF, L. (1986). Dimensional Color. New York: Van Nostrand Reinhold
- ZUMTHOR,P. (2009). *Pensar a Arquitectura*. Amadora: Gustavo Gili, SL

DOCUMENTOS ELETRÓNICOS

CARTA DE CRACÓVIA, 2000, Princípios para a Conservação e o Restauro do Património Construído,

Disponível em [www.http://194.65.130.238/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf](http://194.65.130.238/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf)

Crematorium Baumschulenweg

Disponível em: www.archdaily.com/ Shultes Frank Architekten" 23 Jan 2013.ArchDaily. Accessed 22 May 2013.

ArchDaily, Light Matters, Louis I. Kahn

Disponível em: <http://pzarch14.wordpress.com/2012/11/21/light-casts-a-shadow-and-the-shadow-becomes-light-louis-kahn/>

James Turrel disponível em:

<http://www.environmentalgraffiti.com/featured/james-turrell-visionary-masterpieces-light-space/8759>

<http://nga.gov.au/turrell/>

<http://www.pomona.edu/museum/watch-listen>

http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=GrD5ylEn1wQ#!

<http://thepacegallery.com/>

jamesturrellcatalogues.blogspot.com

<http://www.monumentos.pt>

<http://www.sw-hotelguide.com/portugal/douro/aquapura/pt/index.html> , consulta: 5.06.2013

<http://www.igespar.pt>

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1123

<http://www.sitiodaslareiras.com/decorpedras.htm>

Fonte: <http://www.ecoideias.com/dicas-verdes/5-alternativas-a-horta-nas-traseiras/>

<http://terrasdeportugal.wikidot.com/mosteiro-de-santa-maria-de-flor-da-rosa>

www.oespacodotempo.pt

GLOSSÁRIO, ACRÓNIMOS E ABREVIATURAS

CMLoures Camara Municipal de Loures

DGEMN- Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

ADPACS Associação de Defesa do Património Ambiental e Cultural de Santa Iria de Azóia

IGESPAR Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico

IPPAR Instituto Português do Património Arquitetónico

FAUP Faculdade de arquitetura da universidade do Porto

CPF Centro Português de Fotografia

FAUTL Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa

SPA "*Sanus per aquam*", que significa "Saúde através da água".

PROJECTAR COM O LUGAR

Reabilitação do Palácio e Quinta Valflores | Santa Iria da Azóia, Loures

Conversão numa Pousada e Espaço de Saúde e Bem-estar | A Luz na Arquitetura

Ana Catarina da Silva Brás

Número de Palavras: 17.670

Lisboa, FAUTL, Outubro 2013

ANEXO I – REFERÊNCIAS

No anexo I estão organizadas imagens fotografias, desenhos e textos que de algum modo fizeram parte, como elementos de referência, de todo o processo de desenvolvimento do projeto. São alguns elementos que não foram incluídos no texto principal, mas que mesmo assim tiveram a sua importância e influência.

Descrição Arquitetónica detalhada

“A atenção para a zona contígua ao palácio não surge por acaso. Os pomares, com uma função utilitária mas também lúdica, como local de devaneio e passeio, são uma transposição de ideias renascentistas. Esta visão integradora do conjunto leva João Vieira Caldas a defender que “qualquer recuperação do edifício deve integrar a zona envolvente”.

Caldas, João Vieira *in* Jornal de Notícias, pág. 8, 18-Jan-2002

“...reflexão sobre a importância do imóvel que durante anos e anos era conhecido, localmente, como o “Palácio das Abóboras”, mas que se trata, de facto, de um exemplar praticamente único de uma “casa renascentista, com clara influência da cultura italiana”, como defendeu o arquitecto João Vieira Caldas.

«...edifício mandado construir por Jorge de Barros, feitor na Flandres durante o reinado de D. João III, que teve a preocupação de “juntar o útil ao agradável”, ou seja, construir um edifício que fosse, para além de apoio às actividades agrícolas, um espaço de abertura ao mundo. “Trata-se de um edifício que se impõe, uma casa de onde se vê, mas que também quer ser vista”, disse Vieira caldas.

A importância do Palácio (...) advém da exiguidade de bons exemplares do género no país, de ser marcante do cosmopolitismo de uma época e de ter chegado, praticamente sem alterações de função, até à segunda metade do século 20.

O seu aspecto compacto e o recurso a uma geometria simples, predominando a tipologia dos imóveis renascentistas, em especial de influência italiana, com um corpo central e duas torres, leva Vieira Caldas a dizer que se está perante “um momento de ensaio do renascimento português”, o que significa uma simbiose entre as correntes que dominavam na Europa e uma marca “nacional”.

“Tal é perceptível por algumas diferenças. Desde logo pelo facto de a ‘loggia’ (...) não se situar entre as duas torres. “As torres são apenas sugeridas, não apenas pela afirmação de classe, e esta era uma casa para ser afirmativa não por onde se entrava, mas pela ‘loggia’, defendeu o arquitecto. Apesar de ter influência de Itália é uma casa portuguesa, “até porque tem sempre a característica de apoio à agricultura”.

Caldas, João Vieira *in* Tribuna de Loures, pág. 4, 22-Abr-2002

“Edifício de planta quadrangular regular de dois 2 pisos, contando ainda com um terceiro restringido à área dos torreões. Tem adossados uma capela, a N., e um anexo de construção posterior, a E. e no prolongamento da fachada N.. As coberturas são diferenciadas e escalonadas, com telhados a duas, três e quatro águas, elementos que acentuam a volumetria do edifício, escalonada ao ritmo da topografia e da organização dos espaços interiores fundamentais. O edifício volta-se a S., com uma fachada dominada pela extenso pano do piso térreo, com fenestração reduzida a duas aberturas, e marcada superiormente pela ampla “loggia” do piso nobre que percorre todo o alçado: é composta por arcos abatidos sobre colunelos toscanos, apoiados num peitoril e interrompidos nos 2 arcos centrais por balaustrada de ferro. O acesso à casa faz-se a N., onde o terreno tem uma cota mais elevada e por isso a fachada posterior se define em alçado pelo piso único do andar nobre com um corpo central delimitado por dois torreões quadrangulares, desenhados sobre a divisão posterior da casa e aqui se criando mais um sobrado; esta fachada abria para um pátio, do qual hoje apenas restam algumas estruturas murárias, em particular a E., onde subsistem um troço de muro e o portal (O portão de acesso ao terreiro tinha pedra de armas dos Barros de Melos na padieira, mas já desapareceu) e cujo traçado deixa no exterior o volume da capela. Os alçados laterais apresentam prospecto idêntico, exceptuando os volumes das construções adossadas que lhes conferem a diferenciação: a E., o anexo de planta rectangular com dois pisos, que oculta parte do pano do torreão; a N. e no prolongamento da fachada O., a capela, de planta próxima de um quadrado e levantada ao nível do piso nobre. Nestas fachadas, de perfil escadeado e coroadas por merlões piramidais, definem-se claramente os 3 pisos, bem como as características de construção e composição comuns a todo o edifício: alçados de pano único rebocado, com cunhais de aparelho rusticado, fenestração feita por vãos rectangulares de verga recta e emolduração simples. Interior - Mostra uma organização espacial concebida a partir de uma divisão essencial: piso térreo reservado a lojas e pavimentos superiores para habitação. A compartimentação respeita igualmente o modus de habitar da época, traçada simétrica e regularmente num quadrado de 17 m x 20 m: ao centro, a sala rectangular, o espaço mais generoso da casa em área (11.85 m x 6.10 m) e pé direito (sobe acima das câmaras laterais), de disposição longitudinal ligando a entrada à varanda; da cada um dos lados duas câmaras quadrangulares (cerca de 6m x 5.30 m para cada uma), os

aposentos reservados, comunicantes internamente, com os do lado S. abertos também para a varanda e os do lado N. um com saída para o pátio (muito provavelmente umas escavações arqueológicas realizadas nos terrenos a N. e no espaço imediatamente fronteiro à fachada posterior poriam a descoberto outras estruturas necessariamente aqui existentes ao tempo da construção do palácio: na verdade, além do muro delimitador do pátio, qualquer outra estrutura deveria aqui existir, dado ser notório o edifício se encontrar incompleto, nomeadamente pela ausência de um espaço vestibular; qualquer intervenção que venha a ser feita neste imóvel, deverá incluir, pelo menos, uma prospeção arqueológica, face ao interesse que este palácio comporta para o estudo da arquitectura residencial nobre no séc. 16) e outro com ligação à capela. Os torreões, circunscritos às câmaras a N., aproveitaram-se para um sobrado suplementar. A capela, de pequenas dimensões e carácter privado, tem cobertura em abóbada e lambril de azulejos enxaquetados. No piso térreo repete-se de alguma forma esta compartimentação.»

DGEMN in http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002_B1.aspx

« Arquitectura civil residencial, medieval e renascentista: palácio erguido numa propriedade rural, de planta quadrangular com dois pisos e um sobrado nos torreões, e capela adossada. Coberturas e volumes escalonados, empenas laterais e torreões rematados por merlões piramidais. Fenestração irregular de vãos rectangulares de verga recta e emolduração simples. "Loggia" a todo o comprimento do alçado principal. Acesso à casa localizado na fachada posterior, antecedido por pátio. Compartimentação interior realizada a partir de dois muros longitudinais e dois transversais, criando uma divisão regular feita de um grande rectângulo e dois quadrados. Este palácio foi construído na tradição do paço régio medieval, de que o Paço de Leiria é modelo, embora transporte elementos renascentistas, especialmente visíveis na decoração da capela e na maior importância conferida à "loggia" (tanto na área que lhe é consagrada, como na decoração).»

DGEMN in http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002_B1.aspx

Descrição construtiva

Paredes autoportantes, em alvenaria de pedra e cal, aparelho rusticado nos cunhais e cobertura de telha cerâmica sobre estrutura de madeira.

DGEMN in http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002_B1.aspx

Alvenaria rebocada e cantaria. Calcário, argamassa, madeira e azulejos.

DGEMN in http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002_B1.aspx

Cronologia

Sec. XVI

Em 1537 - Jorge de Barros, feitor de D. João III na Flandres [desde 1532], regressa a Portugal;

Cerca de 1550 - este mercador, dos últimos feitores no importante centro cultural que então constituía a Flandres, decide construir um paço rural, na tradição das moradias régias e nobres medievais mas com influência renascentista, consentâneo com o prestígio da anterior nomeação, com a fortuna possuída - "uma das maiores que neste reino se ajuntou que passava de trezentos mil cruzados" (FREIRE: 1927, p. 64) e com o morgadio por ele instituído com cabeça em Valflores.

A propriedade é herdada por sua filha D. Luísa de Barros, casada com um nobre desaparecido na Batalha de Alcácer Quibir, vindo posteriormente a passar para um ramo colateral da família, em cuja descendência se conservou por 9 gerações

DGEMN in http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002_B1.aspx

Sec. XIX

Na 2ª metade - segundo Braancamp Freire, D. Pedro Climaco de Alcântara de Barros e Vasconcelos perde a quinta à mão de credores, ficando esta na posse de um brasileiro; c. 1870 - a quinta, e outras propriedades na freguesia, são

adquiridas pela família inglesa Reynolds, que passa a arrendá-la; 1899 - Anselmo Braancamp Freire descreve o palácio como estando em regular estado de conservação exterior.

DGEMN in http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002_B1.aspx

1978

Sob proposta da Comissão organizadora do Instituto de Salvaguarda do Património Cultural e Natural, o palácio foi classificado como Imóvel de Interesse Público.

Arquivo da ADPACS

1979

Outubro

As estudos para a definição da área envolvente a proteger são realizados com a DGEMN, à data apontando-se a necessidade de, além de cuidar da preservação da envolvente, ser absolutamente urgente obviar ao péssimo estado do imóvel, sob pena de, inclusive, vir a desaparecer totalmente o que resta da cobertura mudéjar da sala principal.

Dezembro

A SEC (DG do Património Cultural), através da Câmara Municipal de Loures, notifica o proprietário do imóvel

DGEMN in http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002_B1.aspx

1980

Fevereiro

O edifício conhece uma vistoria dos técnicos da DGEMN e da CMLoures, da qual surge um plano de intervenção: consolidação estrutural, reconstrução de coberturas e restauro dos tectos primitivos (ocultos por outros mais recentes); do tecto mudéjar já nada restava.

DGEMN in http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002_B1.aspx

1982

IIP Dec. Nº 28/82 DR de 26 de Fevereiro de 1982

ZEP DR nº 213 de 14 de Setembro de 1982

Arquivo da ADPACS

1990

19-Junho

Câmara Municipal de Loures

Excertos de ofício do Serviço de Informação e Relações Públicas – Gabinete de Informação «Palácio Classificado pelo IPPC transformado em pocilga.»

«Situado na Freguesia de Santa Iria de Azóia, junto à E.N. nº 115, fica o Palácio da quinta de Valflores que pelo facto de aliar elementos da arquitectura militar numa estrutura de base civil, se constitui como um raro exemplo, a nível nacional, deste estilo arquitectónico do sec. XVI. Estas características mereceram-lhe, por parte do IPPC, a classificação de Monumento Nacional.»

«No entanto, este edifício, que pela sua classificação determina certos condicionantes na construção de novos imóveis na área envolvente, sendo propriedade de uma família estrangeira, encontra-se actualmente numa fase adiantada de deterioração estando mesmo a funcionar como armazém de uma exploração agrícola e como local de criação de porcos.»

«Esta situação, que é ainda agravada pela transferência de algumas das peças da arquitectura desta antiga casa fortificada para locais que lhe são completamente estranhos, tem vindo a ser desde há muito pela Câmara Municipal de Loures que já por mais de uma vez alertou o IPPC para o estado de degradação deste imóvel do património arquitectónico nacional.»

Arquivo da ADPACS

07-Setembro

Jornal de Notícias, pág. 3

Excertos da notícia «Palácio Vale Flor na corda bamba dos protocolos»

«Segundo a proposta de protocolo elaborada pelo IPPAR, competia à Junta Autónoma de Estradas adquirir o imóvel ou expropriá-lo, cedendo-o depois à Câmara de Loures para a criação de um centro cultural multi-usos, que poderá incluir um pequeno núcleo museológico. A autarquia teria apresentado um programa para a execução do projecto de recuperação e adaptação do imóvel e posterior execução. Competia à JAE assegurar os pagamentos dos encargos do projecto e despende a verba necessária para a recuperação do Palácio, quantia que ainda não está definida.»

«...os autarcas exigirem a construção de uma variante à Estrada Nacional 10, uma via sistematicamente engarrafada. E foi com a construção desta nova via, bem como a ligação com a A1, que se tornou imperativo realizar estudos de impacte no monumento, nomeadamente a possibilidade de trajectos alternativos, evitando deste modo ferir profundamente a área da Quinta de Valflores.

Não tendo sido possível e depois do próprio IPPAR ter ponderado “a questão da extensão da ZEP e da zona ‘non aedificandi’ e sua possível alteração” – e verificar que os prejuízos físicos, no monumento, são “limitados xxxxxxxxxda” - o IPPAR avançou com uma proposta de protocolo tripartida para a recuperação do palácio.»

«A proposta de protocolo foi elaborada e enviada pelo IPPAR à JAE e à Câmara de Loures em Janeiro deste ano. A Câmara de Loures respondeu no mês seguinte e deu o seu acordo ao global da proposta.»

«...o IPPAR informou que permanece à espera de uma resposta da Junta Autónoma de Estradas.

Luís Ferreira Calado, o presidente do instituto, lembra que foi enviada “à JAE em 16.1.98 a minuta do referido protocolo, e que não recebeu o IPPAR daquela entidade qualquer resposta, pese embora as suas insistências (...). O Presidente do IPPAR resolveu então informar a Secretária de Estado da Cultura do desenvolvimento de todo o processo (...). O JN tentou junto da JAE saber um ponto da situação. Em contacto com as relações públicas, que não sabiam de nadaxxxxxxxxx.»

Arquivo da ADPACS

30-Outubro

Jornal Público, pág. ???

Excertos da notícia «JAE acusada de abandonar palácio de Vale Flor»

«O presidente da Câmara de Loures, Demétrio Alves, acusou ontem a Junta Autónoma de Estradas (JAE) de “incúria e desmazelo” referindo-se à forma como a instituição estará a lidar com o processo do palácio de Vale Flor, edificação com interesse histórico na freguesia de Santa Iria de Azóia. (...) O autarca fez um apelo para que “o palácio de Vale Flor não seja votado ao abandono e à ruína, tal como se encontra agora”. Este imóvel, que data do século XVI e é propriedade de privados, foi alvo de um acordo de colaboração entre várias entidades tendo em vista a sua recuperação, aquando da construção da variante à EN10, devido ao seu interesse histórico e arquitectónico. Nesse pacto, firmado há cerca de 2 anos, entre a edilidade, a JAE e o Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR), a junta comprometia-se a obras de restauro e reabilitação do edifício e espaço envolvente.

Segundo informação da câmara municipal, o protocolo tripartido foi rubricado em Janeiro deste ano tanto pela autarquia como pelo IPPAR, não tendo até agora sucedido o mesmo com o organismo estatal responsável pela rede viária, e que neste caso se comprometera a proceder a melhoramentos num edifício com importância patrimonial. “Se aquilo não é protegido, é o fim”, disse Demétrio Alves.»

«Contactada a JAE, o seu serviço de relações públicas esclareceu que a instituição “elaborou uma nova proposta de protocolo que está neste momento para apreciação, após o que será remetido para o IPPAR para futura pronunciação. Posteriormente será elaborado o protocolo definitivo, seguido da fase de projecto de recuperação do imóvel” e da posterior obra.»

Arquivo da ADPACS

21-Junho

Jornal Público, pág.???

«Com a construção, em 1998 (...) do IC2 (...) a JAE comprometeu-se, dado o impacto causado pela proximidade do eixo viário, a pagar a reabilitação do edifício. Assim, celebraria um protocolo com a Câmara de Loures e o IPPAR, no qual se obrigava a adquirir o imóvel – ou a expropriá-lo, caso fosse necessário – e a financiar as obras de restauro e de reabilitação da área envolvente, tendo e vista a construção de um centro cultural.»

«O IPPAR diz que o protocolo não foi assinado porque, desde Agosto de 1998, que esperam um contacto da JAE. “As últimas diligências desenvolvidas reportam ao Verão do ano passado, quando lhes enviámos um ofício que ainda não obteve resposta. Por isso está tudo parado, não sabemos de mais nada”, afirma Manuel Lapão, o arquitecto do IPPAR que tem o processo em mãos e que assegura que o Palácio Valflores tem “um valor paradigmático.”

Os responsáveis da JAE, porém, têm uma interpretação diferente das suas responsabilidades no processo, que consideram que são nenhuma. António Lamas, o presidente do organismo estatal, diz que “há uma grande confusão, pois a JAE já não tem nada a ver com o assunto”, porque, afirma, o imóvel não possui uma zona especial de protecção onde se incluiria uma “área não edificável”, o que obrigaria a entidade responsável pela construção da estrada a participar numa intervenção extraordinária.

“Além desse estatuto não estar atribuído ao imóvel, (...) nem a junta tem competências para tal” defende António Lamas, afirmando que não cabe à JAE proceder à recuperação de monumentos, “mas sim cumprir as funções para que foi criada”. Sobre as expectativas criadas junto do IPPAR e da autarquia, assegura que essas entidades “devem estar enganadas”.

«Acrésceta (o presidente da junta de freguesia de Santa Iria de Azóia) que apenas sabe que o caseiro foi notificado pelos proprietários para abandonar o imóvel.»

Arquivo da ADPACS

Setembro

Revista Pedra & Cal nº 3, Julho, Agosto, Setembro, pág. 54

Excertos da notícia «Património em Perigo» do Arq. Nuno Teotónio Pereira

«De propriedade particular, jaz ao abandono e tem sido utilizado da forma mais selvagem como abrigo de animais e depósito de detritos de toda a espécie.»

Arquivo da ADPACS

2001

16-Julho

Pedido de reclassificação, pela Associação de Defesa do Património Ambiental e Cultural de Santa Iria de Azóia, como Monumento Nacional

Arquivo da ADPACS

31-Julho

O IPPAR responde, através do Director Regional de Lisboa, o Arq. Manuel Lapão, ao pedido de reclassificação e informa que a redução dos limites de reclassificação da Quinta de Valflores (ao abrigo da qual se construiu o IC2) ainda não é efectiva dado não ter ainda sido publicada em DR.

27-Setembro

Jornal A Capital, pág. 11

Excertos da notícia «Abandono do Palácio de Valflores pode originar queixa em Bruxelas»

«O Palácio de Valflores (...) começou a ruir há poucos dias estando a sua estabilidade em causa. Parte do tecto e uma parede, onde se incluía uma arcada com valor arquitectónico relevante, deram de si, e agora teme-se que o que resta da construção seja irreversivelmente destruído.»

«A construção, em 1988, do Itinerário Complementar 2 (IC2) – cujos acessos passam em frente ao palácio, levou a antiga Junta Autónoma das Estradas a comprometer-se, em acordo que deveria ter rubricado com a Câmara Municipal

de Loures e o IPPAR, a custear as obras de recuperação. Isto para compensar o impacto causado pela proximidade do eixo viário.»

«"Aquilo a que estamos a assistir é a consequência da completa incúria do proprietário, que nada fez para o evitar. O mais grave é que isto aconteça com a conivência do IPPAR, que tem conhecimento do processo desde o início e não tomou qualquer medida visando a protecção de um imóvel classificado de interesse público", critica Rui Pinheiro, que antontem notificou o instituto público sobre o estado de degradação do palácio.»

Arquivo da ADPACS

28-Setembro

Jornal Tribuna de Loures, pág. 3

Excerto da notícia «Já caiu uma parte do palácio de Vale Flor»

«Também Cristina Mendes, da Associação de Defesa do Património de Santa Iria de Azóia se mostrou muito sensibilizada com a situação. Lembra que a Direcção-Geral dos Monumentos elaborara, este ano, uma carta de riscos, com a demarcação das zonas críticas, alertando para os riscos que o palácio em causa corria.»

Arquivo da ADPACS

02-Novembro

LX Metrópole, pág. 30 – Diário Económico

Excerto do artigo «Valflores – e um dia a casa veio abaixo»

«Hoje a varanda, já meio desmoronada, olha triste para a trepidação e os fumos de uma variante de auto-estrada (...)»

Arquivo da ADPACS

2002

18-Janeiro

A Associação de Defesa do Património Ambiental e Cultural de Santa Iria de Azóia (ADPACS) organizou um colóquio intitulado "Olhares sobre o Palácio ValFlores" que decorreu na sala multiusos do Castelo de Pirescoxe em que foram oradores o Arquitecto João Vieira Caldas (docente de História da Arte no Instituto Superior Técnico) e o Professor Pedro Barbosa (docente na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).

Arquivo da ADPACS

19-Fevereiro

Jornal Público, pág. 37

Excertos da notícia «Palácio Valflores vai ser comprado por 750 mil euros»

«(...)o edifício deverá sofrer uma intervenção de urgência. Situada nos arredores de Lisboa, a quinta vai ser comprada por uma empresa do Concelho de Loures, a Jodipe, numa aquisição que deverá atingir os 750 mil euros.

Para já o Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR) promete encarregar-se de fazer o seu escoramento, com o objectivo de impedir que caia por terra. "Neste momento estamos apenas à espera que a Direcção Regional de Lisboa nos apresente o relatório técnico. Assim que estiver concluído, começaremos a montar os andaimes. Consoante as suas conclusões, poderemos avançar para um escoramento global ou parcial (envolvendo só a varanda)", garantiu Paulo Pereira, um dos vice-presidentes do IPPAR.»

«Depois de três anos de negociações com a casa Reynolds, a empresa está a um passo de formalizar a aquisição, estando a escritura ainda dependente de alguns acertos na documentação camarária. "Continuamos a ser os promitentes compradores porque ainda não assinamos a escritura. Mal esteja assinada, poderá por-se em curso o projecto de recuperação, no qual não tencionamos investir. O nosso contributo será a cedência da propriedade livre de quaisquer encargos", explica José Pedro Moura Santos, da Jodipe, falando de uma recuperação que pode atingir os dois milhões de euros.»

Arquivo da ADPACS

22-Abril

Tribuna de Loures, pág. 4

É dada notícia do colóquio “Olhares sobre o Palácio ValFlores”

Excertos da notícia «Juntam-se vontades para salvar o Palácio ValFlores»:

«Até que ponto é possível conciliar a preservação do Palácio, dando-lhe um sentido útil, e o eventual interesse de construção na zona envolvente. O que se passou com a recuperação do Castelo de Pirescôxe – onde se conciliou os dois aspectos – foi apontado como exemplo positivo de uma intervenção.

“Agora, tem de ser uma construção de qualidade, e que deixe espaço para esta obra de arte respirar. Preservar, para mim, não é colocar numa redoma de vidro, é criar utilidade ao que os nossos antepassados deixaram”, defendeu o professor Pedro Barbosa.»

«Para já, existe um perímetro de protecção, pois o Palácio encontra-se numa zona não edificável. O que por si só não é factor de segurança, pois como lembrou Ernesto Costa, presidente da Junta de Freguesia de Santa Iria de Azóia, “o ministro Carrilho alterou o perímetro do palácio para passar uns cabos de alta tensão e a LTE colocou aqueles mamarrachos em frente ao edifício.”»

«Independentemente de uma utilização futura, o urgente é intervir agora, para não acontecer de novo o cenário de 24 de Setembro de 2001, quando se deu o colapso de uma parte significativa da 'loggia'.»

«“Há que juntar todas as partes, proprietário, Câmara, estado e encontrar uma solução conjunta”, defendeu Cristina Mendes.»

«Sensibilizado ficou Carlos Teixeira, presidente do município, presente no debate essencialmente para conhecer o problema. “De qualquer maneira vou ver se é possível agir coercivamente para se montar, para já, uma estrutura de protecção”, disse o autarca.»

Arquivo da ADPACS

2003

7-Março

Escoramento do piso inferior sob a loggia efectuada pela construtora Vila Franca.

Foram executadas operações de limpeza.

As obras foram suportadas pela firma JODIPE.

Orçamento de 35000€ para cobertura do edifício que a JODIPE não assume porque pondera não adquirir o edifício..

Arquivo da ADPACS

« escoramento do que resta da loggia; Piso Intermédio - escoramento da 1.ª sala e Piso Térreo - escoramento de toda a zona por baixo da Loggia; Capela - tapado o buraco que aí se encontrava; Limpeza interior»

DGEMN in http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002_B1.aspx

28-Outubro

A Associação de Defesa do Património Ambiental e Cultural de Santa Iria de Azóia (ADPACS) solicita ao IPPAR que sejam tomadas medidas de excepção no sentido de prevenir a derrocada do imóvel. Em particular, solicita-se que o IPPAR assuma os custos da cobertura (hipótese que o IPPAR já tinha colocado como possível em público).

Arquivo da ADPACS

23-Maio

A ADPAC, dirigindo-se à CML, sugere que «(...) a nossa proposta é que a casa de Valflores deveria servir de 2º Quartel General”, de um “Centro de estudos” de urbanismo ecológico que dinamizaria, coordenaria e difundiria o trabalho efectuado pelas universidades portuguesas e empresas, promoveria a troca de experiência e conhecimento com outros países, incentivaria o estudo e a prática deste tipo de urbanismos em Portugal. Podendo, igualmente, assegurar, pelo menos em parte, a dinamização do edifício a sua abertura à comunidade através de um centro de documentação e

da organização de eventos relacionados directa ou indirectamente com o assunto (que cobrirão necessariamente vastas e diversificadas matérias se tivermos em consideração as múltiplas áreas do saber que compõem esta forma de pensar a organização do território). (...) A utilização da quinta far-se-ia através de hortas familiares/municipais seguindo um modelo ecológico e eventualmente a associação com outro tipo de culturas de com função de biodepuração (registamos que a propriedade é atravessada por uma linha de água e por “águas subterrâneas” que brotam numa fonte situada nos limites da propriedade.»

Arquivo da ADPACS

26-Setembro

A CML adquire a Quinta de Valflores por 500 mil euros.

Arquivo da ADPACS

2006

26-Janeiro

JN – on-line

Excerto da notícia «Recolha de assinaturas para recuperar Valflores»

«A Associação de Defesa do Ambiente de Loures (ADAL) anunciou, ontem, que vai promover um abaixo-assinado de apoio à recuperação do Palácio Valflores, em Santa Iria de Azóia, Loures.»

Arquivo da ADPACS

2007

Julho

Obras de emparedamento dos vãos exteriores do edifício no 1º piso, dos vãos interiores e exteriores do piso inferior. Este emparedamento foi efetuado com alvenaria de tijolo e argamassa de cimento e areia ao traço 1:6.

A ADPAC solicitou à CML que os vãos inferiores, a serem emparedados, o fossem garantindo alguma ventilação do interior¹. Esta ventilação foi considerada fundamental para que, em caso de intempérie, a água que se infiltre para o piso inferior possa evaporar minorando o efeito sobre as alvenarias e estruturas de abóbadas. Por outro lado a ausência de ventilação poria em causa a integridade dos escoramentos em madeira efectuados em 2003.

As obras de emparedamento foram realizadas tendo em consideração a recomendação da ADPACS pelo menos nos que respeita aos vãos exteriores.

Fez ainda, esta associação, a recomendação de que fossem feitos todos os esforços possíveis para a colocação de uma cobertura metálica provisória sobre o edifício de modo a protegê-lo das águas de infiltração.

Para além disto, foram feitos alguns reparos sobre o estado de conservação de um pequeno aqueduto com grande nível de degradação.

Arquivo da ADPACS

¹ O autor do presente trabalho teve acesso a estas informações através do Professor Luís Mateus

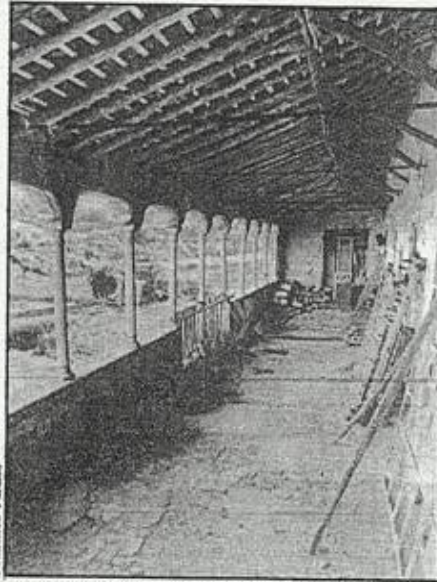
Sucessivamente abortados todos os projectos de reconversão, uma preciosidade arquitectónica da região de Lisboa parece definitivamente condenada à ruína

Solar desmorona-se sem que lhe acudam.

Avistado do limite setentrional de Santa Iria da Azoia, o solar quinhentista é uma meia ruína de linhas graciosas, com um largo varandim romântico que domina o Tejo. Uma imitação diminuta de ameias, nos flancos do telhado, incute-lhe uma contraditória aparência de fortim. Perdida a cal, a pedra amarela das paredes gretadas contrasta com a verdura do horto semi-abandonado ao qual é sobranceiro. Estamos a falar do Palácio da Quinta de Valflores, para cujo descalabro um comunicado da Câmara Municipal de Loures chamou há um par de dias as atenções.

«Isto não tem salvação» — comentou para o «DL» o rendeiro da propriedade, confrontado com a hipótese de o alerta camarário suscitar medidas de restauro e aproveitamento do edifício, classificado como Monumento Nacional.

Segundo o rendeiro, Alfredo Mendonça, são cíclicos os movimentos de interesse pela recuperação do solar, mas até hoje nenhum teve consequências. Nascido na Quinta



As colunatas do varandim de inspiração no romântico italiano já começam a claudicar.

arrendava ao actual proprietário, a Sociedade Agrícola Casa Reynolds, Alfredo Mendonça, aos sessenta anos, diz não terem conta os projectos de reconversão do imóvel de que teve conhecimento.

Aquele que lhe chegou a parecer mais próximo da concretização visava a adaptação a Pousada, com a capacidade para camas aumentada pela construção de pequenos anexos, disseminados pela Quinta. As negociações com esse fim ocorreram há cerca de dez anos. Fosse pelo que fosse, o projecto não avançou.

«Também se falou em abrir aqui um restaurante» — observou o rendeiro à report-

agem do «DL», enquanto a guiava pelos escombros que juncam o interior do palácio, cujas principais divisões já não dispõem de tecto.

Câmara e IPPC enviam representantes

O ceticismo de Alfredo Mendonça não foi sequer abalado pela visita, ontem mesmo, de representantes da Câmara de Loures e do Instituto Português do Património Cultural (IPPC), visita relacionada com o comunicado daquele órgão autárquico sobre o estado de degradação em que se encontra o imóvel, peça de indiscutível valor do património arquitectónico nacional, mencionado em todos os inventários da ar-

quitectura senhorial dos arredores de Lisboa.

Erguido em meados do século XVI por um feitor de D. João III na Flandres, Jorge de Barros, a casa fidalga ficou na posse da descendência desse beneficiário do comércio das especiarias por nove gerações, até que, há coisa de cento e poucos anos, D. Pedro Climaco de Alcântara de Barros e Vasconcelos a alienou a um credor «brasileiro». Das mãos deste, passou para a família inglesa Reynolds, nas quais continua.

Nela nasceu o actual rendeiro, já o pai dele a habitava havia quatro anos. Mas há muito tempo que passou a residir na povoação. Hoje,

como diz, nem que pudesse comprar o solar o comprava, tão dispendiosas terão de ser as obras de restauro. Abatido por uma doença que o forçou recentemente a ser duas vezes operado, limita-se a cultivar uma pequena parte dos cinco hectares da propriedade, enquanto, pessimista quanto à própria saúde, espera «pelo que não tarda». Nos poucos espaços ainda cobertos do edifício, mantém arrecadadas as alfaias, vestígios de um tempo em que extraía da horta o bastante para vender para o mercado do Rego, em Lisboa, tirando um rendimento que lhe permitiu reunir maquinaria, hoje imobilizada, num valor superior a vinte mil contos.

Esplendor perdido

Decadência é palavra que não chega para caracterizar o estado atingido pelo símbolo principal do perdido esplendor dos Barros e Vasconcelos.

Ruídos os telhados e fendidas as paredes, os sintomas

de uma ruína progressiva, na construção, a varanda com arcos rasgada para o Tejo, cujas colunatas de mármore começam a perder a solidez, tendo tido o rendeiro de sustentar já uma ou outra com ferros, pois atrás delas ruiria toda a parte superior da fachada.

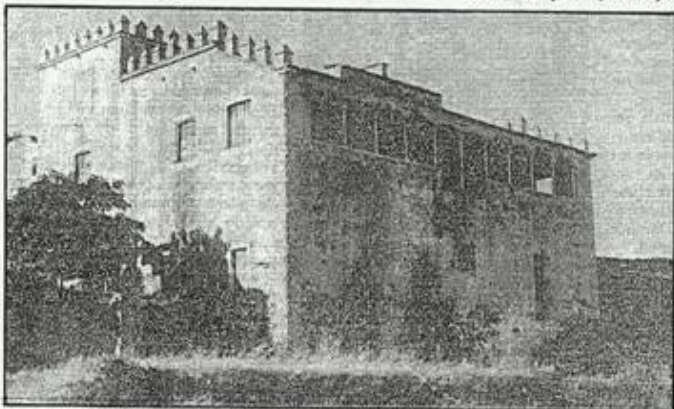
Negligenciado há anos e anos, o aqueduto por onde corria a água, de um extremo da quinta até ao solar, aluiu na maior parte, estando os tanques de recepção transformados em pocilgas. A própria terra, inculta na maior parte, devido à limitação de faculdades físicas do rendeiro, está recoberta de um emaranhado de ervas e arbustos, que só pode ser definido como uma lixeira vegetal.

Entretanto, das entidades de quem se poderia esperar as iniciativas de recuperação do monumento não se ouve senão incriminações mútuas.

Os responsáveis autárquicos queixam-se dos proprietários, que se queixam da Direcção-Geral dos Monumentos Nacionais.

Nenhuma se considera com meios financeiros para tomar as medidas que a situação exige.

E, segundo o céptico Alfredo Mendonça, assim tem sido e assim será, até que do belo palacete erguido com o dinheiro das Índias não reste senão uma memória de fotografias de escombros.



Preciosidade arquitectónica da Grande Lisboa, o solar de Valflores é um prelúdio de ruína num baldio desleixado

F. B. S.

QUALIDADE DE VIDA

ARQUITECTURA

A Quinta de Valflores fica situada em Santa Iria d'Azóia, no Concelho de Loures, junto ao actual acesso local à A1. Como peça de arquitectura, constitui sem dúvida uma das mais interessantes preciosidades remanescentes do nosso primeiro Renascimento, e é chocante constatar, no dia-a-dia dos anos que passam, o abandono a que tem estado votada.

De facto, a qualidade arquitectónica da sua construção já mereceu ampla referência em obras e estudos marcantes como «A Casa Rural dos Arredores de Lisboa no Século XVIII», por João Vieira Caldas (edição da Faculdade de Arquitectura do Porto, 1999),

aberta a sul, sobre a paisagem e os campos. Ao mesmo tempo, sem deixar de ter um rusticidade que também é muito nossa (como mostra o corpo da cozinha com forradamente encastrado lateralmente, seu grande recato).

Construída no século XVI por Jorge Barros (cf. «Loures, Tradição e Mudança», ed. da Câmara Municipal de Loures, 1991, vol. I), o seu corpo dominante, de equilíbrio da proporção rectangular, está encimado por dois torreões ameados, do lado norte da entrada. Mas é a sul, sobre o vale fértil que o edifício se torna mais notável, pela longa varanda coberta em arcada, ou, à italiana, a «loggia», que simetricamente organiza toda a sua parte superior.

Esta disposição simétrica dos torreões como torres atarracadas — em relação à fachada, pode denotar a origem militar do modelo da casa rural de influência erudita, como é o caso. Já o primeiro estudo por Carlos de Azevedo («Solares Portugueses», ed. dos Horizontes, 1969) referia e provava a ascendência castreja e de sabor medievo solar português, a partir do modelo que significava por «casa-torre» nortenha. Significava por outro lado a «classificação» progressiva do modelo medieval, em Valflores já com preocupação de figurar as torres — duas, não uma — de modo simétrico em relação à composição arquitectónica da fachada, preocupação esta muito própria do Renascimento, que dava primazia à proporção correcta das formas geométricas «puras». Outro exemplo, não menos precioso pela sua raridade, que denota algum resíduo de simbologia castreja, é a expressão do aparelho de pedras nos cunhais de Valflores: «Em casos raros reforço do cunhal era assinalado ou acentado por silharia desenhada, por vezes reticulada (Quinta de Valflores)» (in obra citada por J.V. Caldas, pág. 87).

Quanto à «loggia», ela constitui uma forma (e uma tipologia espacial) relativamente rara na nossa arquitectura doméstica, restando certamente a sua aplicação da influência italianizante do século XVI: «Loggia italiana, poucas existem, seja protegendo a entrada (Quintas das Torres, de Palhavã, Ilhavo Fronteira) seja com função de varanda (Quinta da Bacalhóia, de Valflores/S. Iria d'Azóia, do Buraco/Vialonga)» (in obra citada por J.V. Caldas, pág. 65).

A jóia de Santa Iria

Uma quinta construída no século XVI está votada ao abandono. Apesar de ser obra profusamente comentada em edições académicas e de divulgação do património, o concelho de Loures — que entretanto já deu por concluídas recuperações de outras quintas de menor valor arquitectónico — continua à espera não se sabe de quê para defender este imóvel. **Texto e fotografias de José Manuel Fernandes**

onde é frequentemente referida, como precursora das tipologias habitacionais do século XVIII, em conjunto com outras notáveis construções Quinhentistas, como a recentemente martirizada Quinta da Bacalhóia e a Quinta dos Arcos, ambas em Azeitão, e a vizinha Quinta da Verdinha do Ruivo, em Vialonga (concelho de Vila Franca de Xira). Certamente mais opulentas e ricas, estas obras notáveis serão porém dificilmente mais graciosas e belas do que Valflores.

O que encanta em Valflores é a um tempo a singeleza da sua expressão estética e a força plástica do volume simples, compacto e muito característico da região «saloia» — e, ainda ou principalmente, a elegância quase ingénua da sua longa varanda de dez arcos,

Revisão JORNAL EXPRESSO 27 OUTUBRO 2001
27 OUTUBRO 2001

Trata-se de uma varanda coberta, com unções de lazer, onde o olhar está protegido das inclemências do sol, do vento ou da chuva, e cuja versatilidade climática já foi enunciada por Raul Lino, um estudioso da casa radicional histórica, algo esquecido por nós nessa qualidade.

Em «A Casa Portuguesa» (ed. Exposição Portuguesa de Sevilha, 1929), Lino refere, a partir da análise da casa da Bacalhoa, que apresenta um notável conjunto de «loggias»: As divisões da casa foram distribuídas com regularidade por duas alas rectangulares onde havia como feições mais interessantes, além da escada exterior, uma loggia aberta na parede Norte (como é próprio numa casa de verão) e uma alpendrada virada ao sul, quente e em bom abrigo, que tanto serviria para defender as salas da ardência do sol no verão, como para ali se deliciarem os moradores, em dias claros do Inverno, com a vista aos jardins» (pág. 32). Semelhante descrição nem poderia servir para a «loggia» da casa de Valflores, com menos vista de jardim e mais de campo e horta.

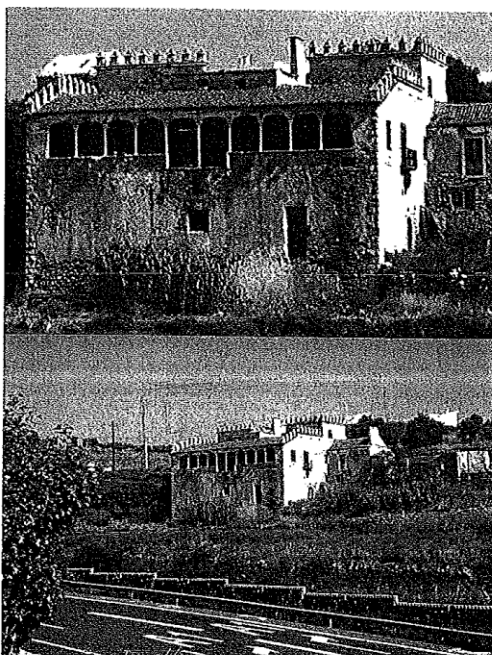
De resto, não será a nossa «loggia» a resultante de um desenvolvimento «natural», arquitectónico e compositivo, das janelas geminadas do Manuelino, cada vez mais amplas e próximas entre si (como denota já a longa série de vãos na fachada do Paço da Vila de Sintra, sobre os arcos de entrada ogivais) — além de sinal social e cultural também, de uma nova época, mais arejada e aberta ao exterior — por via do «novo mundo» que surgia nas Descobertas?

Em síntese, podemos afirmar que a «loggia» da Quinta de Valflores constitui uma preciosidade dentro da jóia monumental que todo o edifício é: quer como testemunho da sua aplicação numa arquitectura de transição medievo-renascentista, procurando a simetria numa distribuição de 5 + 5; quer como construção de elegante desenho, onde os dez arcos regulares, abatidos (ao contrário dos arcos redondos da Bacalhoa), assentando em delicados colonelos marmóreos de capitel protoclassico, procuram exprimir o doce e sereno equilíbrio dos novos tempos — e então, em que o Homem seria desejavelmente «a medida de todas as coisas»; quer ainda como contributo original e castiço para o tema da casa rural dos arredores de Lisboa, edificação tão à-vontade no universo ru-

ral da região saloia como na absorção pragmática e «chá» das modas europeias e sofisticadas que vinham de solo itálico...

Não é pois tolerável que um município que se pretende esclarecido, há décadas defensor do seu importante património arquitectónico, com edições de divulgação e obras no terreno (e este edifício vem ainda por cima classificado no inventário municipal — «Património Cultural Construído», ed. C.M. Loures, 1988), não tenha já tomado as medidas de protecção e recuperação que se impõem — com só dizer-se agora, «antes que seja tarde».

Há já exemplos de casas de quinta contemporâneas (de menor valor arquitectónico) muito recentemente recuperadas pelo Município de Loures (está para inaugurar uma delas, vizinha a Valflores). E neste processo, a encetar com a máxima urgência, não poderá ser esquecida a relação do imóvel com a envolvente paisagística — um outro valor a preservar (com o aqueduto e o sistema rural global em que funcionou a quinta, amesquinçado pela proximidade das vias rápidas, mas que nem por isso deve desaparecer, antes ser entendido e restaurado). ■



Jorge de Barros e o Renascimento em Santa Iria - (Parte I)

A ADPAC - Associação Defesa de Património Ambiental e Cultural de Santa Iria de Azóia tem desenvolvido, desde a sua formação, em 2000, várias acções no âmbito do conhecimento, divulgação e defesa do património desta freguesia.

Considerando o papel central que Valflores tem assumido na nossa actividade, seria normal que o nosso primeiro apontamento na *Triângulo* abordasse esse tema. Na verdade, acabamos por fazê-lo de forma indirecta - este texto poderá, de certa forma, ser considerado uma introdução ao assunto. Pretendemos, por um lado, "apresentar" o encomendador da casa de Valflores e da Capela da Soledade e, por outro, dar a conhecer, (dentro das nossas limitações) o espaço que mandou construir para sua última morada.

A Capela da Soledade ou dos Barros é, na actualidade, o núcleo mais antigo da Igreja Matriz de Santa Iria de Azóia (mas pensamos não ser o primitivo, como muitas vezes é referido) (1). Foi classificada, bem como todo o seu recheio, pelo Dec. n.º 5/2002, de 19 de Fevereiro de 2002, como Imóvel de Interesse Público.

Foram dotadores e fundadores da Capela, em 1558, Jorge de Barros e sua esposa, Filipa de Melo, destinando-a a jazigo de família.

Os fundadores da Capela

Filipa de Melo era filha natural de Jorge de Melo, o Logeo (neto de João de Melo 1.º Alcaide-mor de Serpa) e meio-irmã, entre outros, de Vasco Fernandes Coutinho (1.º donatário da capitania do Espírito Santo, no Brasil) e de Martim Afonso de Melo (dos primeiros portugueses a chegar à China, por mar).

Dona Filipa instituiu, com os seus bens livres, uma outra Cape-



la (2), no Convento do Carmo, com obrigação de missa quotidiana.

Jorge de Barros nascido, provavelmente, na primeira década do século XVI, era filho de André de Barros (fidalgo da casa de D. Afonso V) e de Constança Rodrigues Campos. Eram seus irmãos Francisco de Barros (sepultado, juntamente com seus pais na Capela de Santa Iria) e D. António de Barros que foi mãe de Jorge de Barros e Vasconcelos, herdeiro do Morgadio por parte de sua prima D. Luísa de Barros, em virtude de esta não ter deixado descendência.

Foi um mercador muy honrado, fidalgo da Casa de D. João III, seu feitor na Flandres entre 1532 e 1537 e teria, de acordo com

um genealogista do século dezassete, acumulado uma das maiores fortunas do reino. (3)

Entre 1540 e 1542 esteve em Roma, como enviado do rei, empenhado, conjuntamente com o cardeal Santiquatro e o embaixador Cristóvão de Sousa, em evitar a elevação de D. Miguel, Bispo de Viseu, ao cardinalato.

Terá sido após esta data, provavelmente em meados de cinquenta, que este nobre decidiu instituir um vínculo. Ainda que não tenhamos conhecimento de todos os bens e propriedades afectos ao morgadio sabemos que:

- rendia uma verba de "respeito" (se mil cruzados, segundo alguns genealogistas) (4);

- que dele faziam parte A Capela da Soledade, cabeça do morgadio e a Quinta de Valflores, em Santa Iria de Azóia, onde Jorge de Barros terá mandado edificar uma casa, marcada claramente, por uma intenção renovadora de índole renascentista, cujo projecto poderá ter sido inspirado em antecedentes portugueses, em modelos italianos, ou remeter para ambos, (5) e que constitui hoje, no estilo referido e dentro da sua tipologia, um dos mais significativos exemplares da nossa arquitectura.

Esta casa tem uma pequena capela particular onde podemos identificar algumas semelhanças com a da Igreja Matriz.

Sabemos, igualmente, que Jorge de Barros afectou parte dos rendimentos desta Quinta, à instituição de três mercearias (6) e de uma capela com obrigação de missa quotidiana, dita por três capelães

O perfil de Jorge de Barros

Uma vez que seria impossível transmitir, através desta síntese, todas as informações que permitissem construir o perfil do fundador da Capela, factor que achamos importante para uma leitura "integral" e valorização, daquele espaço, propomos que aceitemos, por agora, a seguinte visão de Jorge de Barros:

Seria um membro da pequena nobreza que se dedicou ao comércio como forma de alargar o seu património, que através dos laços do casamento terá reforçado a sua posição social (os Melos eram das principais famílias do reino) e que pretendeu perpetuar o poderio adquirido, através da criação de um vínculo.

Socorrendo-nos dos perfis de mercador e de feitor do século XVI, traçados por historiadores que se debruçaram sobre esta temática diremos que era, além de negociante, meio artista, amigo das boas letras, dos bons livros diplomata, conhecedor das políticas e dos mercados, e teria tido contacto com os meios culturais, nomeadamente com artistas. Estes poderiam, no caso de Jorge de Barros, ter ocorrido:

- Na Flandres onde foi feitor; em Portugal, que vivia uma época de glória devido aos Descobrimentos, Lisboa recebeu, nessa altura ceramistas flamengos, escultores franceses e artistas italianos e em Itália não só através da sua actividade de mercador, mas sobretudo, durante os dois anos que ali permaneceu na missão que referimos anteriormente.

Foi neste país, como sabemos, que o movimento renascentista nasceu e adquiriu a sua maior expressão.

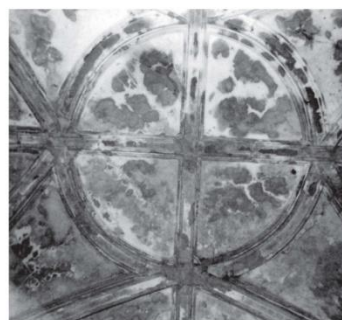
Jorge de Barros: homem da confiança de D. João III

A apoiar esta conjectura, temos, não só, pequenos indícios, encontrados ao longo da nossa investigação, mas sobretudo, o facto do rei lhe ter confiado uma missão a que atribuía um elevado significado - pois a não elevação do bispo de Viseu a cardeal foi uma verdadeira obsessão para D. João III. Por uma carta de Jorge de Barros ao Monarca, depreende-se que durante a sua



estadia em Itália deveria, também, controlar os movimentos do Bispo naquele país e tentar perceber as suas intenções. (Miguel da Silva tinha saído de Portugal, contra a vontade do rei, pouco antes de Jorge de Barros ter sido incumbido desta tarefa).

Arriscamos ainda a dizer que o fundador da Capela seria um homem marcado pelo conflito interior entre os seus interesses sociais e os da salvação, e que procurou garantir esta última, afectando parte da sua renda a realizações que o apaziguassem.



Fica por dizer, por desconhecermos, que razões levaram Jorge de Barros e Filipa de Melo a escolherem as terras de Santa Iria para investirem a sua enorme fortuna. Parece-nos, no entanto, poder afirmar que foi seu desejo ligarem-se a esta freguesia por "laços de eternidade"; vontade, aliás, que foi sendo, igualmente, manifestada, até meados do século XVIII, pelos Barros e Vasconcelos que lhes sucederam na administração do morgadio.

CAIXA 1

Transcrição de excertos das memórias paroquiais de Sto Andre de Lisboa, a partir do livro, "Lisboa em 1758" de Fernando de Portugal e Alfredo de Matos:

Pag.67- "no outavo interrogatorio se dis. Que he Prior da Igreja de Stº Andre, e tão bem Reytor em a de Sta Iria da Azoya sua anexa, na qual teve principio a dita Collegiada de Santo Andre vindo daquela para esta em virtude da Doação do Sr. Rey D.Denis, e Rainha Sta.Izabel como atras fica ditto; porque em Sta Iria, Ayres Martins Secretario da Puridade do ditto Sr. e sua mulher Maria Esteves das suas rendas havião feito e criado na dita igreja de Sta Iria hum Reitor e sinco capelaens que vierão para Racoeiros em Sto Andre...."

Diz ainda: "O compromisso da sobredita Igreja foi feito em a era de 1340 aos 20 dias do mes de Outubro com todas as solemnidades para a sua prezidencia nos prouimentos do Priorado, e Benefícios e se acha conservado the o presente excepto a colação dos Benefícios...."

Pagina 72-consta na dita Igreja haver sem annos ou mais que se arruinou a dita Igreja e mandarem no sobredito tempo(706) Tempo,os Sres Reys dar para redificação della a Decima da freguesia emquanto durou a obra;como tãõbem arruinando se a de Sta Iria sua anexa de sorte que todo o corpo della foi feito de novo...."

CAIXA 3

MERCEARIA

As mercearias (nome que deriva da palavra mercês, "graças, benefícios, tenças, donativos, favores") destinavam-se a recolher pessoas de ambos os sexos, de "bons costumes, de boa fama, e vergonha", de boa condição mas caídas na pobreza ("homens bons e mulheres q houverem honra e houverem algo de seu, e boa vivenda, e caído della, non por maos feitos que fizesse, nem por más manhas, nem por maos costumes q houvessem"), e geralmente idosos ("non sejão de menor idade de cinquenta annos", salvo se forem delícies ou doentes crônicos), como se pode ler no testamento de D. Afonso IV (ca. 1345) (cit. por Lemos, 1991, Vol. I, 99).

Em troca da assistência que lhes era prestada, os merceeiros ficavam obrigados a assistir diariamente a uma missa e a rezar pela alma dos seus benfeitores. A mercearia mais antiga que se conhece, no nosso País, terá sido fundada por Bartolomeu Joanes, um rico comerciante de Lisboa, em 1324, sendo destinada a doze pobres, que ali "seriam mantidos para todo o sempre" (Silva, 1981, 275). Luís Graça, Textos/Papers71: Hospitais Portugueses até ao Séc. XV. Retirado do Worl Wide Web: <http://www.ensp.unl.pt/lgraca/textos7>.

CAIXA 2

CAPELA

A instituição de morgados desenvolveu-se sobretudo a partir do século XIII. Foi uma forma institucional e jurídica para defesa da base territorial da nobreza e perpetuação da linhagem. As capelas surgiam quando a afectação de domínios e seus rendimentos se destinavam a serviços religiosos por alma dos instituidores, normalmente a "aniversários" de missas.

Retirado do Worl Wide Web: <http://www.iantr.fundomorgados.com>

NOTAS E BIBLIOGRAFIA

- (1)-ver caixa 1
- (2)-ver caixa 2
- (3)- MOUTA, Oliveira, Dos Barros e Vasconcelos (Os Solares de Santa Iria e das Barras, Porto, 1955
- (4)- MOUTA, Oliveira, obra cit.
- (5)-Caldas, João Vieira, Actas do V Colóquio Luso-Brasileiro de História de Arte, Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
- (6)- ver caixa 3

Vale de Flores- Transcrição adaptada de documentos de auto de vistoria , análise, conclusões provisórias e hipóteses

Documento de referência : Maço 1467 nº2/ desembargo do Paço(Estremadura...) / arquivos da Torre do Tombo² _ fólhos do 14 f ao 16 f e do 19 v ao 20 v (visto em documento digitalizado – arquivo ADPAC imagens da 31- 35 auto de vistoria de 1798 e do 42 ao 44 para auto de vistoria de 1808)

(1º levantamento na tt efectuado por ADPAC,em 17062008- com resumo em arquivo)

Realizado por ADPAC em Outubro de 08

I (Transcrição adaptada do auto de 1798) **Pátio de Entrada** Achamos constar o prédio de seu pátio grande de entrada. ao lado norte do dito tem três casas térreas que servem de cavaliças e palheiro e místicas a este seu pátio com os muros dos dois lados caídos, e o lado do sul do dito pátio tem uma casa, em pardieiro que servia de recolher carros (?), sem porta e somente com parte do madeiramento, e sem telha e muito arruinada e mística a esta outra casa com seu forno em pardieiro (?). sem madeiramento nem telhados, e do lado norte do mesmo pátio outra casa também em pardieiro e mística a esta sua *Almasiga* (Almacéga ?) com sua bica por onde lhe vinha deitar água **entrada da Casa**. e a porta principal das casas tem duas colunas de pedra encostadas às paredes que serviam para segurar um alpendre que havia e hoje não existe, tendo a primeira casa de entrada somente as suas paredes e toda lajeada e sem madeiramento. **anexos na “traseira” da casa ?** E o lado norte tem três casas sendo uma delas coberta de *troxa* e telhado que servia de casa de caldeiras e destilador de aguardente e as duas com madeiramento e sem telhado **casa** e no *sentro* (deverá ler-se em frente?/ a referencia será a casa de destilação de aguardente?- ver a mesma palavra utilizada, mais abaixo, relativamente à localização da “ varanda”) da dita casa tem duas casas uma que servia de ermida de dizer missa muito arruinada e sem porta e outra casa de ladrilho com uma casa de sobrados por cima com serventia por uma *aseada* (escada?) interior muito arruinada as suas madeiras., e no mesmo plano tem mais seis casas de habitação em que entra a cozinha a qual está com o madeiramento muito arruinado e sem telha tem uma casa de sobrados muito arruinada e para o *sentro* tem uma grande varanda coberta com as sua colunas de pedra de Itália e toda ladrilhada e muito arruinada o madeiramento e forro e está o *Pontuado* (?)e por baixo de parte desta propriedade tem sete casas térreas que servem de Adega e lagar de fazer vinhos e casa de recolher azeites com sete talhas enterradas na terra, **Pátio de acesso ao” piso 0” e piso intermédio** tendo para um lado seu pátio que dá serventia a casa de Adega **estado de conservação** e toda a referida propriedade se acha muito arruinada e quase inabitável e

² requerimento do ano de 1808 para confirmação de aforamento feito por Joanna Inácia (contem, entre outros 2 Autos de Vistoria aqui analisados: um de 1798- data do 1º aforamento - e outro de 1808; o 1º além de muito mais pormenorizado tem, devido à letra, uma leitura mais fácil)

precisando de uns grandes reparos para a sua conservação, e no estado em que de presente se acha não pode produzir rendimento algum. **prédio rústico** E o prédio rústico consta de vinha, arvores de fruta de pevide e caroço pomar de espinho e *pareiras* (*parreiras ?*), tudo murado em roda com dois poços, um com engenho de nora e outro sem ele , três tanques e agua nativa de uma Mina , os muros da quinta tem várias porções deles caídos , as *pareiras* todas danificadas (*?*) e todas com *estesos* (*esteios ?*) de *Pao* (*Pau?*) , o pomar de espinho está *estroido* (*destruído*) por falta de cavar as arvores e o Regar (*?*) e necessitando de plantar muitas árvores e a vinha destruída porque lhe semearam trigo em várias partes, e tem também tem alguns socalcos da mesma quinta caídos **Avaliação da produção** e a vinha no estado presente pode produzir duas Pipas de vinho que ao preço de doze mil reis cada uma importam vinte e quatro mil reis dos quais abatida a terça parte para os fabricos vem a ficar liquido a sua venda dezasseis mil reis as *Pareiras* (*Parreiras ?*) podem produzir em cada um ano de renda vinte e oito mil e oitocentos reis dos quais abatido a terça parte para os fabricos fica liquido a sua renda anual a quantia de dezanove mil e duzentos réis a fruta de pevide e caroço pode produzir cada um ano (_____) dá trinta e oito mil e quatrocentos reis dos quais abatida a terça parte os fabricos fica liquida a sua renda vinte e cinco mil e seiscentos reis; a fruta de espinho pode produzir ao ano médio noventa e seis mil reis abatida a terça parte para os fabricos fica liquido a sua renda sessenta e quatro mil reis ; e nesta forma vem a importar todo o rendimento da sobredita Quinta como acima fica declarado a quantia de cento e vinte e quatro mil e oitocentos réis e por todo o conteúdo ser verdade... (*.fecho formal do documento*).

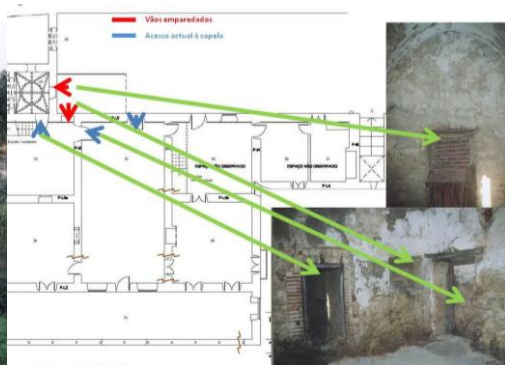
(Transcrição adaptada do auto de 1808) **Pátio de entrada** A quinta consta de um pátio grande de entrada e no dito (*?*) um (_____) das casas baixas dividido em três casas e no fundo do dito (*?*) há outro pequeno pátio todo lajeado que algum dia foi casa o qual dá serventia a um (_____) Nobres (*Casas*) divididas em oito casas tendo para (*?*) o lado do (_____) uma varanda (_____) coberta por cima sobre colunas de pedra e por cima da dita há umas casas e por baixo do sobredito pavimento (*?*) Nobre há um pavimento térreo todo fechado de abobada onde há adega e lagar e um grande armazém (*?*) e (*acomodações / arrecadações.?*) O prédio rústico consta de vinha terra de *semiaduras* , Pomar de ??? pomar de pevide e caroço oliveiras agua nativa com seu aqueduto que a conduz a um tanque (_____) a qual Quinta é toda murada em roda **Avaliação da Quinta** e avaliaram a renda da dita Quinta a vendendo ao tempo presente ,excluindo as benfeitorias que a actual enfiteuta tem feito depois que celebrou escrituras (*?*) eles louvados (*?*) Concluíram ter sido feitas depois do dito tempo na quantia de cento e vinte mil réis e do seu capital na quantia de dois contos e quatro centos mil réis atendendo á muita ruína em que actualmente se acham as casas assim como as grandes benfeitorias que a fazenda (*?*) (_____) feitas por pertencerem elas a enfiteuta actual e não ao senhor directo e avaliaram o foro da dita Quinta sendo *enfateozim* na quantia de oitocentos mil reis e (_____) na quantia de (_____) e seis mil seiscentos e sessenta e sete com laudémio.”



Arquivo da ADPACS Imagem datada de 1921 e 1994



Arquivo da ADPACS Foto datada de 1995



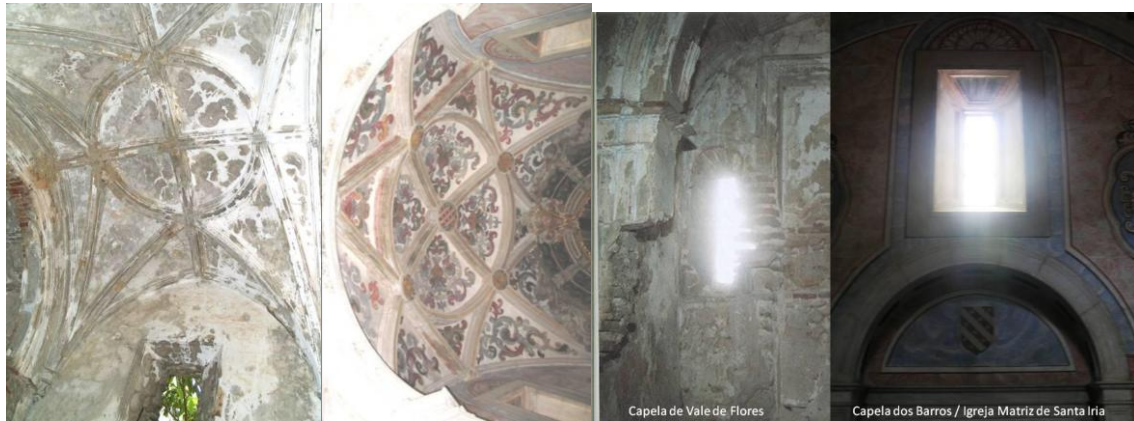
Arquivo da ADPACS, Foto datada de 2010



Palácio Valflores, 1998



Pormenor de vãos, exterior/interior da loggia



Abóboda da Capela de casa de vale de flores / abóboda da capela dos Barros/Igreja de Santa Iria



Fig. 4 Abóboda da Capela e Fissura em abóbada sob a loggia, medidas do fuste e Loggia/ligação com o Rio Tejo.



varadim fotos datadas de entre 1990 e1998.



Vista Aérea, e destruição de tanques da Quinta para construção da IC2.



Pórtico da entrada Nascente,



Vista geral Actual



Vista geral Actual



Pormenor do Aqueduto



Motivos decorativos do aqueduto, e aqueduto e relação espacial com o Palácio

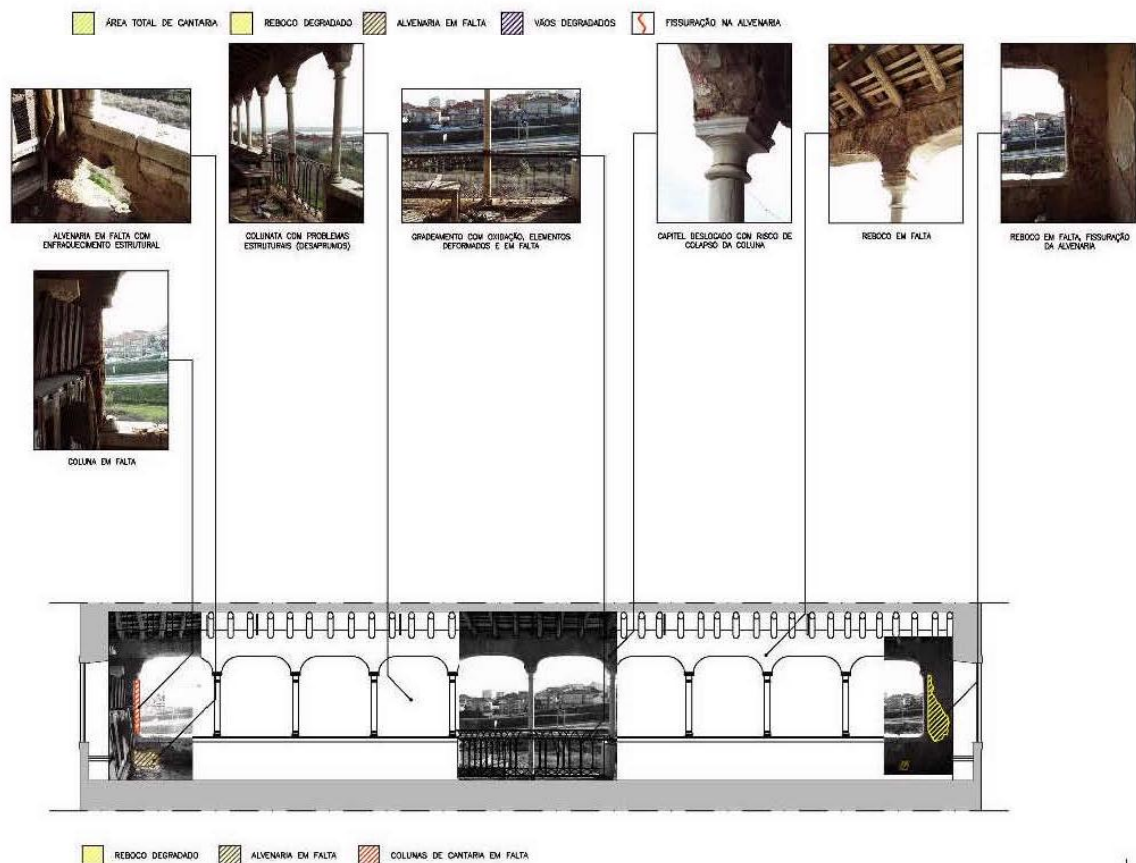
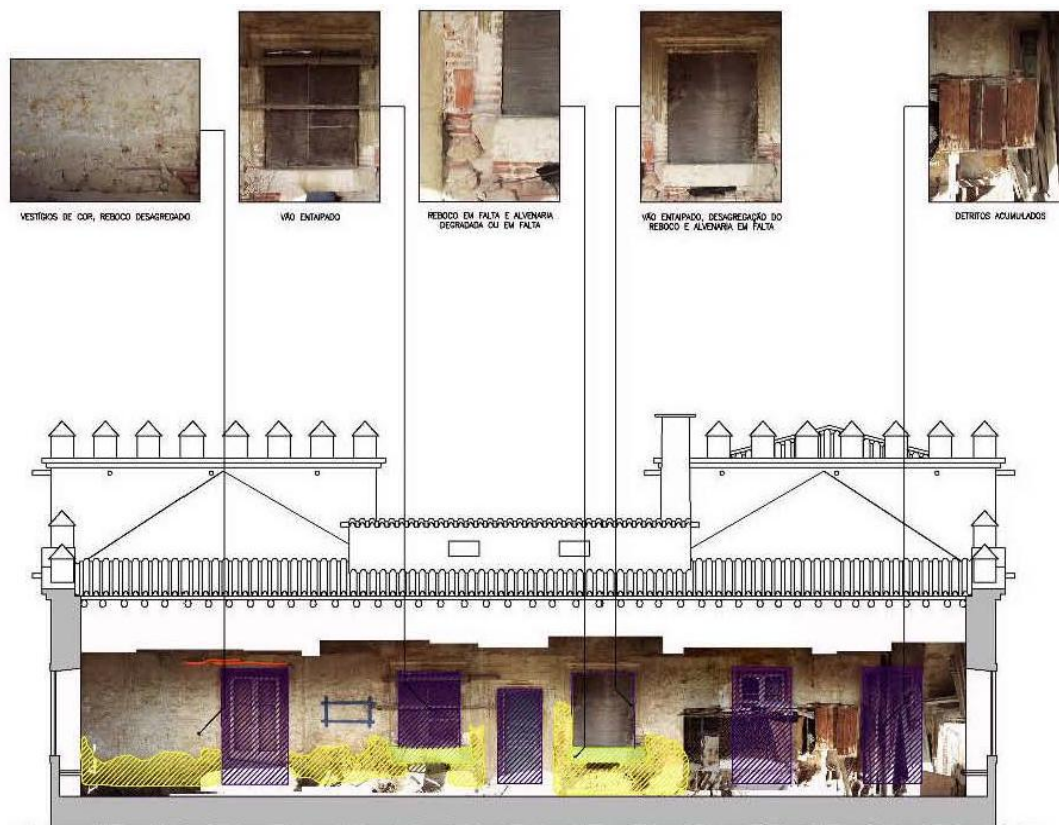


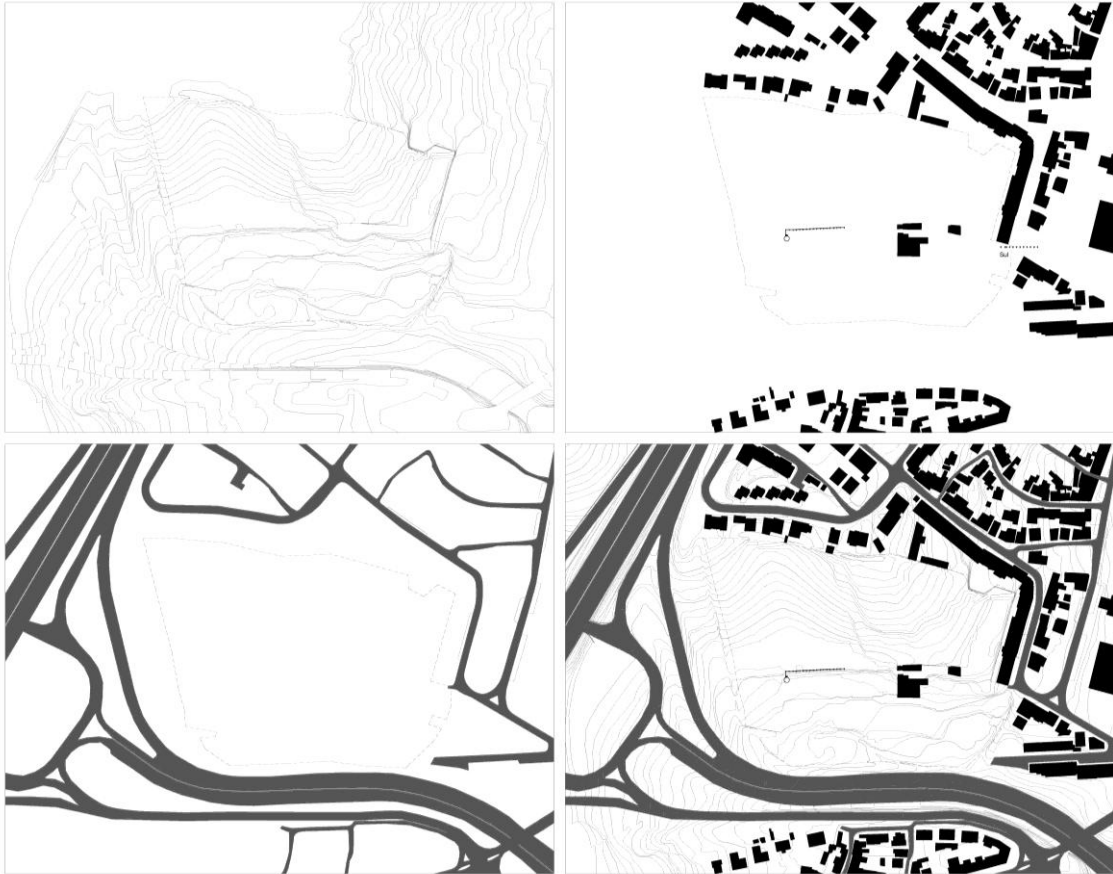
Vista geral Atual, a relação com o tejo permanece.



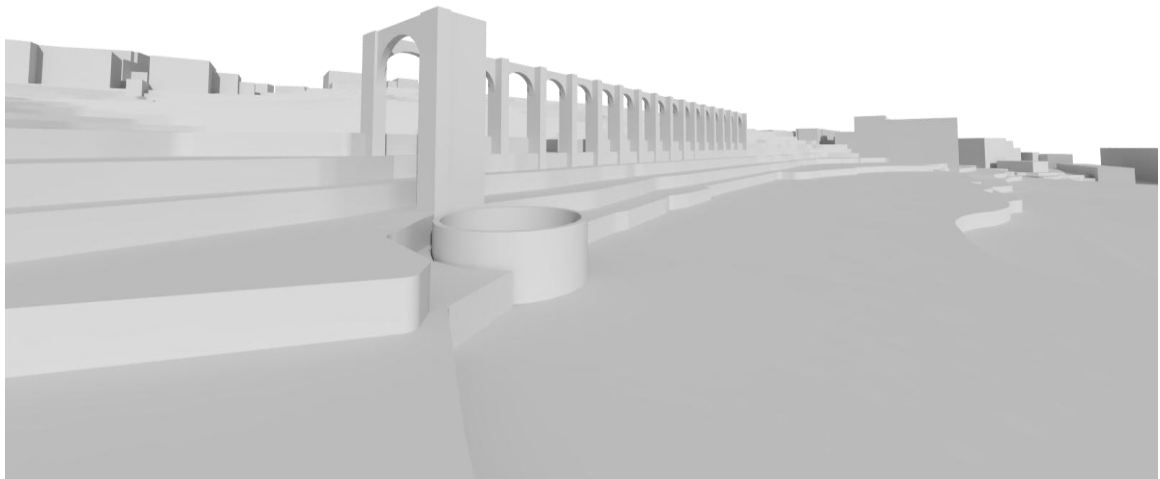
Entrada Sul (entrada principal de viaturas)

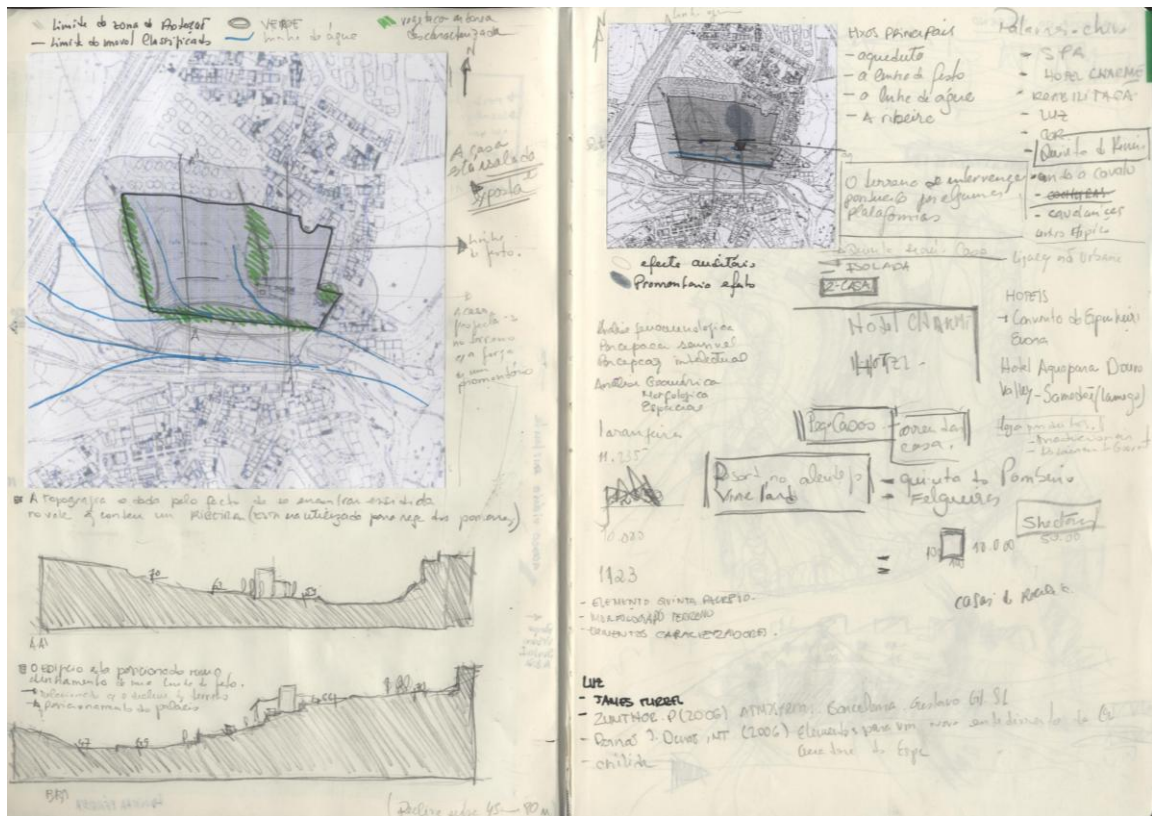
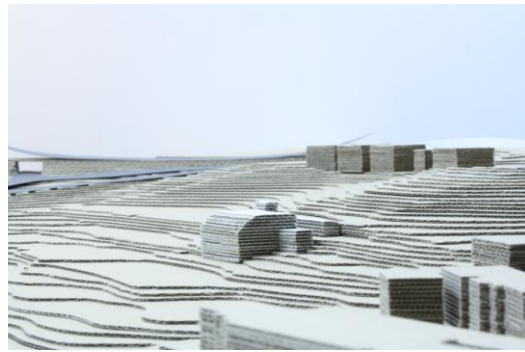
Estudo - Palácio | Loggia – Estrutura e Materialidade



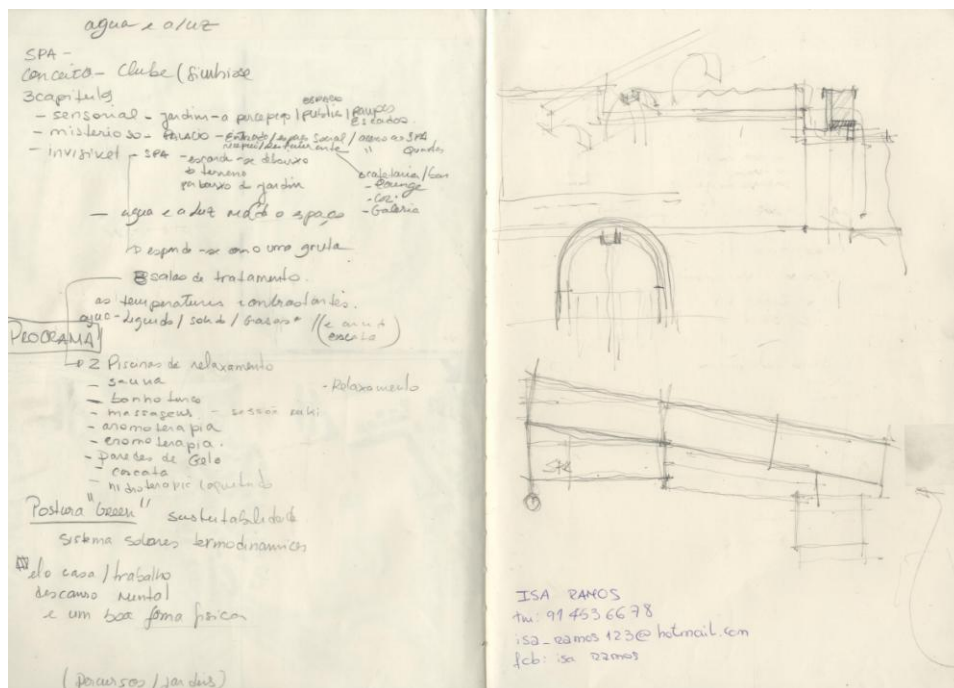
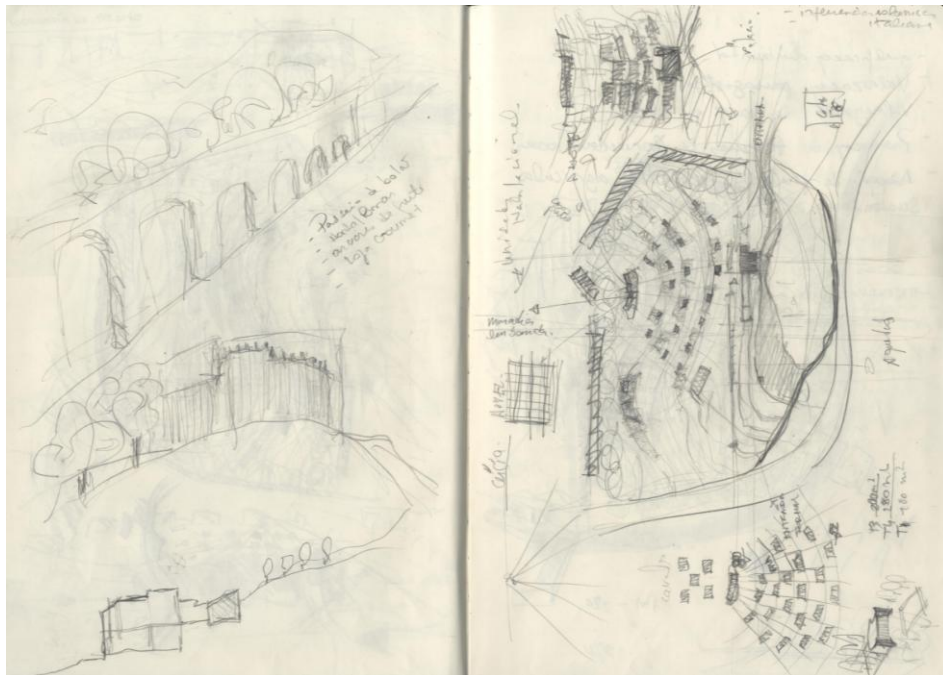


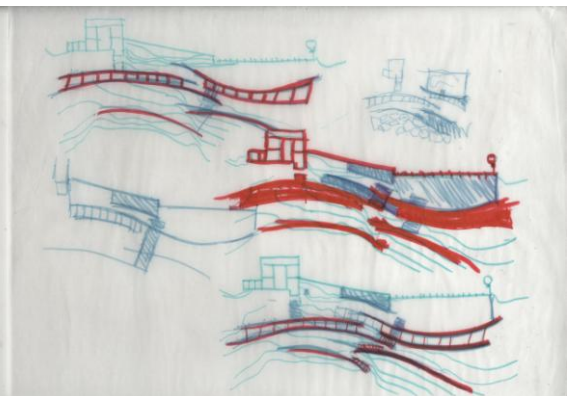
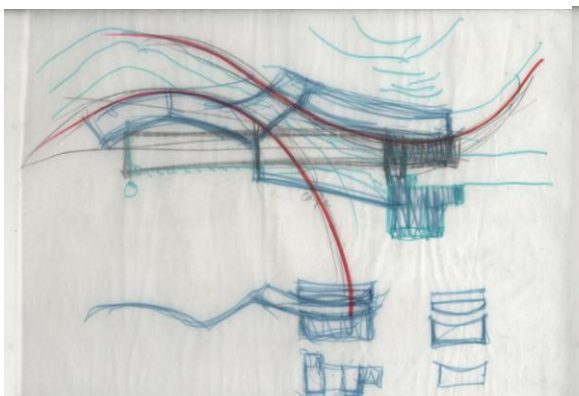
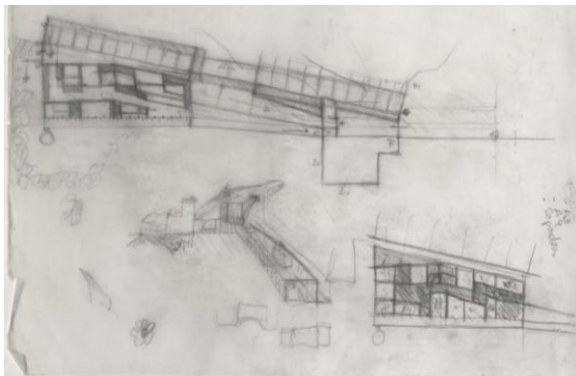
Plantas de localização cheios/vazios, estudo do lugar.

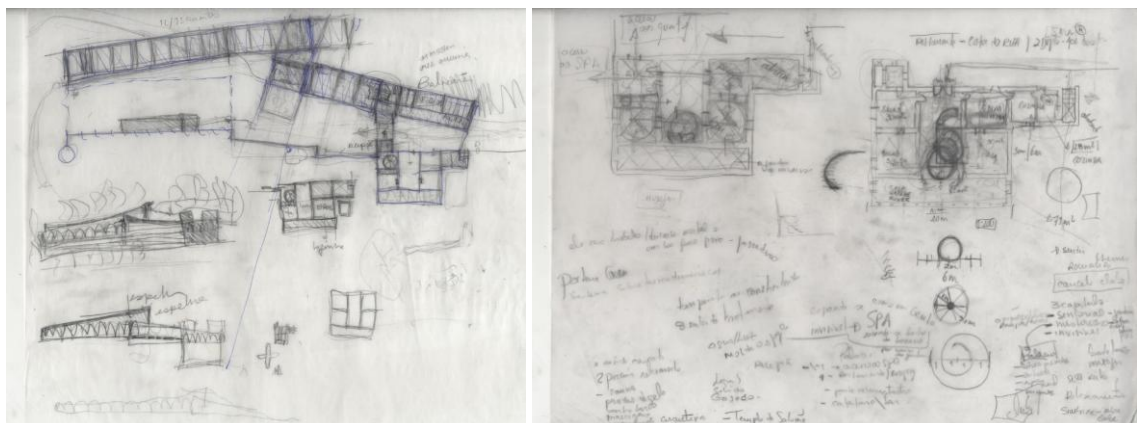
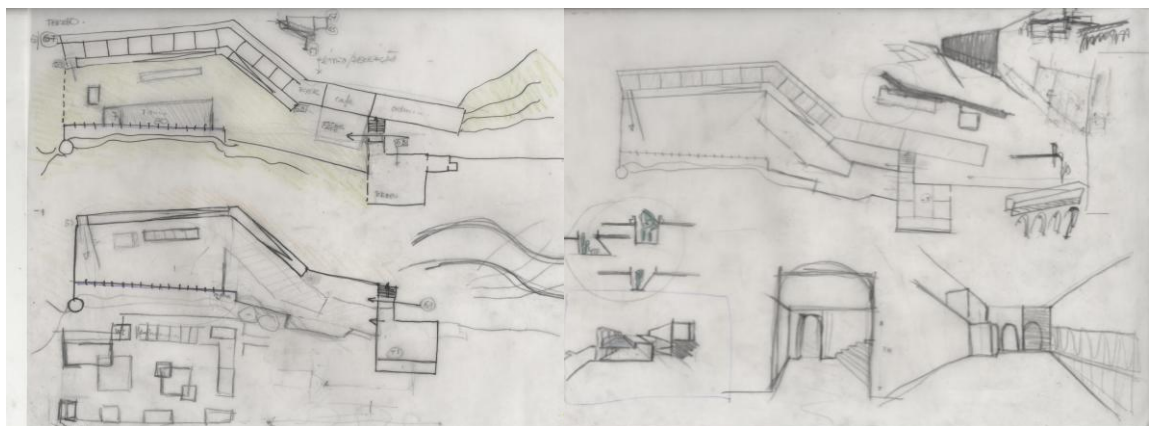
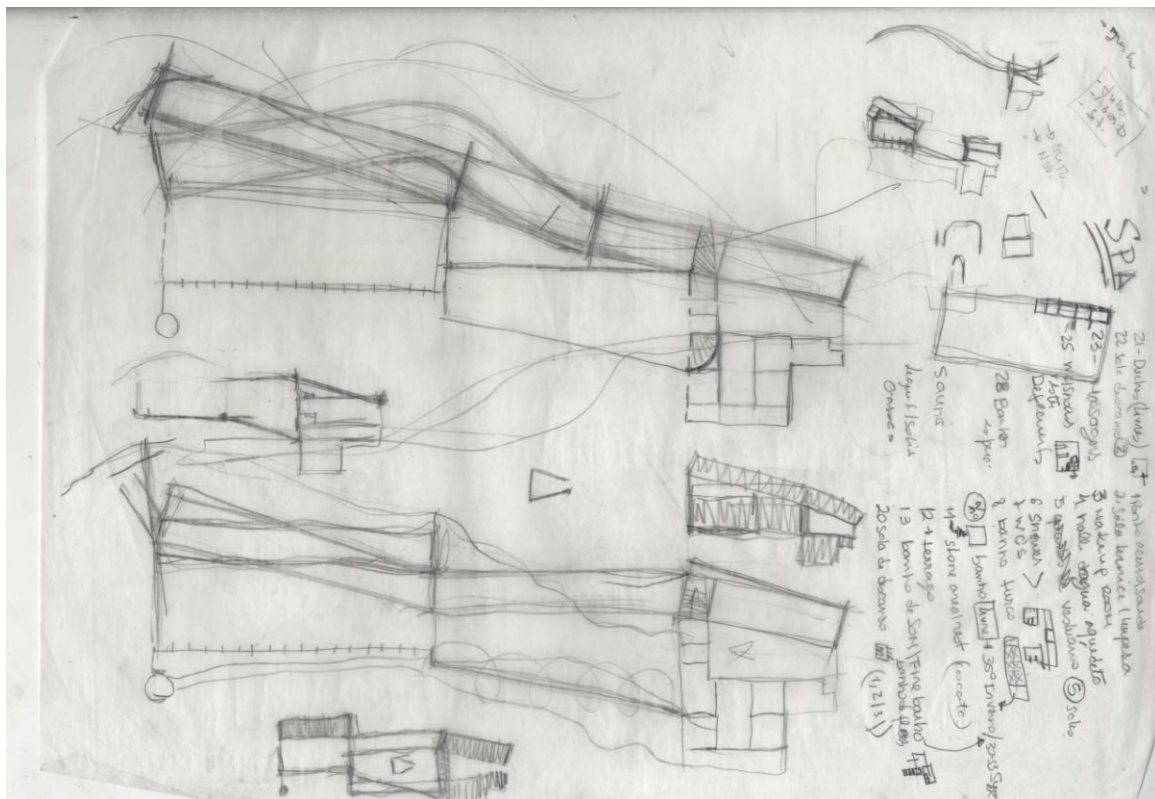


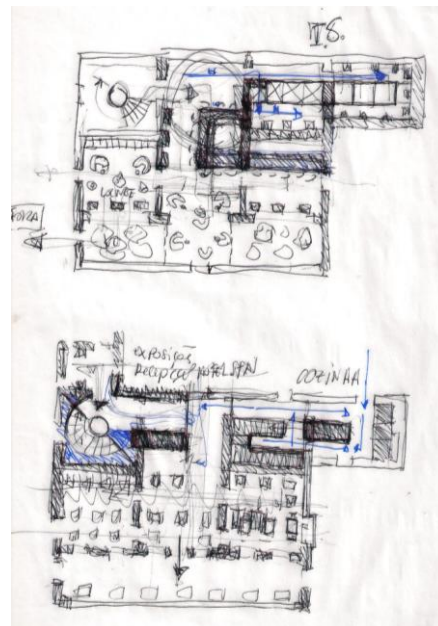
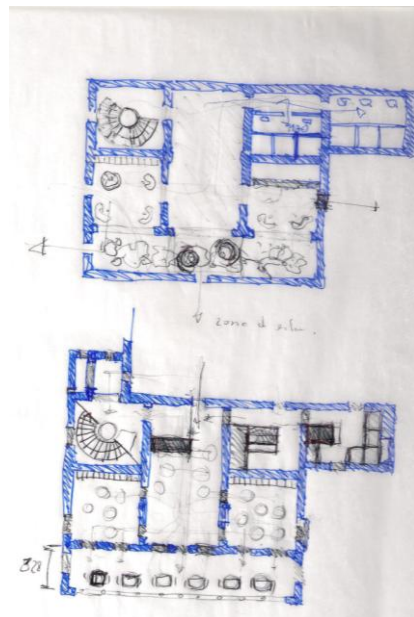
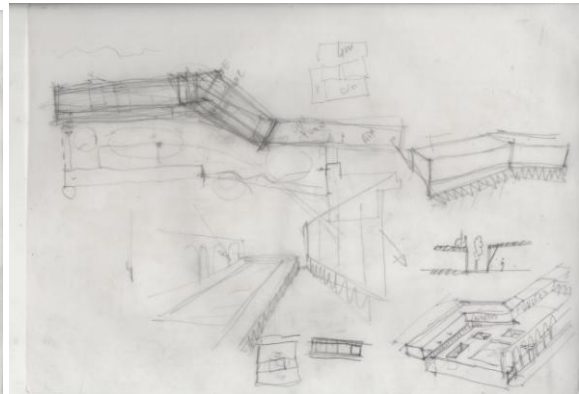
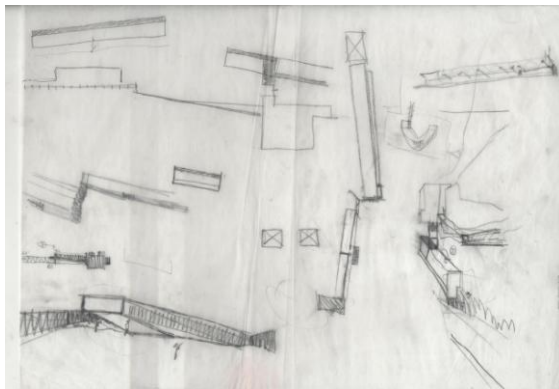
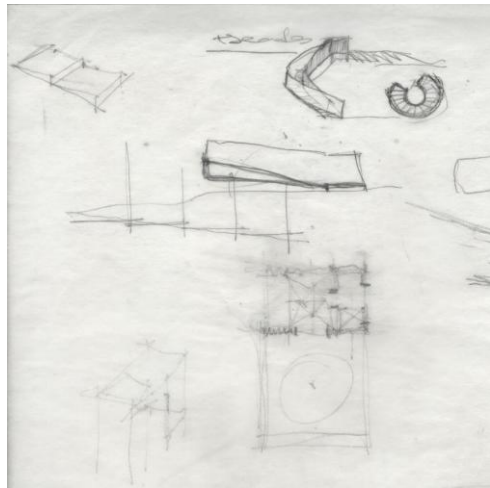
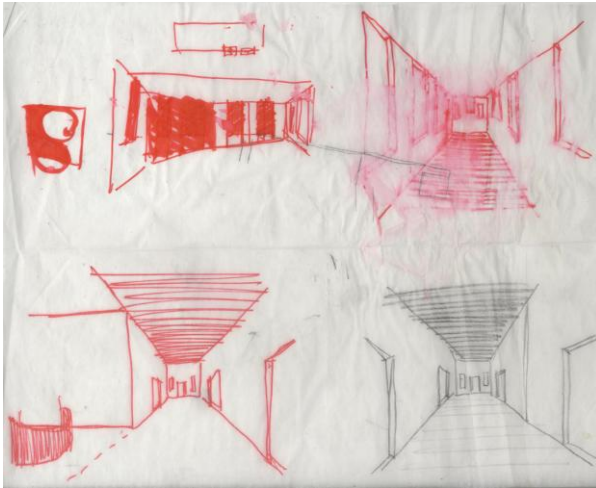


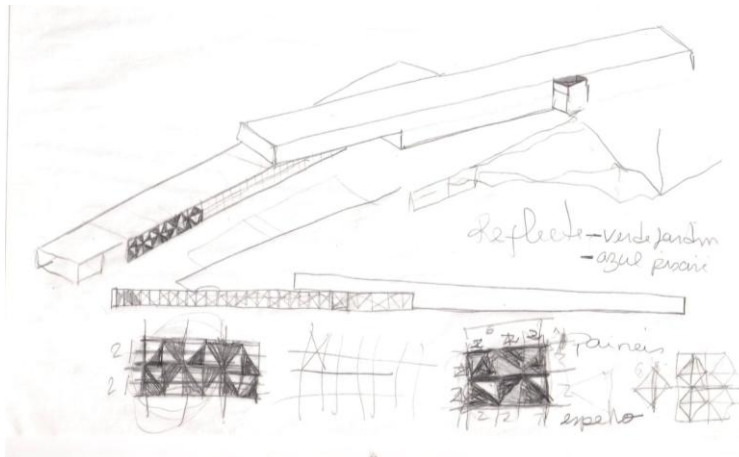
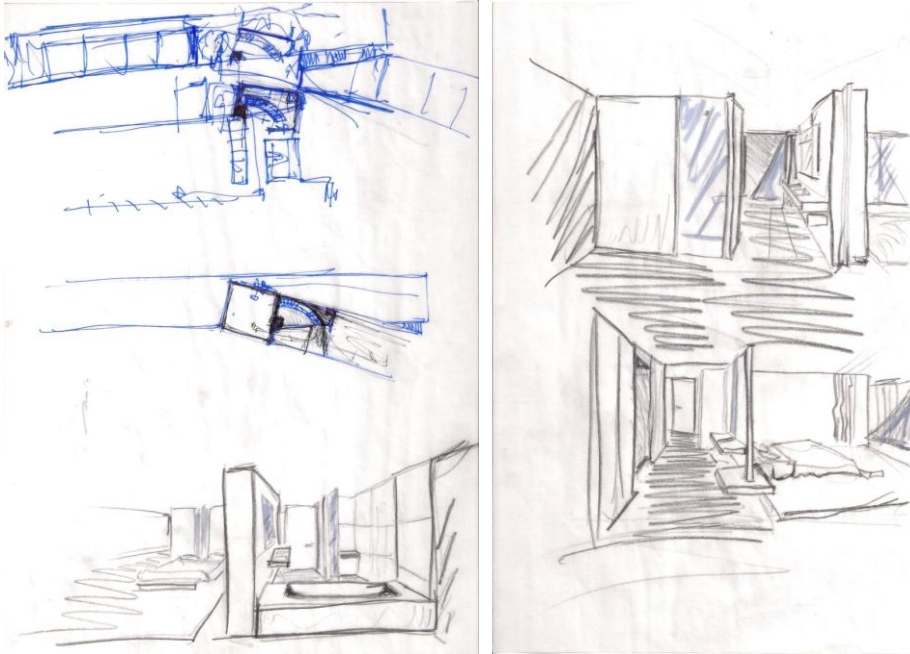
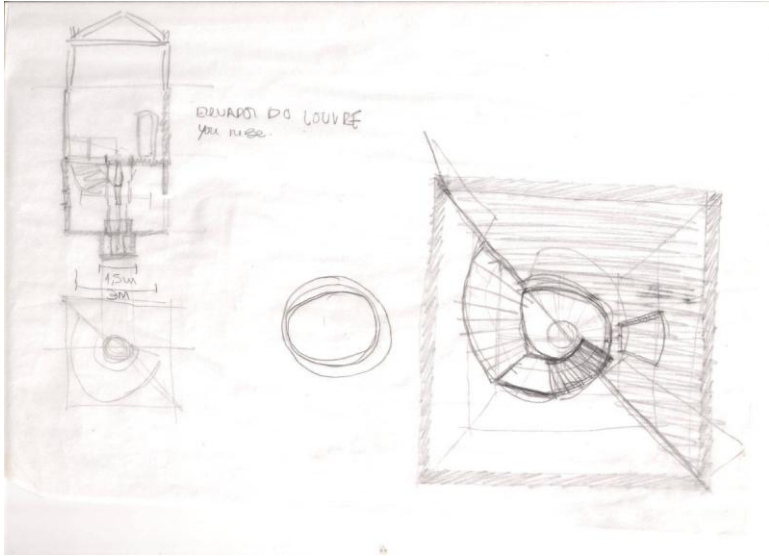
Maqueta de estudo, escala 1:500

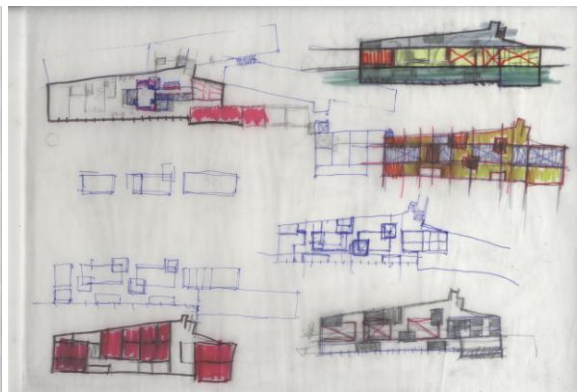
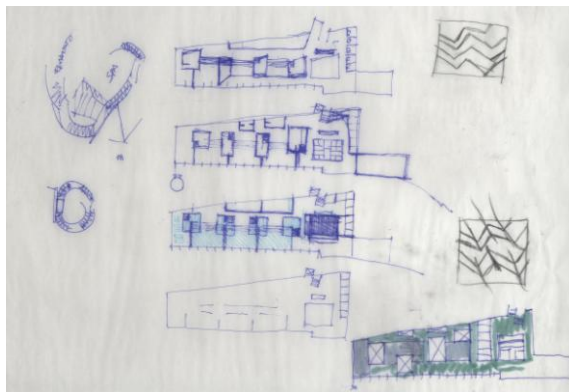
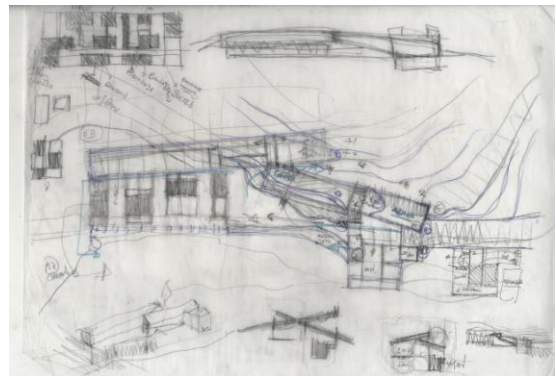
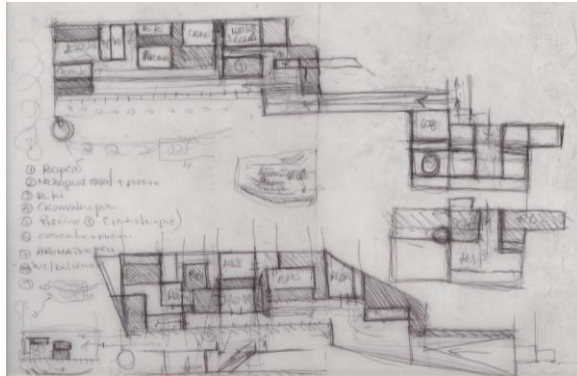


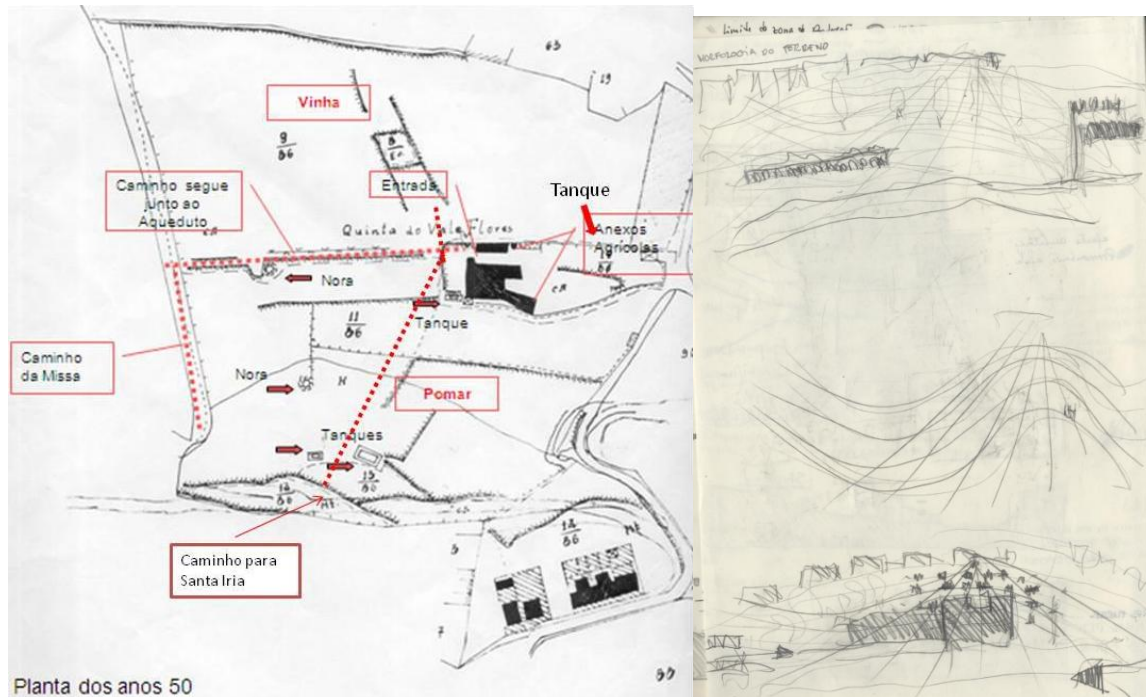




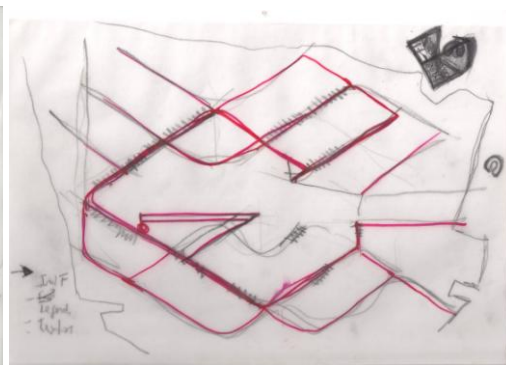
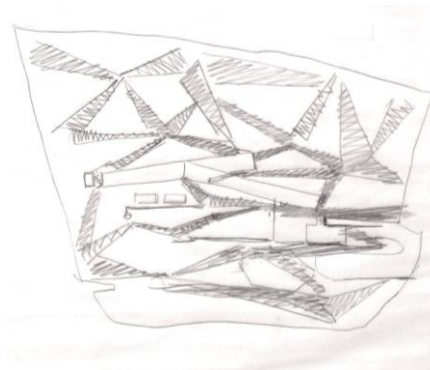
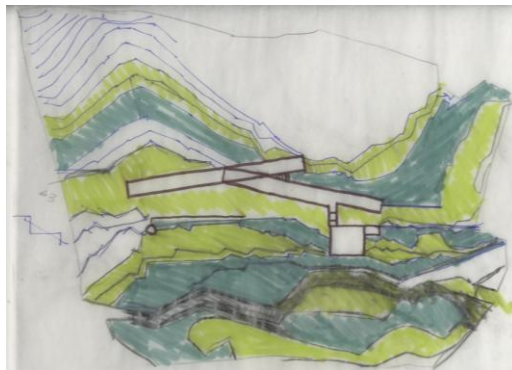




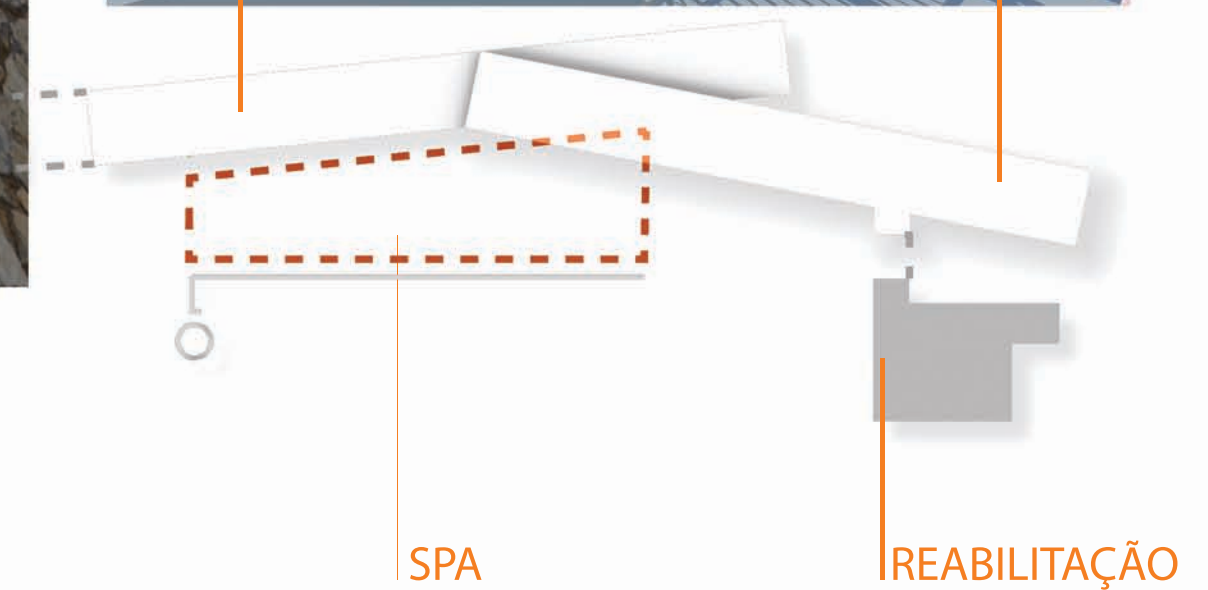
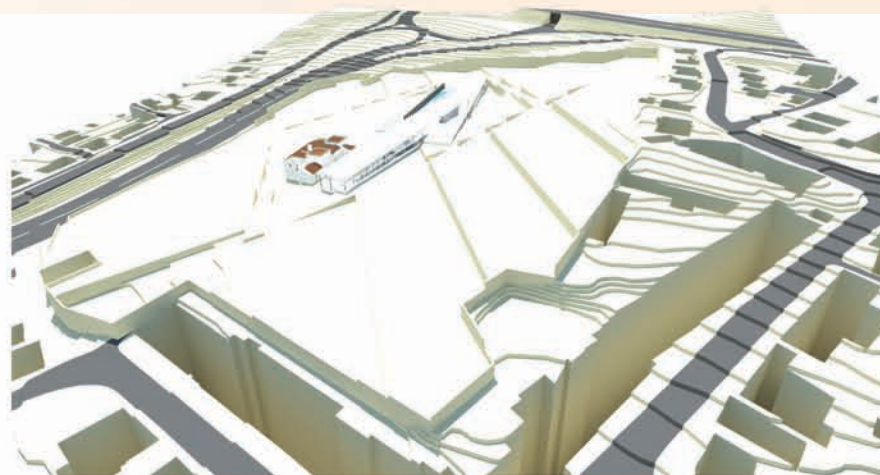
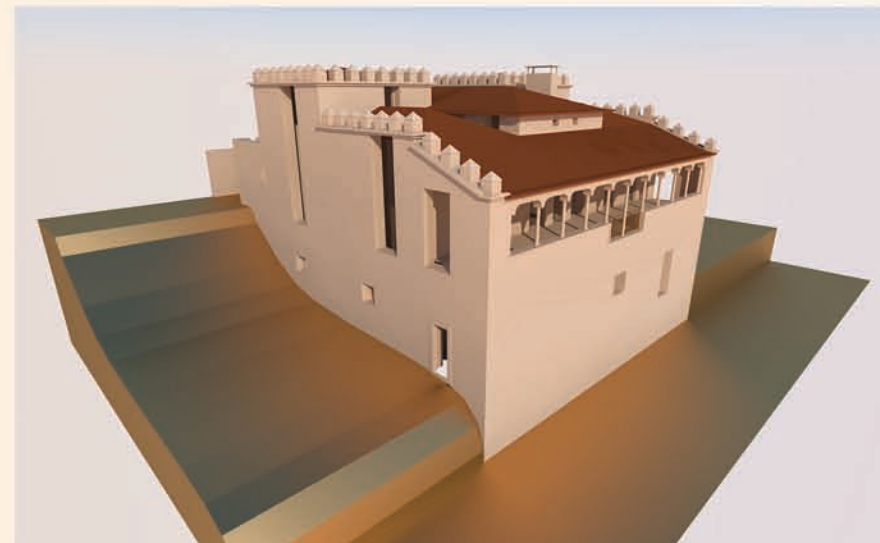
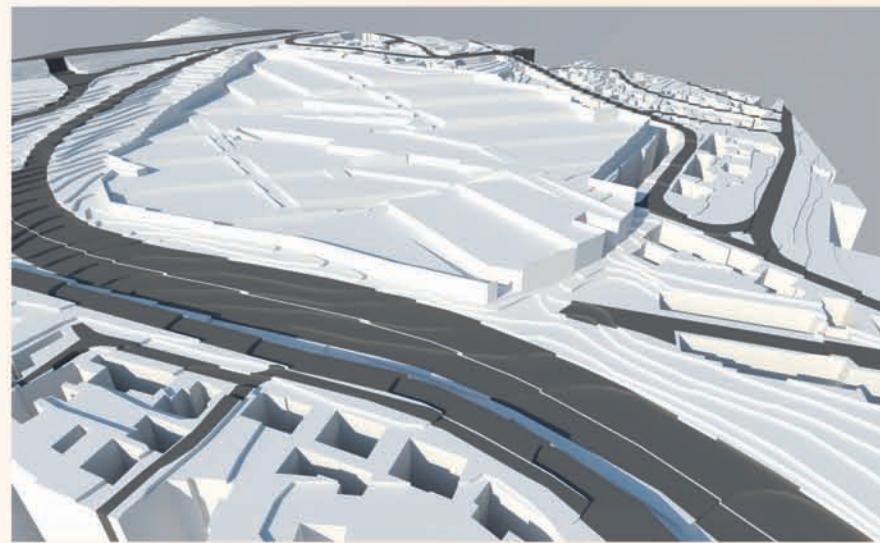


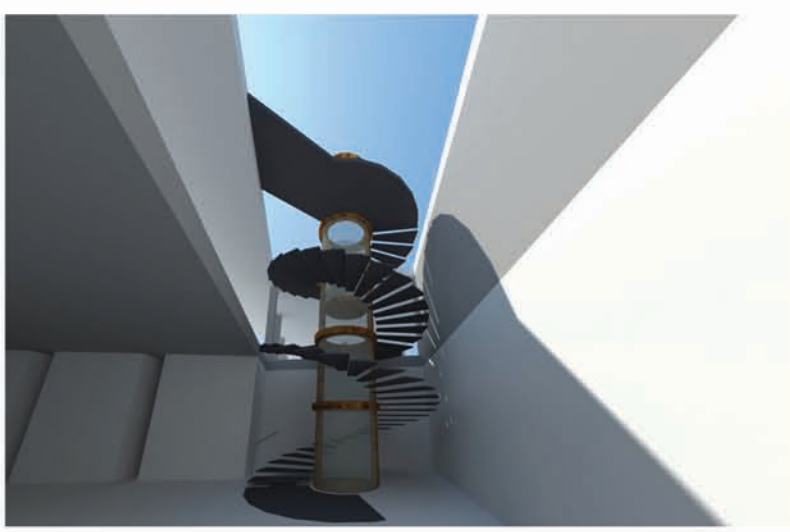
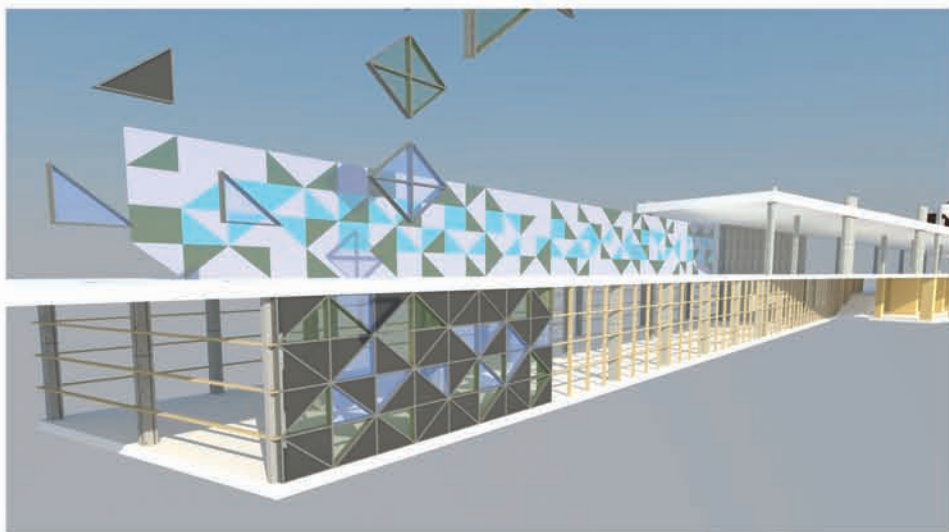
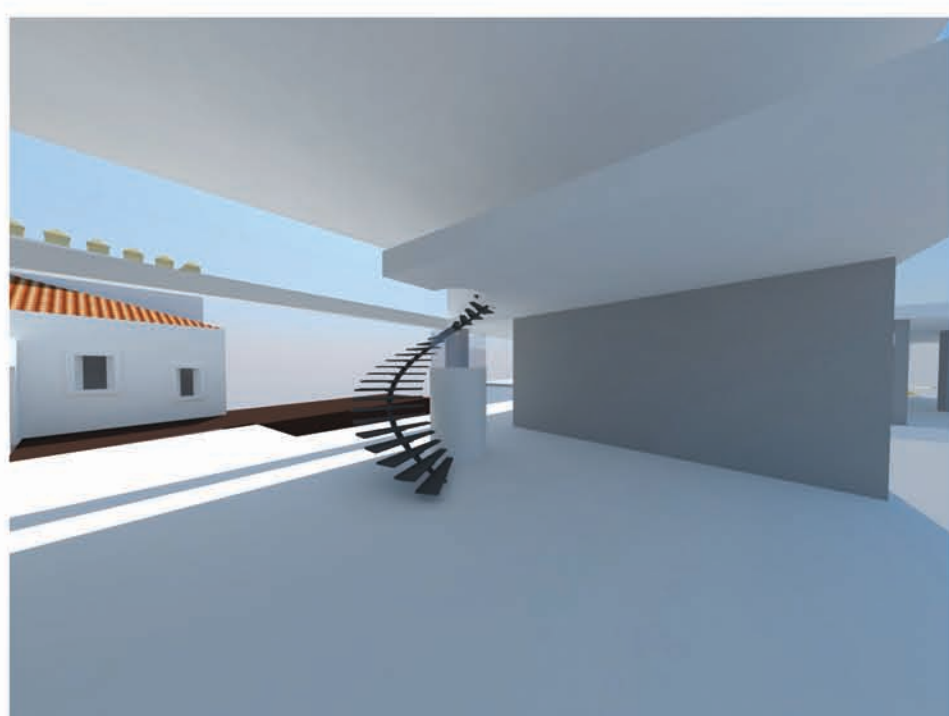
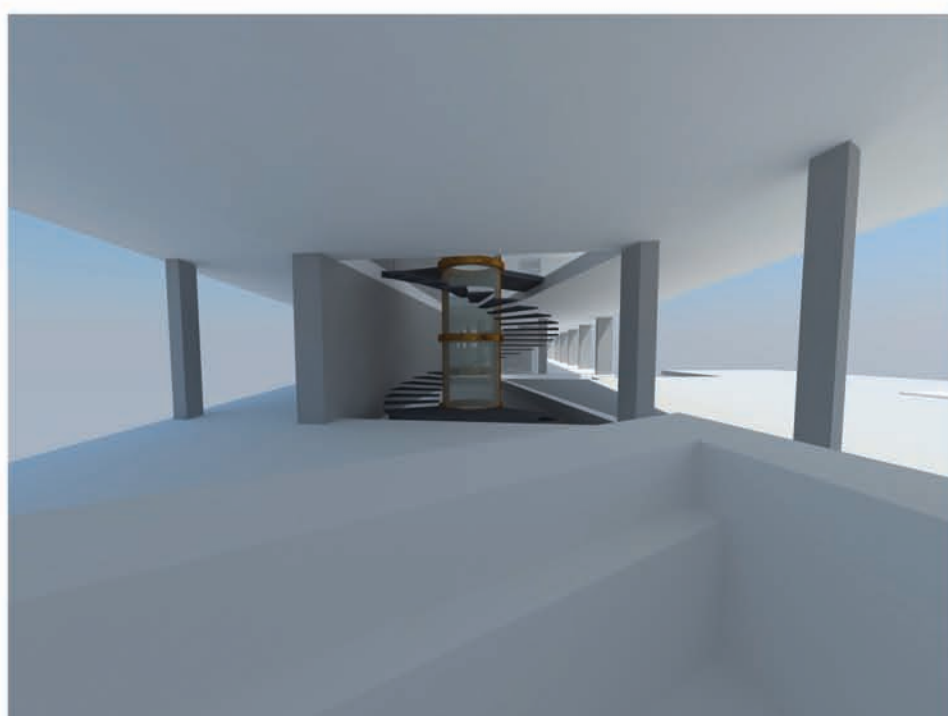
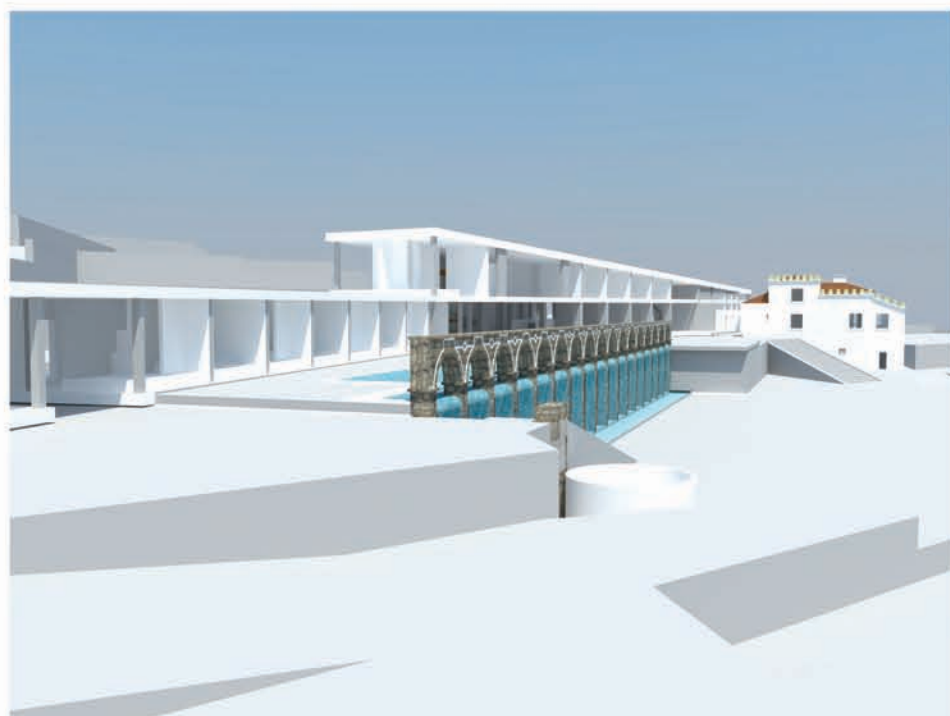
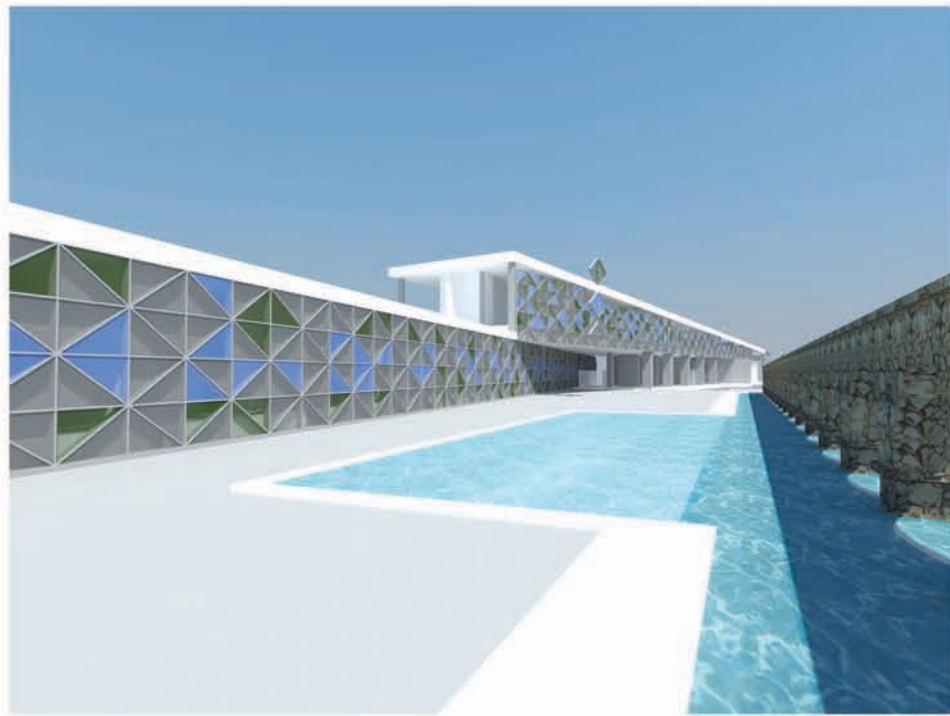


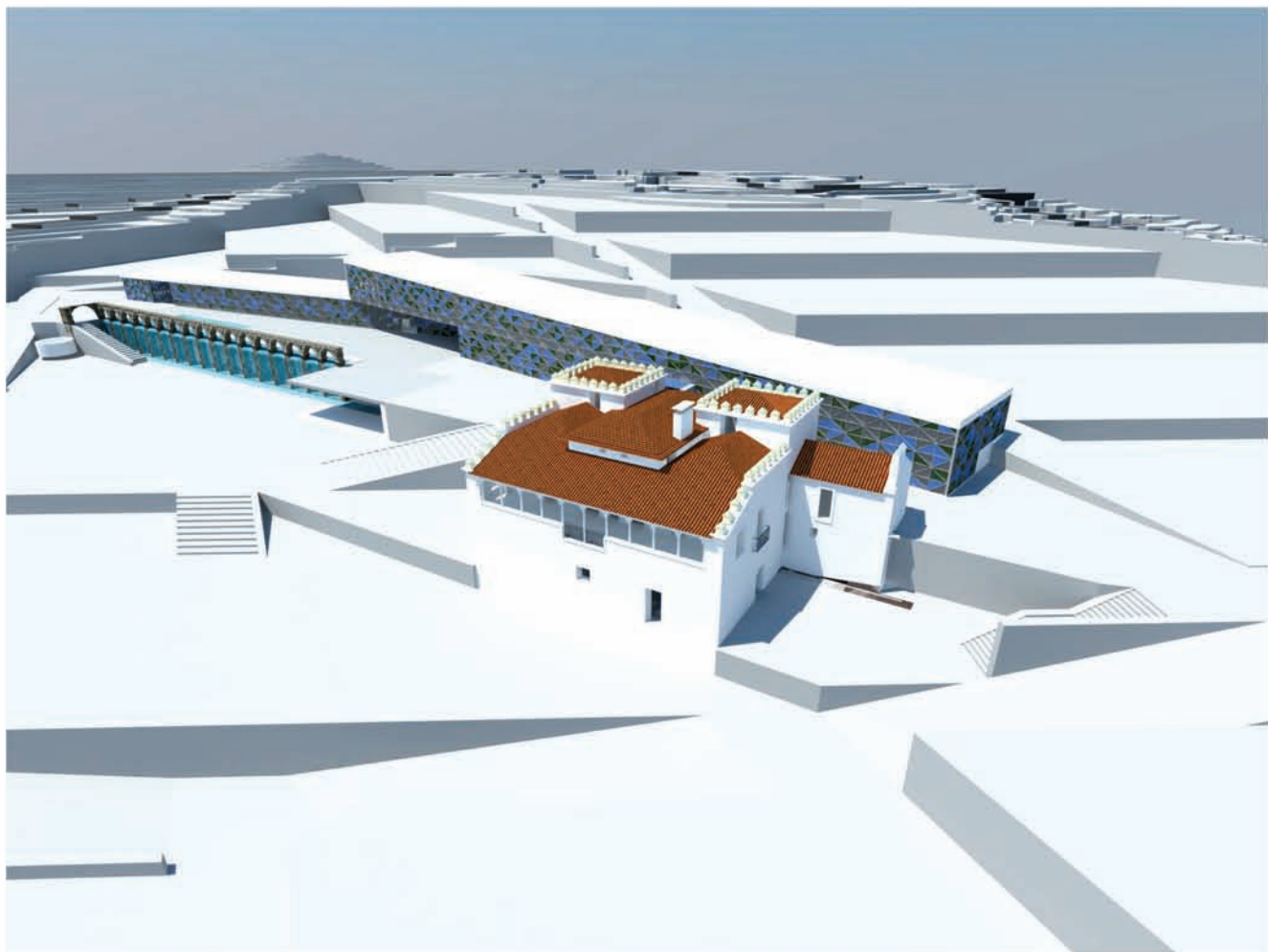
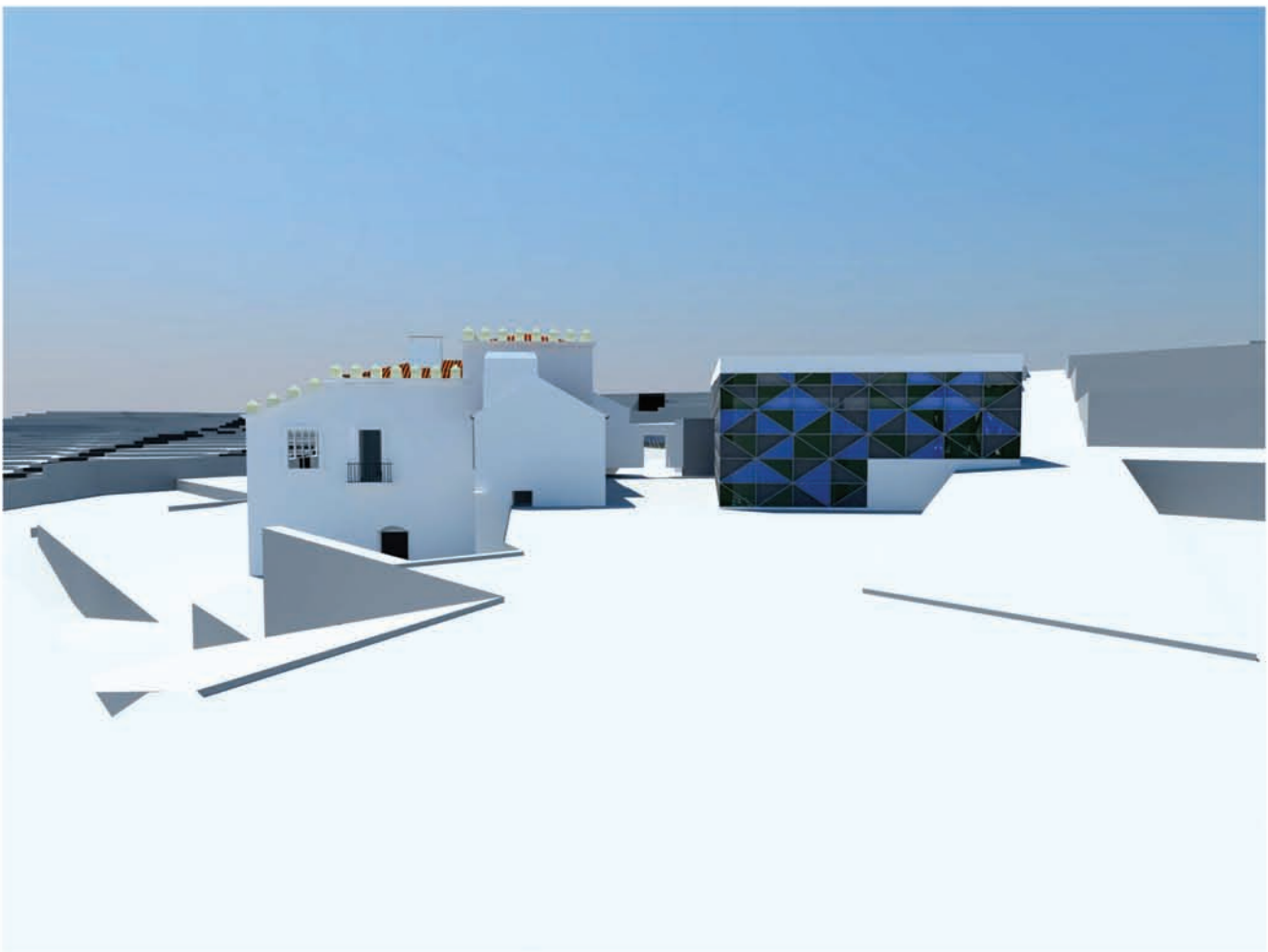
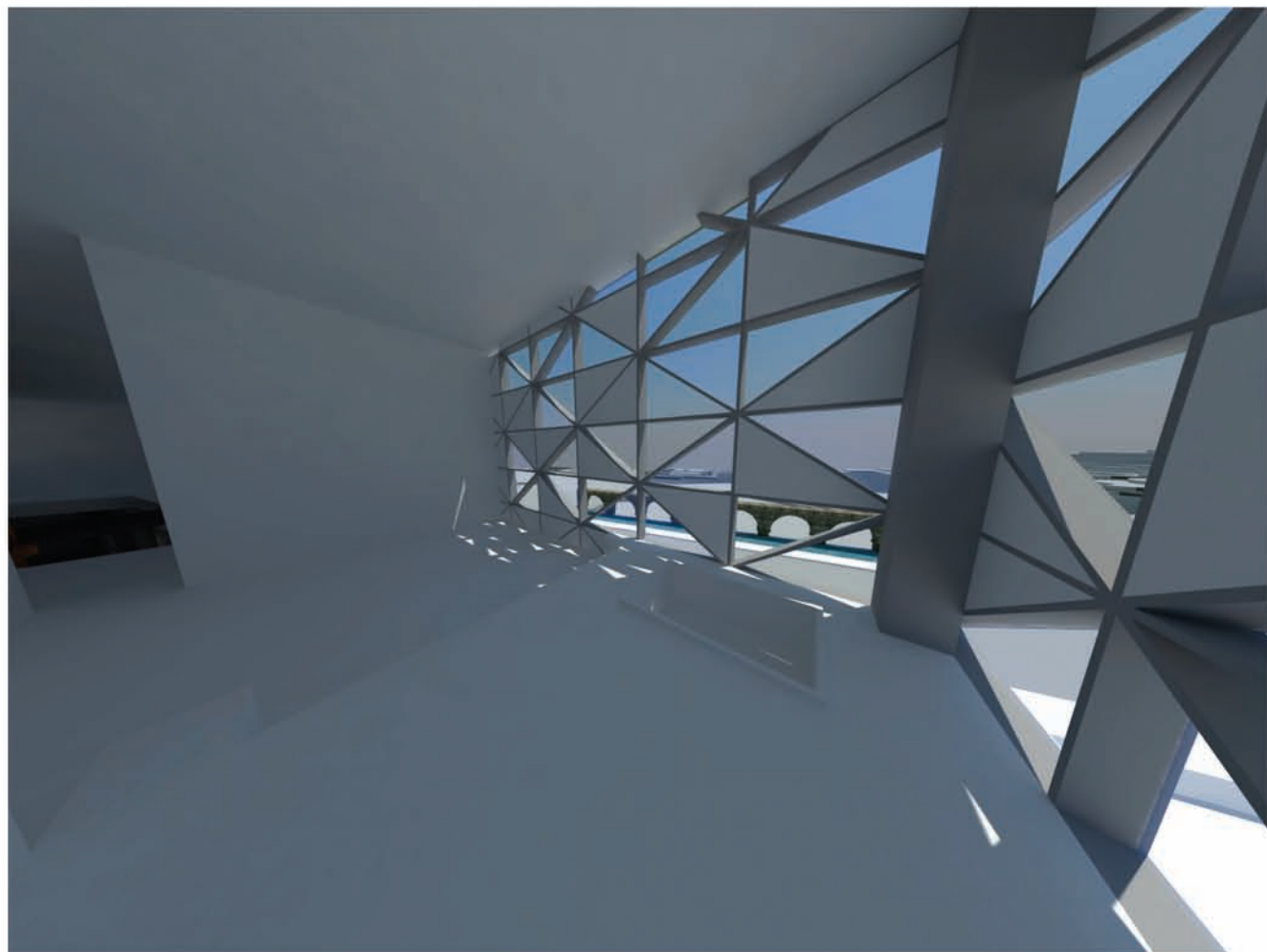
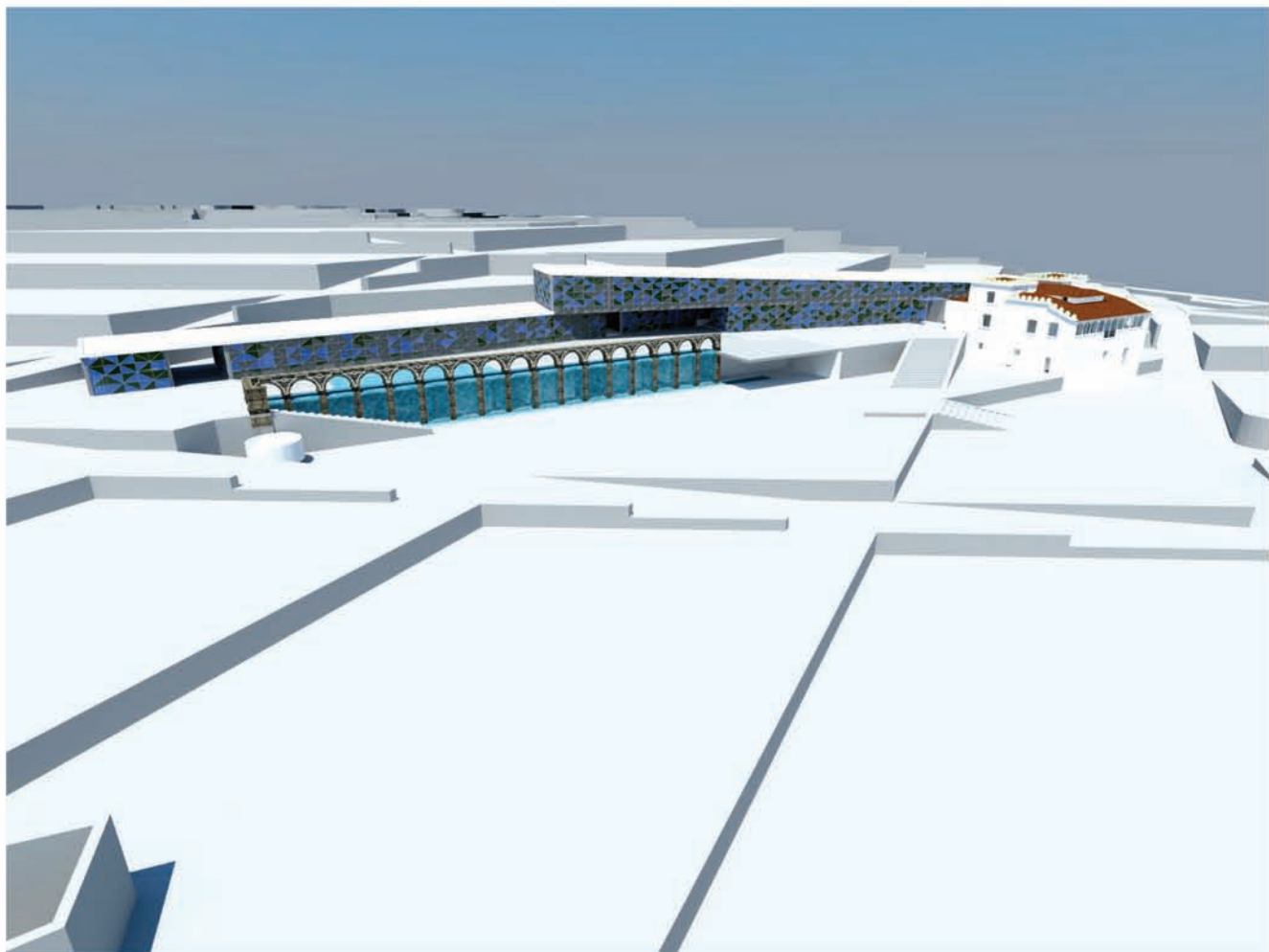
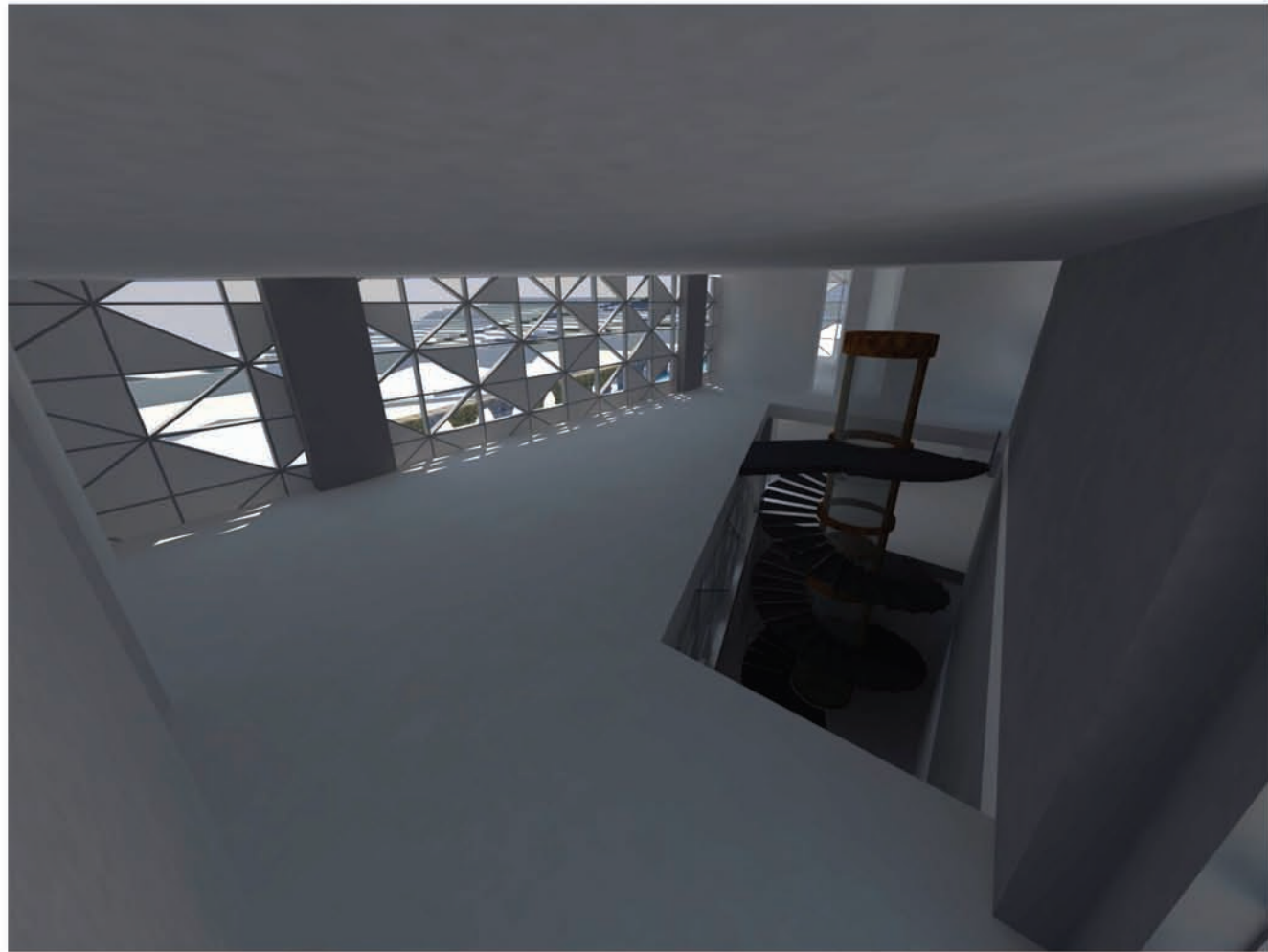
Ocupação do espaço rural até meados 30 do século XX, (baseado em descrições ADPAC)

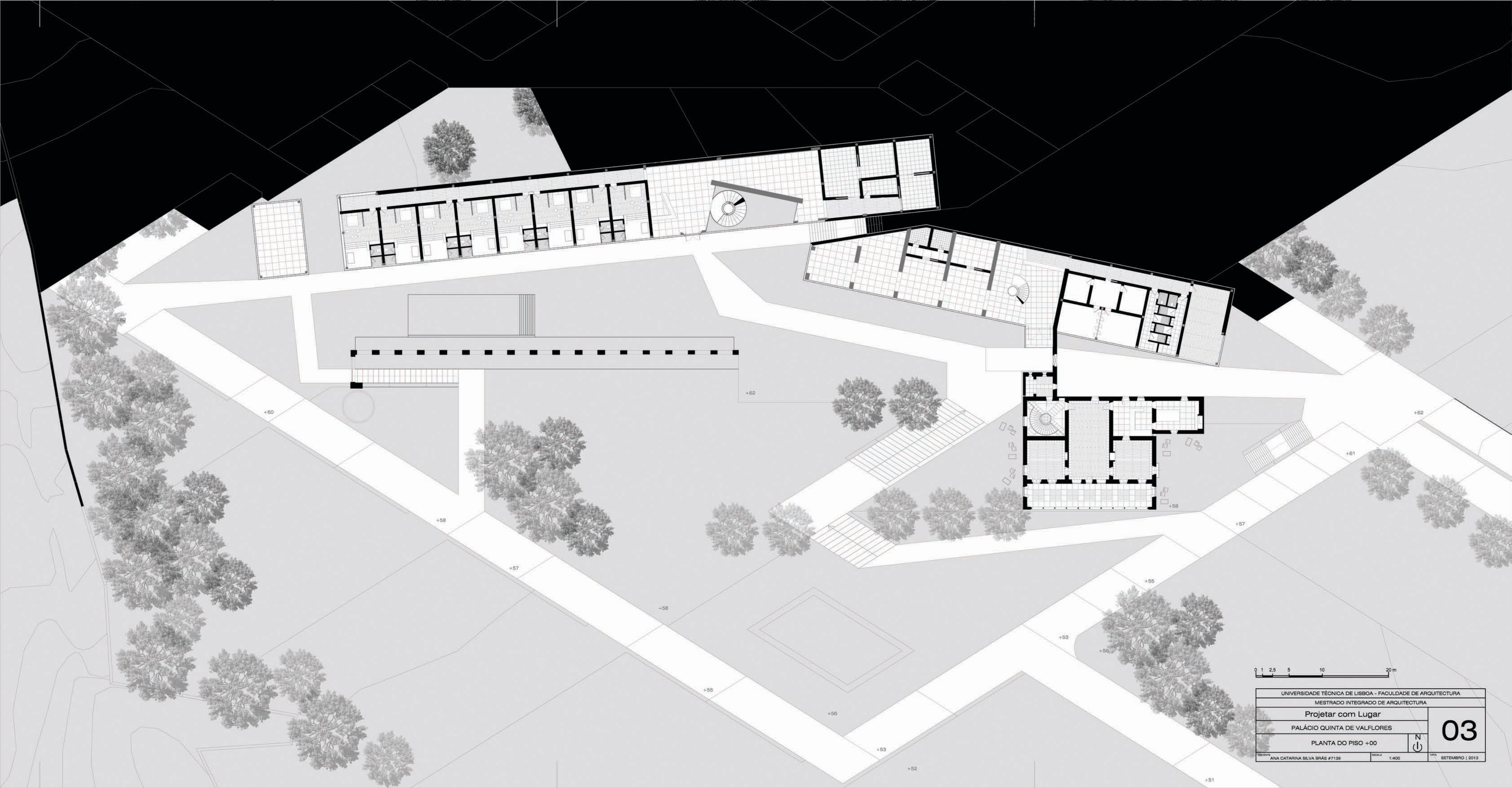


PROJECTAR COM O LUGAR EM VALFLORES










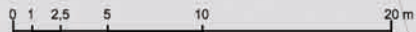
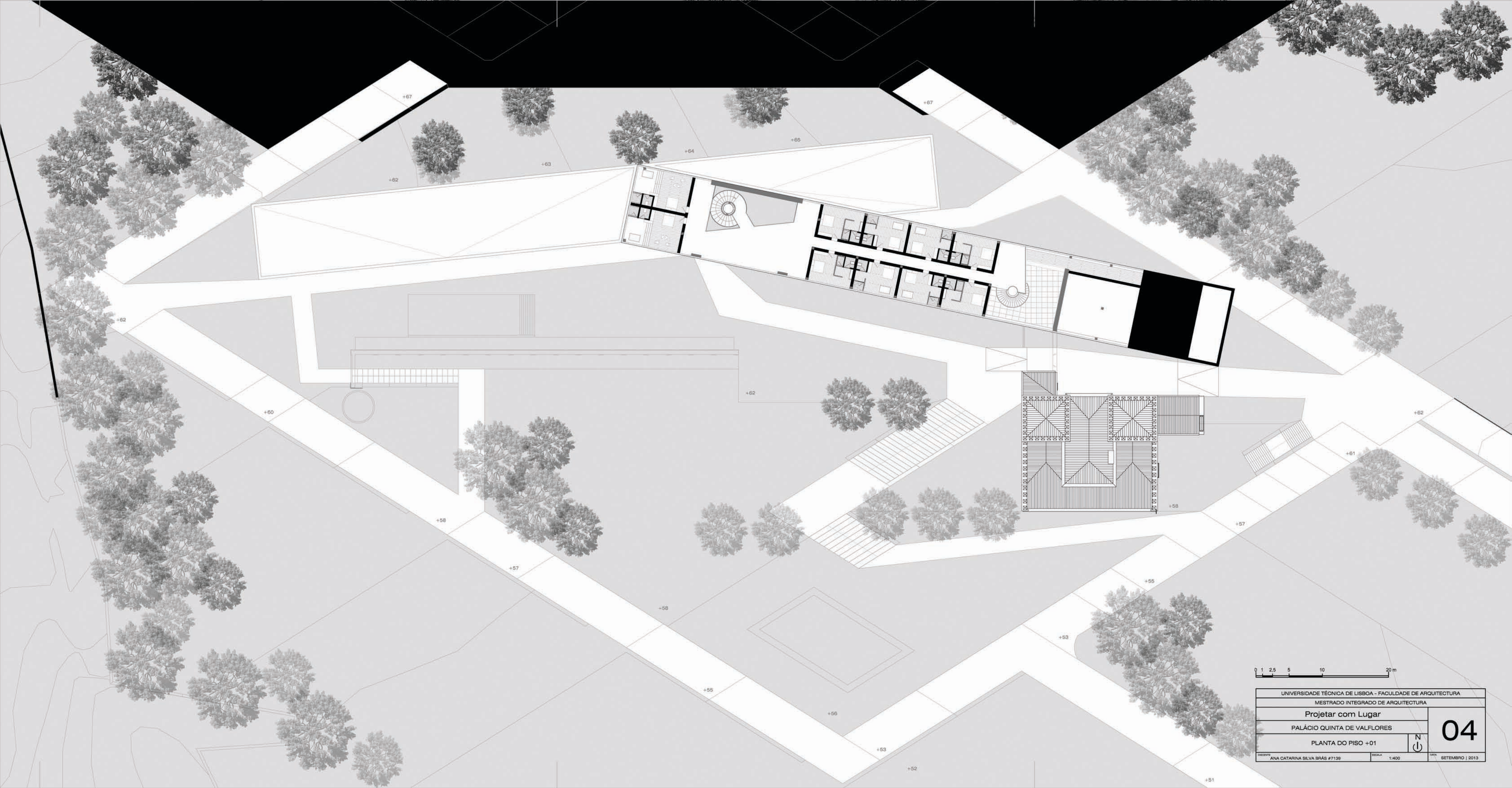
0 1 2.5 5 10 20 m

UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA - FACULDADE DE ARQUITECTURA			03
MESTRADO INTEGRADO DE ARQUITECTURA			
Projetar com Lugar			
PALÁCIO QUINTA DE VALFLORES			
PLANTA DO PISO +00		N ↓	03
AUTORA: ANA CATARINA SILVA BRÁS #7139			
ESCALA: 1:400		DATA: SETEMBRO 2013	

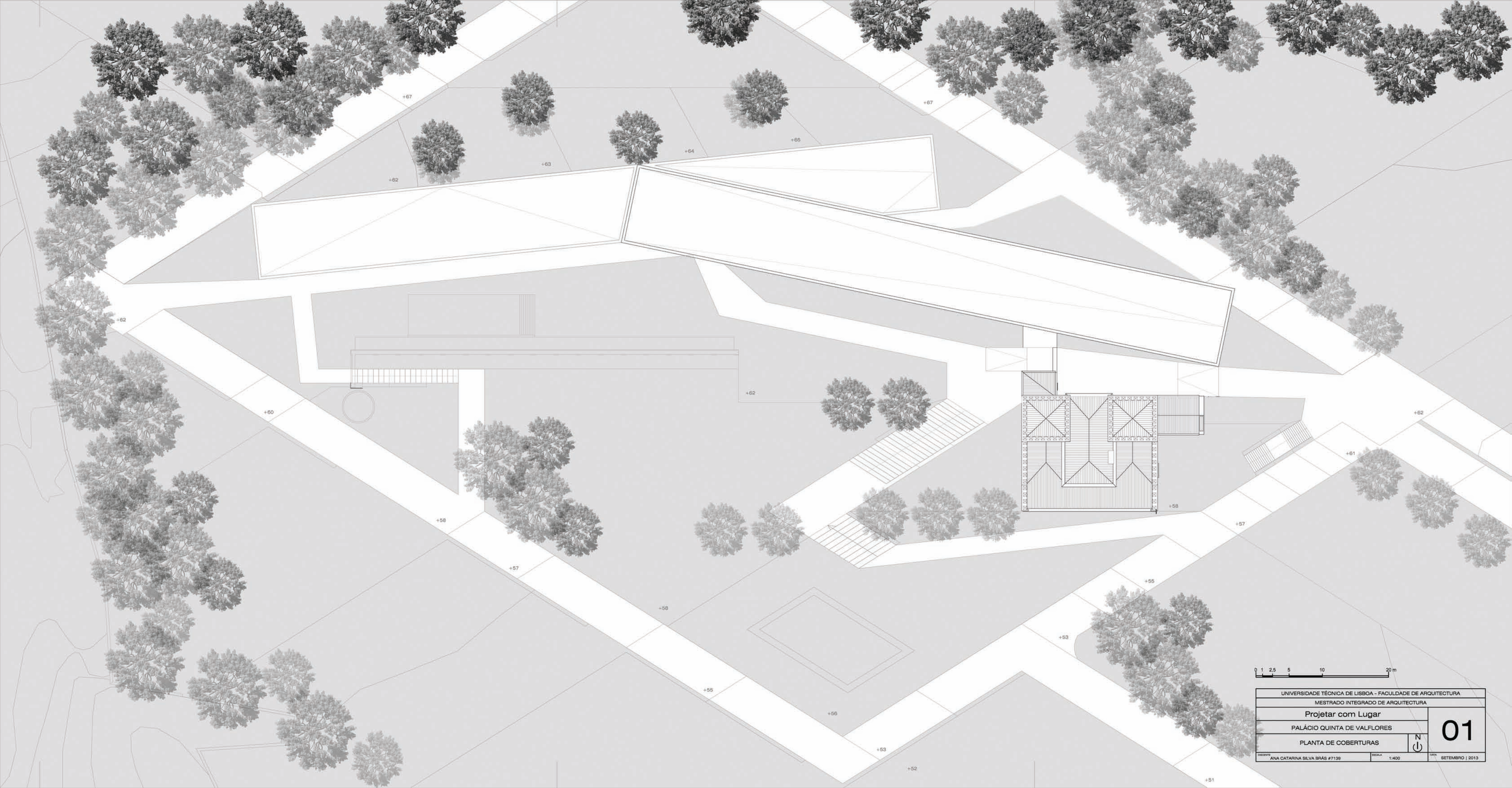



0 1 2.5 5 10 20 m

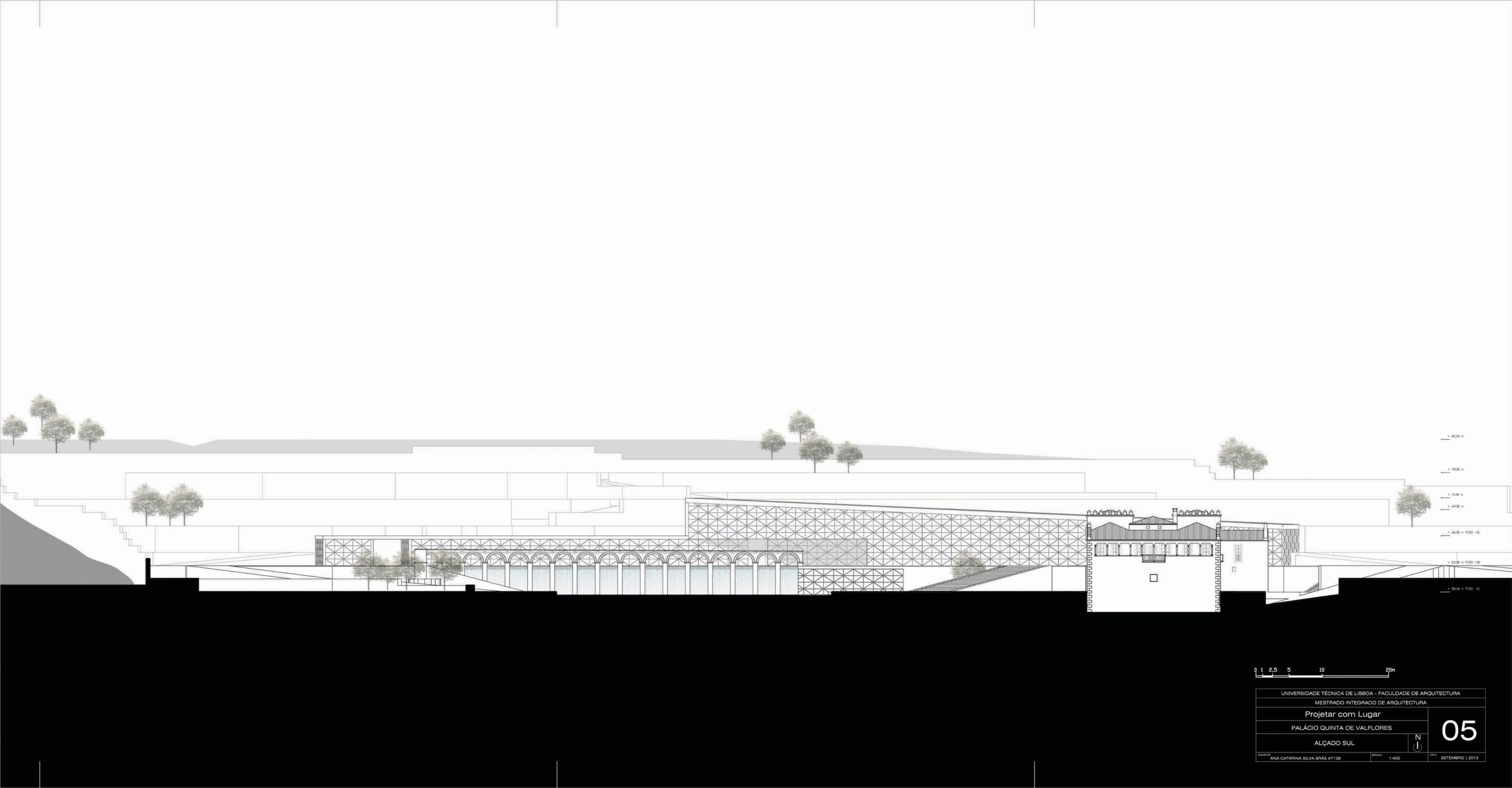
UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA - FACULDADE DE ARQUITECTURA			02		
MESTRADO INTEGRADO DE ARQUITECTURA					
Projetar com Lugar					
PALÁCIO QUINTA DE VALFLORES					
PLANTA DO PISO -01		N 			
DESIGNER	ANA CATARINA SILVA BRÁS #7139	ESCALA	1:400	DATA	SETEMBRO 2013



UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA - FACULDADE DE ARQUITECTURA		
MESTRADO INTEGRADO DE ARQUITECTURA		
Projetar com Lugar		04
PALÁCIO QUINTA DE VALFLORES		
PLANTA DO PISO +01	N U	
DESIGN: ANA CATARINA SILVA BRÁS #7139	ESCALA: 1:400	
		DATA: SETEMBRO 2013

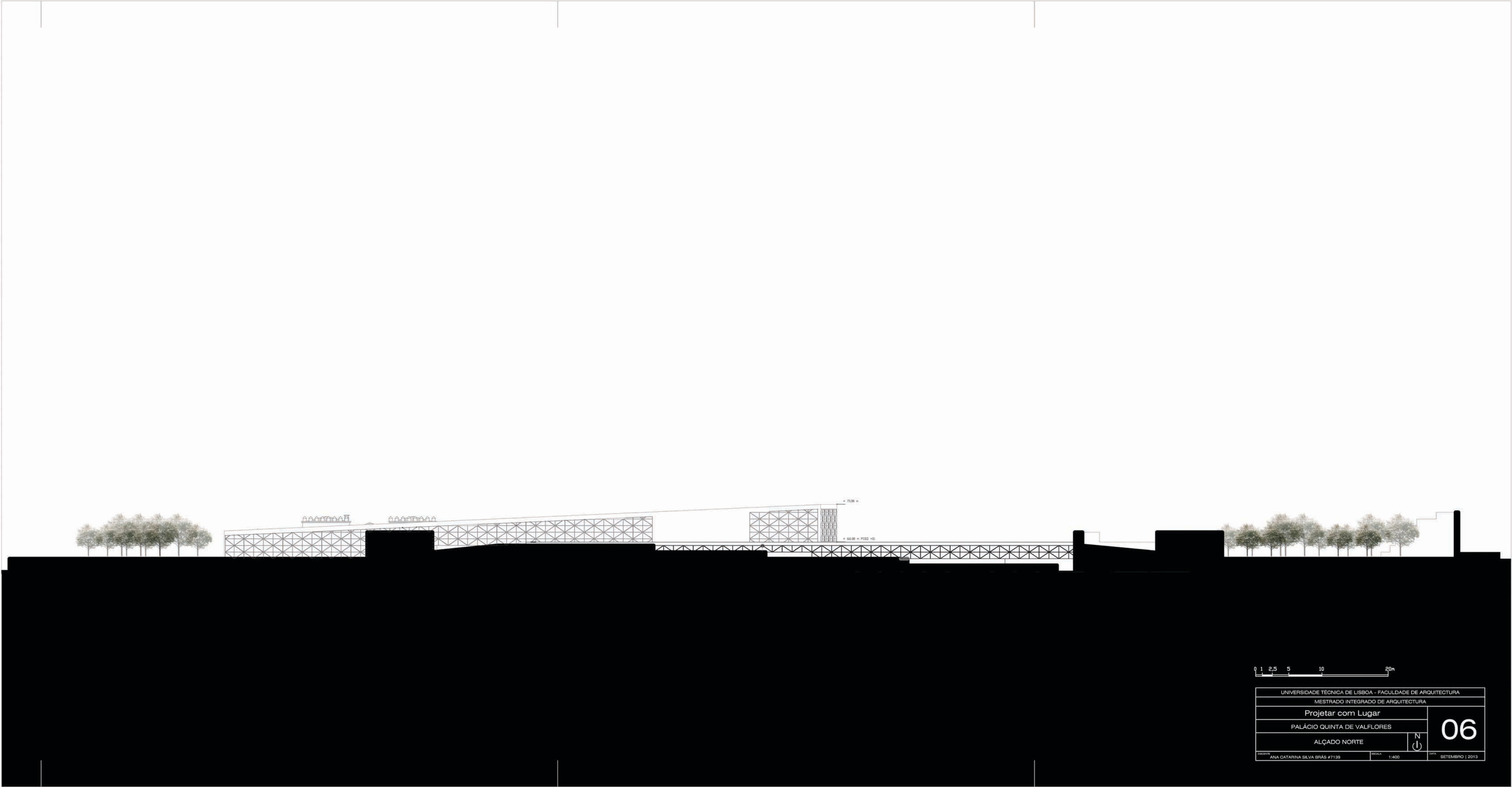


UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA - FACULDADE DE ARQUITECTURA			01
MESTRADO INTEGRADO DE ARQUITECTURA			
Projetar com Lugar			
PALÁCIO QUINTA DE VALFLORES			
PLANTA DE COBERTURAS		N 	
DESIGN: ANA CATARINA SILVA BRÁS #7139	ESCALA: 1:400	DATA: SETEMBRO 2013	



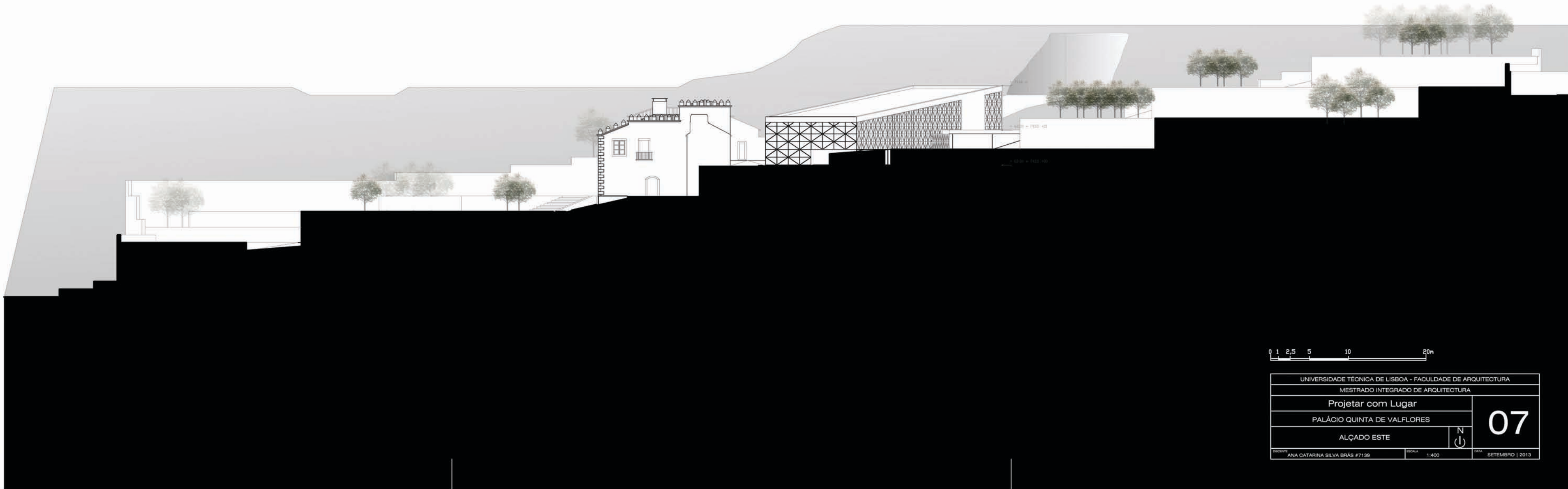
0 1 2,5 5 10 20m

UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA - FACULDADE DE ARQUITECTURA			05
MESTRADO INTEGRADO DE ARQUITECTURA			
Projetar com Lugar			
PALÁCIO QUINTA DE VALFLORES			
ALÇADO SUL		N ↓	
DESIGN: ANA CATARINA SILVA BRÁS #7139	ESCALA: 1:400	DATA: SETEMBRO 2013	

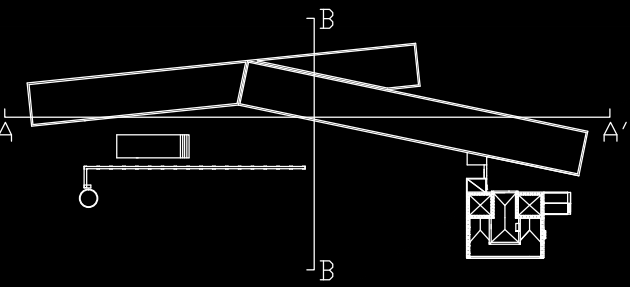
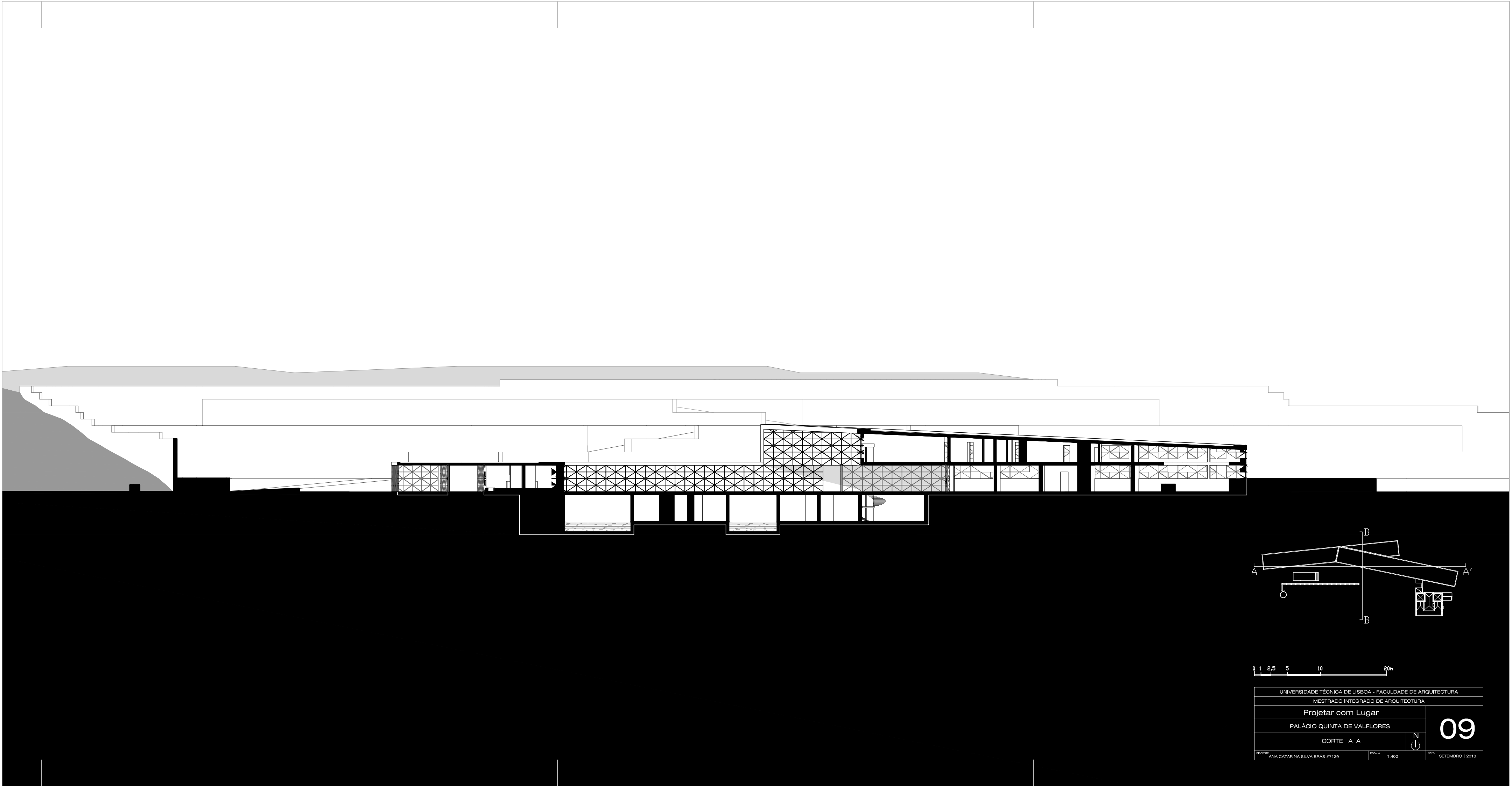


0 1 2.5 5 10 20m

UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA - FACULDADE DE ARQUITECTURA		
MESTRADO INTEGRADO DE ARQUITECTURA		
Projetar com Lugar		06
PALÁCIO QUINTA DE VALFLORES		
ALÇADO NORTE	N U	
DISPENSA ANA CATARINA SILVA BRÁS #7139	ESCALA 1:400	
		DATA SETEMBRO 2013



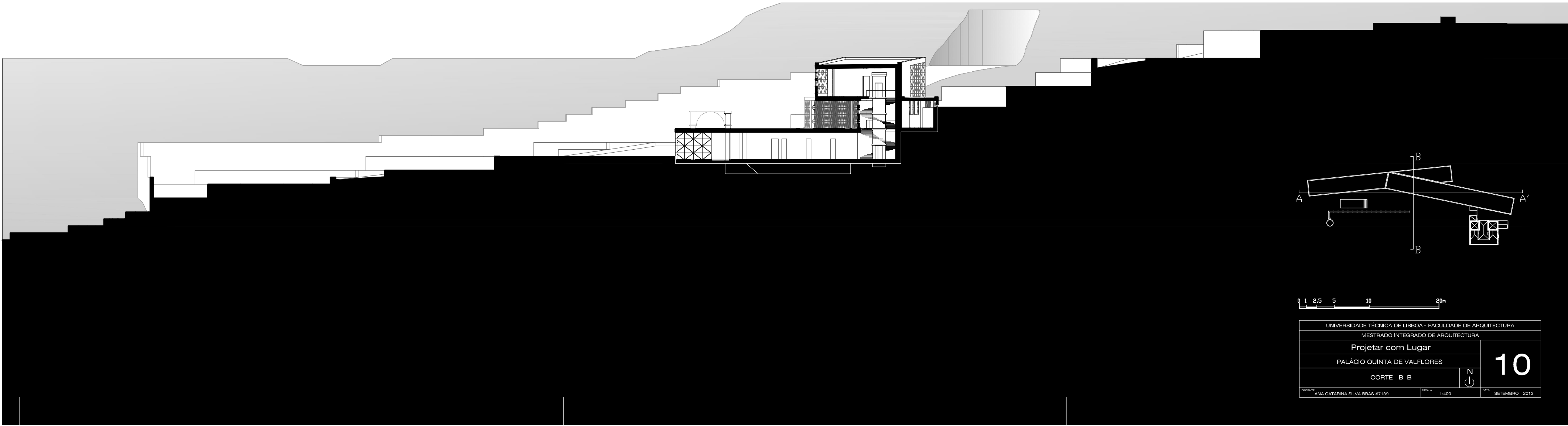




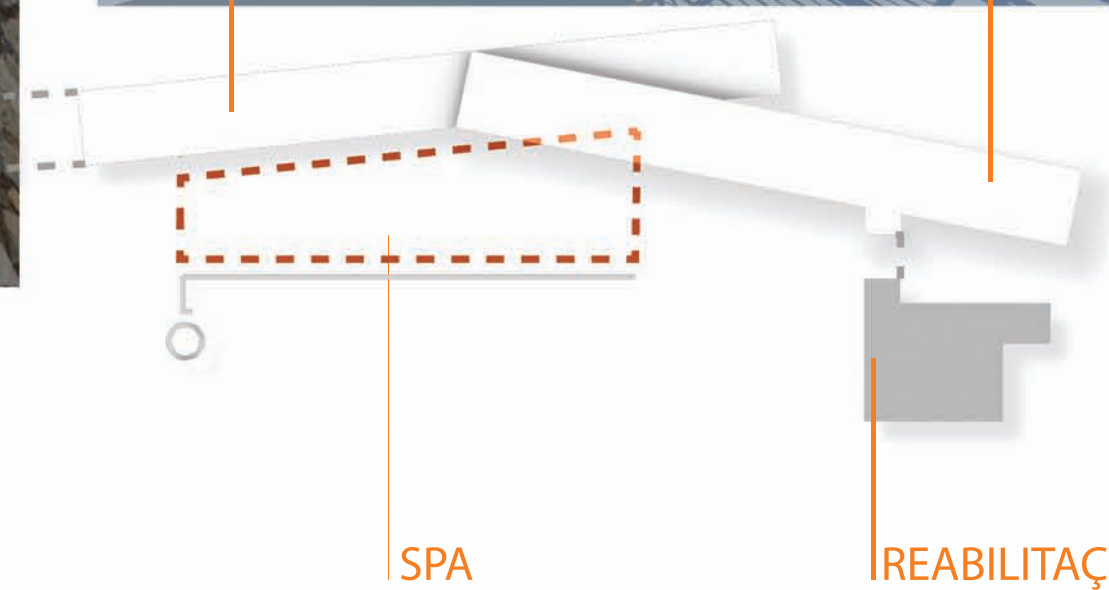
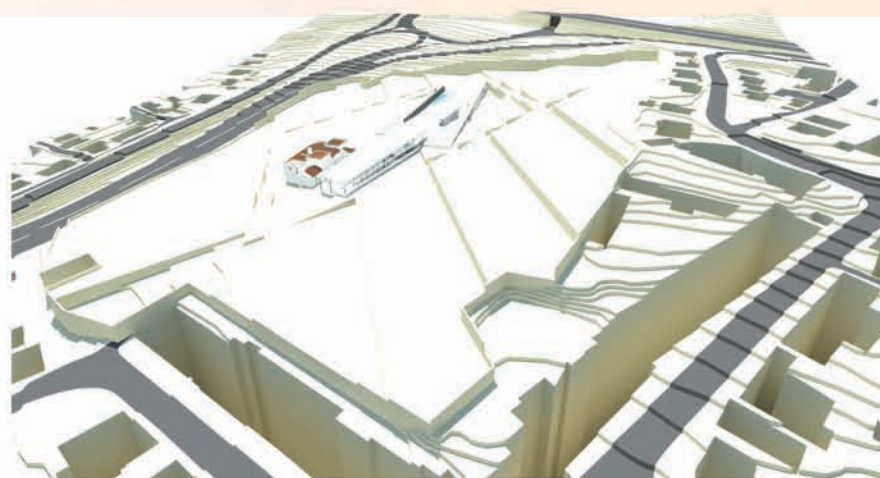
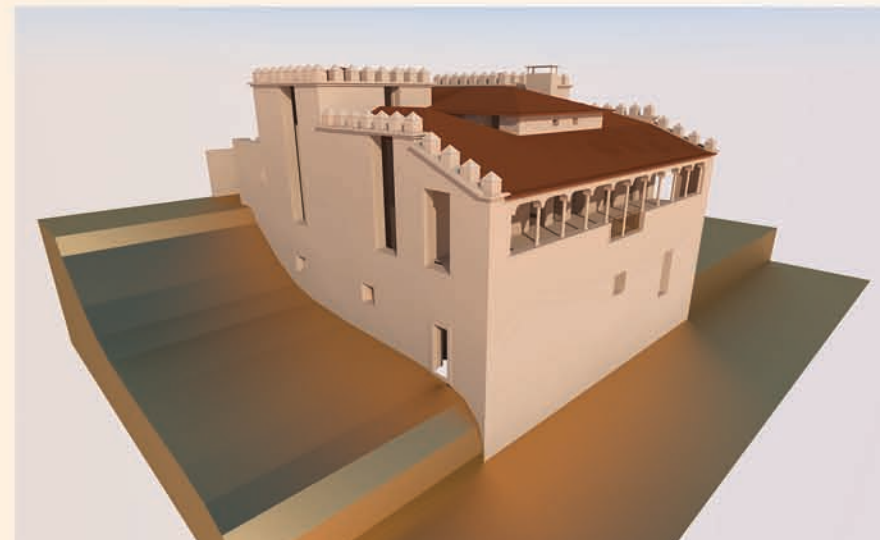
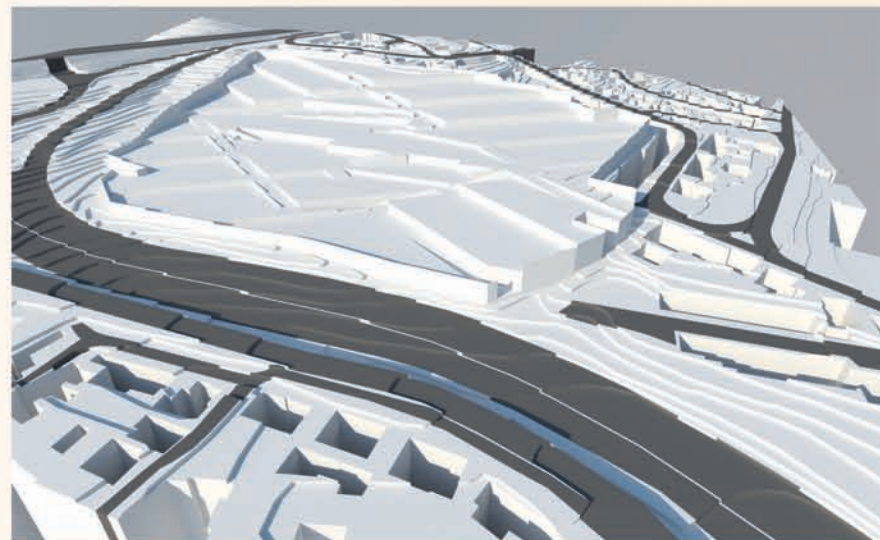
0 1 2,5 5 10 20m

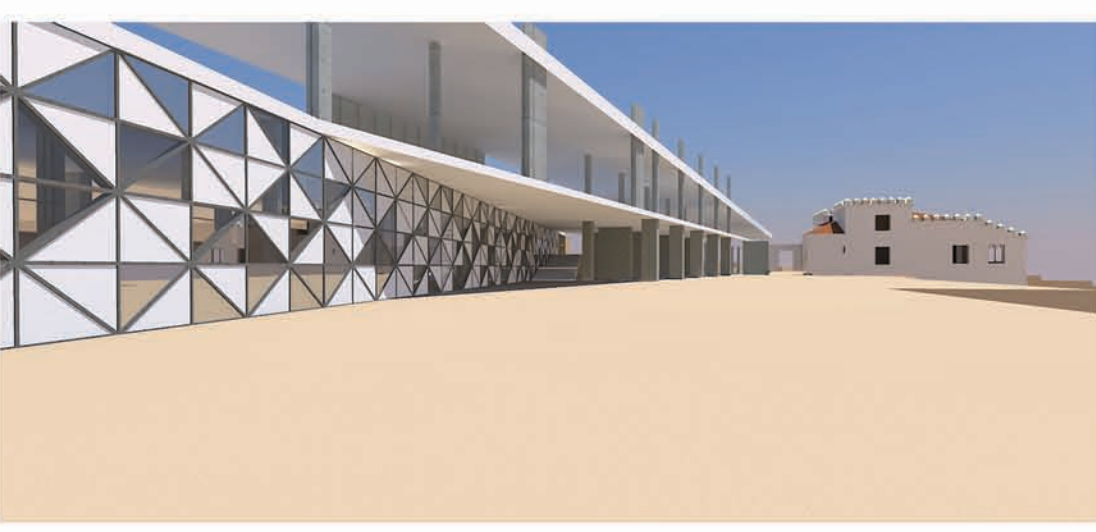
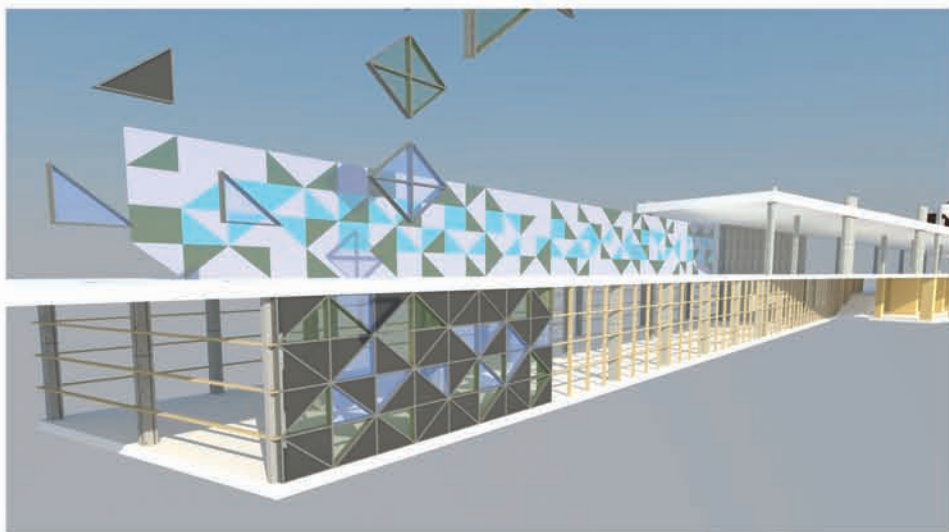
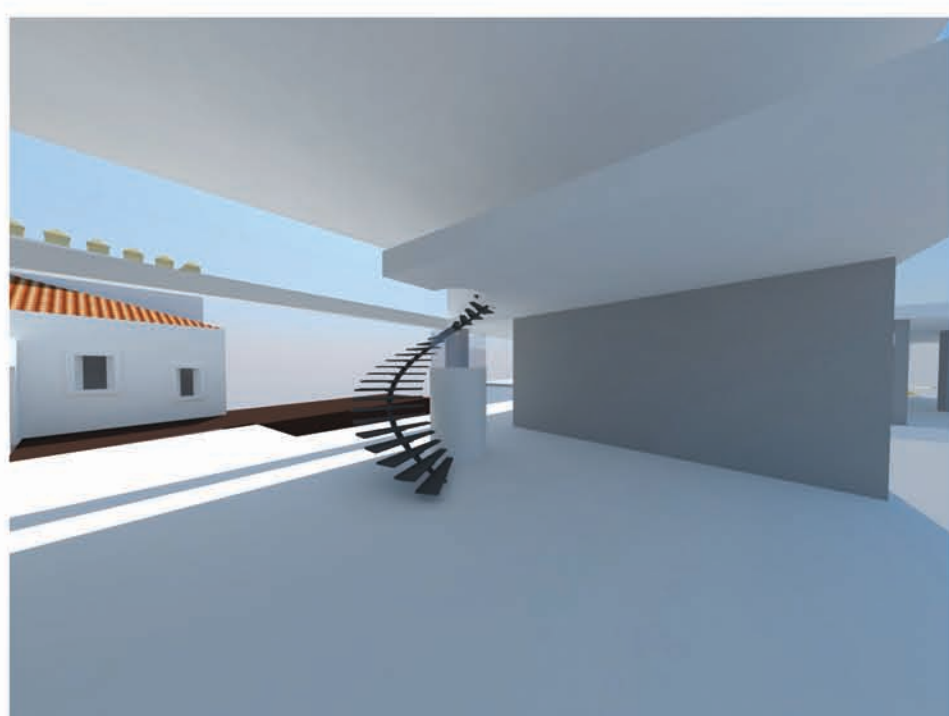
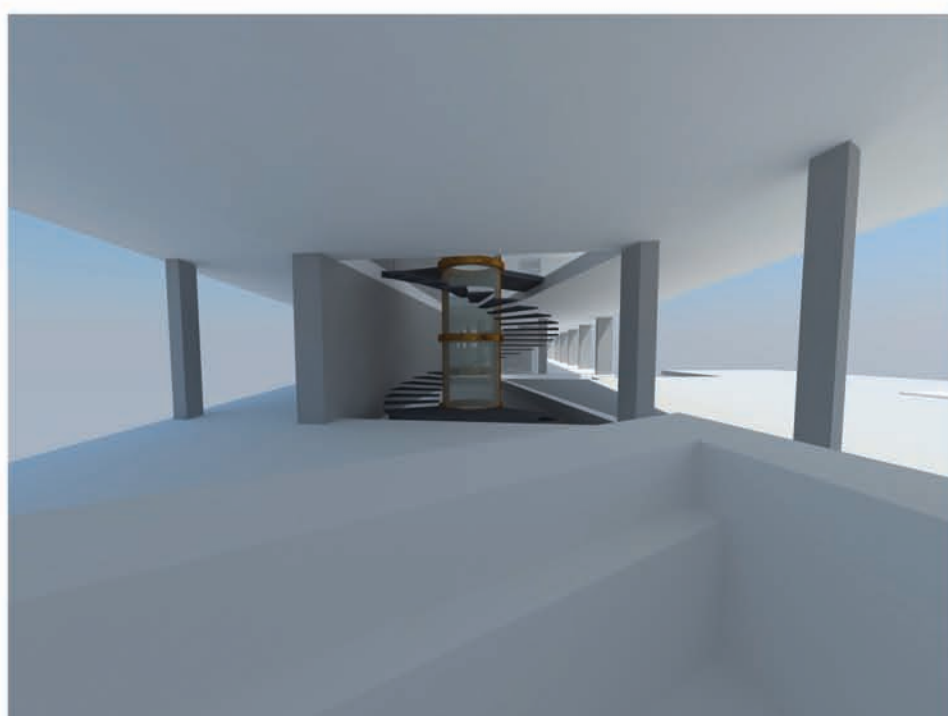
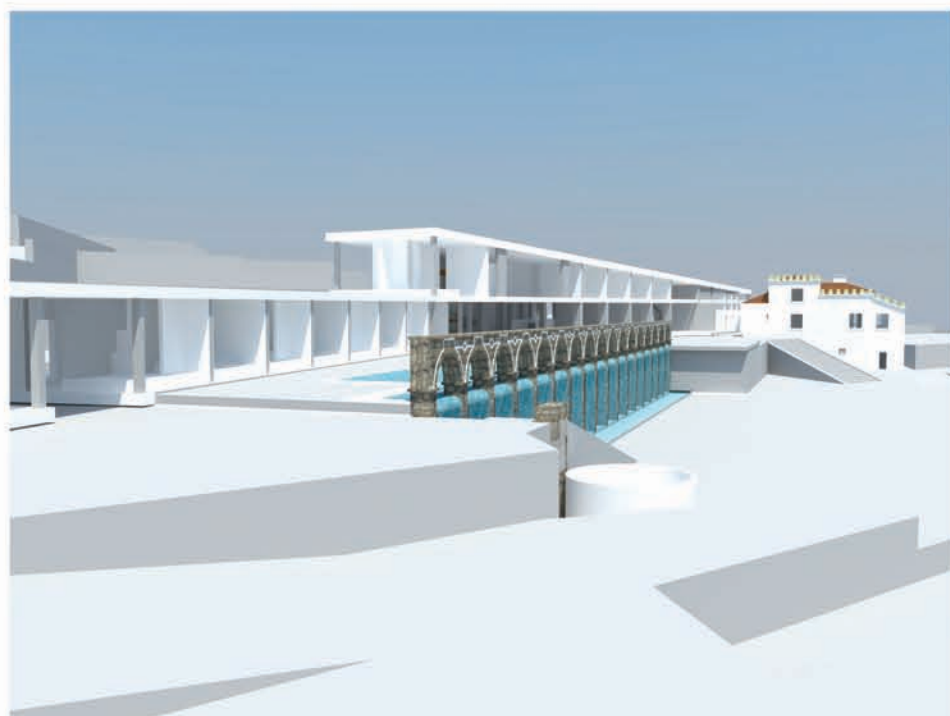
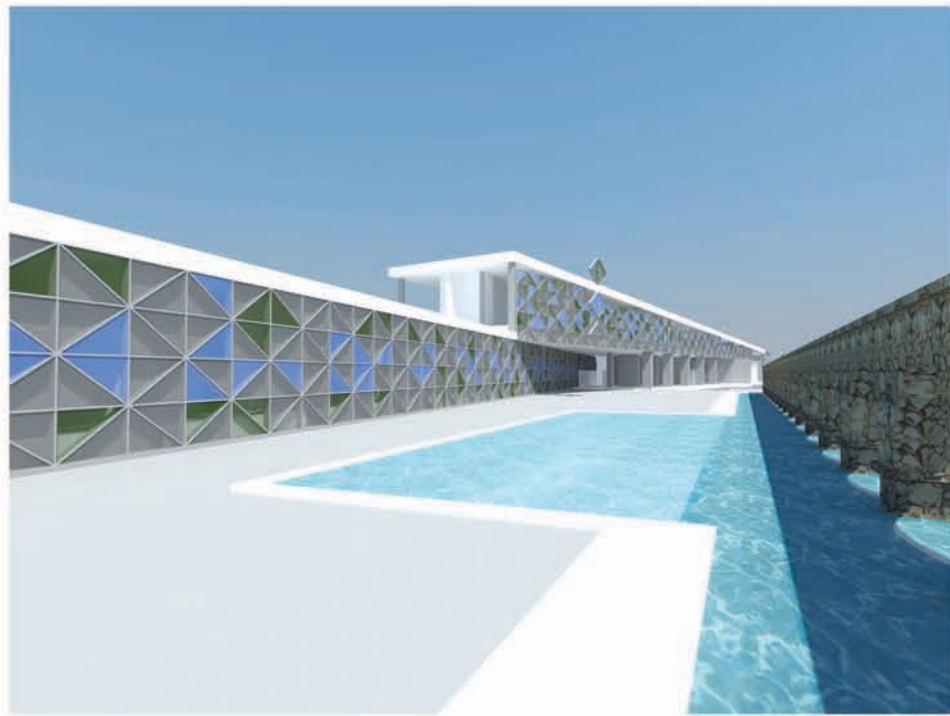
UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA - FACULDADE DE ARQUITECTURA		
MESTRADO INTEGRADO DE ARQUITECTURA		
Projetar com Lugar		
PALÁCIO QUINTA DE VALFLORES		
CORTE A A'		N ↓
SECÇÃO	ANNA CATARINA SILVA BRÁS #71139	
ESCALA	1:400	DATA
SETEMBRO 2015		

09



PROJECTAR COM O LUGAR EM VALFLORES





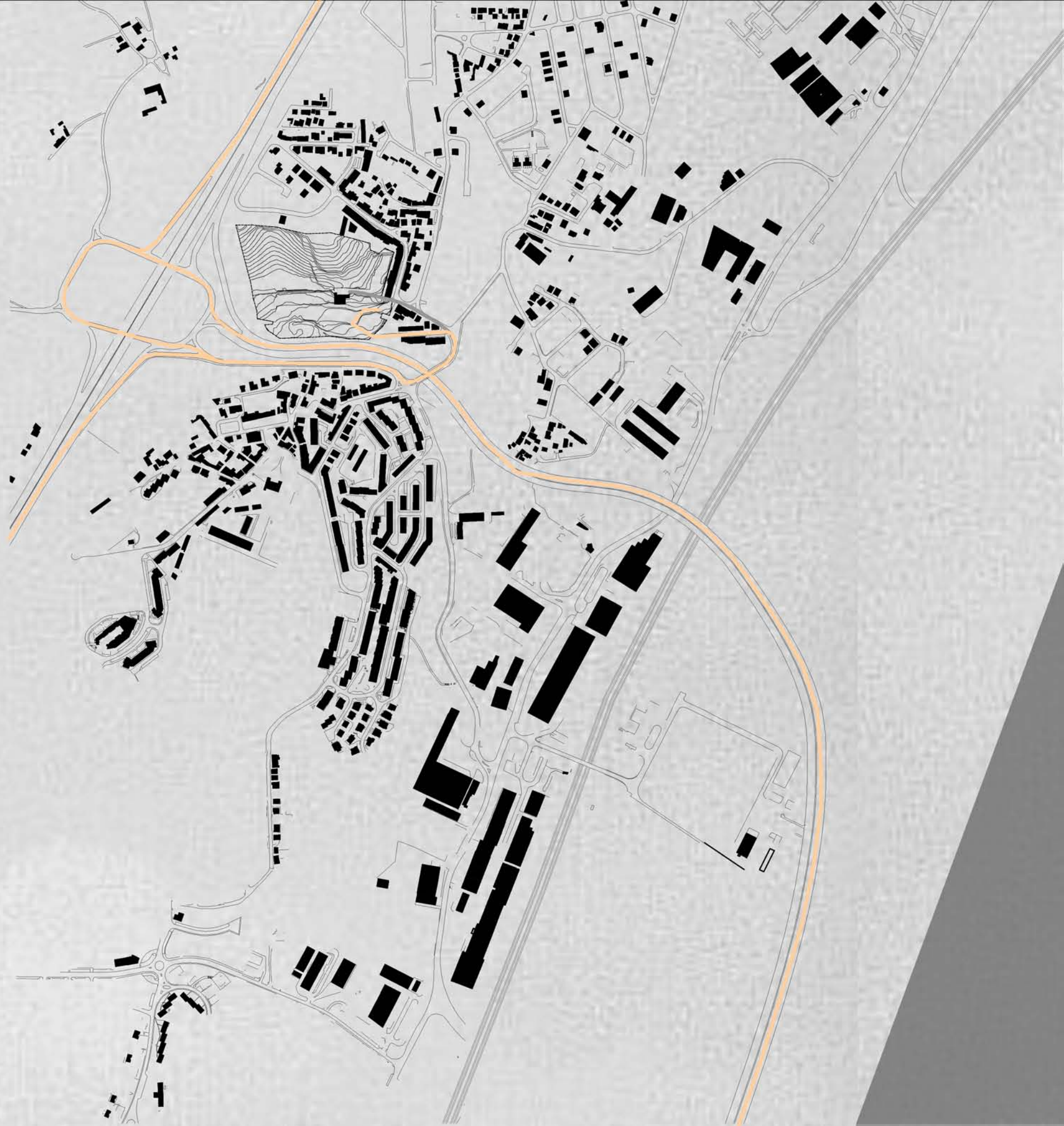
PALÁCIO QUINTA VAL- FLORES

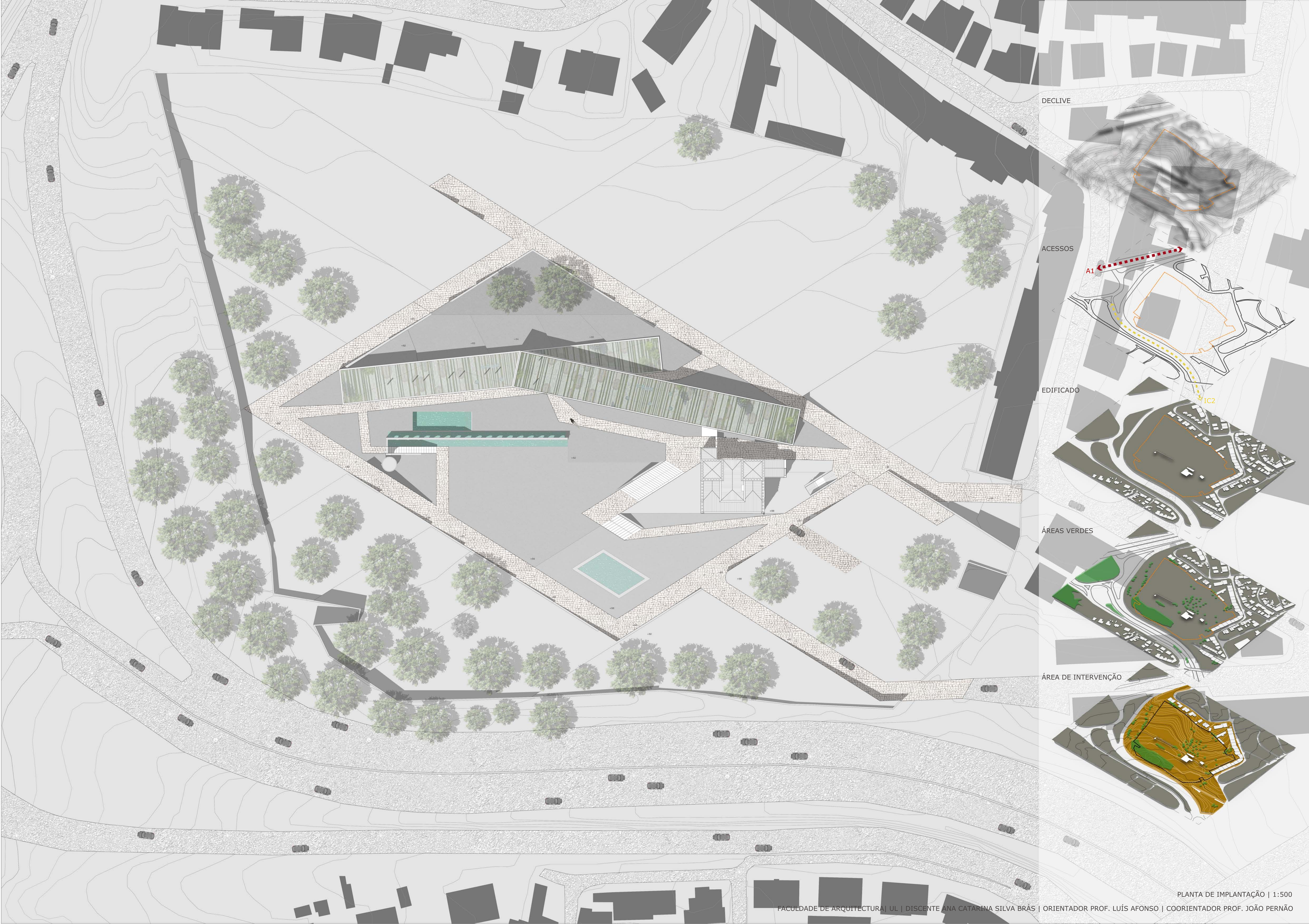
PROJECTAR COM O LUGAR

ESTE TRABALHO CONSISTE NUMA PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DO PALÁCIO E QUINTA DE VALFLORES, NA FREGUESIA DE SANTA IRIA DA AZOIA. O PALÁCIO ENCONTRA-SE JÁ NUM ESTADO AVANÇADO DE DEGRADAÇÃO, PORÉM ESTA ESCOLHA, FAZ-SE PELA IMPORTÂNCIA HISTÓRICA DESTA LUGAR, E POR CONSEQUENTE A NECESSIDADE DE RECUPERÁ-LO, COM O INTUITO DE DEVOLVER-LO AO USO PÚBLICO. UMA VEZ QUE O TEMA DO PROJETO CONSISTE EM “PROJETAR COM O LUGAR”, PROPÕE-SE EXPLORAR A HIPÓTESE DE UTILIZAR O ENTENDIMENTO DE LUGAR, DESTACANDO AS CARACTERÍSTICAS QUE O TORNA ÚNICO E IR-REPETÍVEL COMO UM FATOR DETERMINANTE NO PROCESSO PROJETUAL.

“DESIGNA-SE QUINTA DE RECREIO À PROPRIEDADE RÚSTICA QUE, INDEPENDENTEMENTE DA EXTENSÃO, ENCERRA TERRENOS DE CULTIVO, POMARES, E HORTAS, EDIFÍCIOS DE APOIO À EXPLORAÇÃO AGRÍCOLA E PECUÁRIA, HABITAÇÕES DE TRABALHADORES RURAIS E, JUNTO À RESIDÊNCIA DO PROPRIETÁRIO, ZONAS DE LAZER, NOMEADAMENTE, FONTES, LAGOAS, POMBAIS MATAS, JARDINS, E PAVILHÕES VARIANDO EM FUNÇÃO DO ESTATUTO SOCIAL DOS MORADORES”

MARIETA DA MESQUITA





DECLIVE

ACESSOS

A1

IC2

EDIFICADO

ÁREAS VERDES

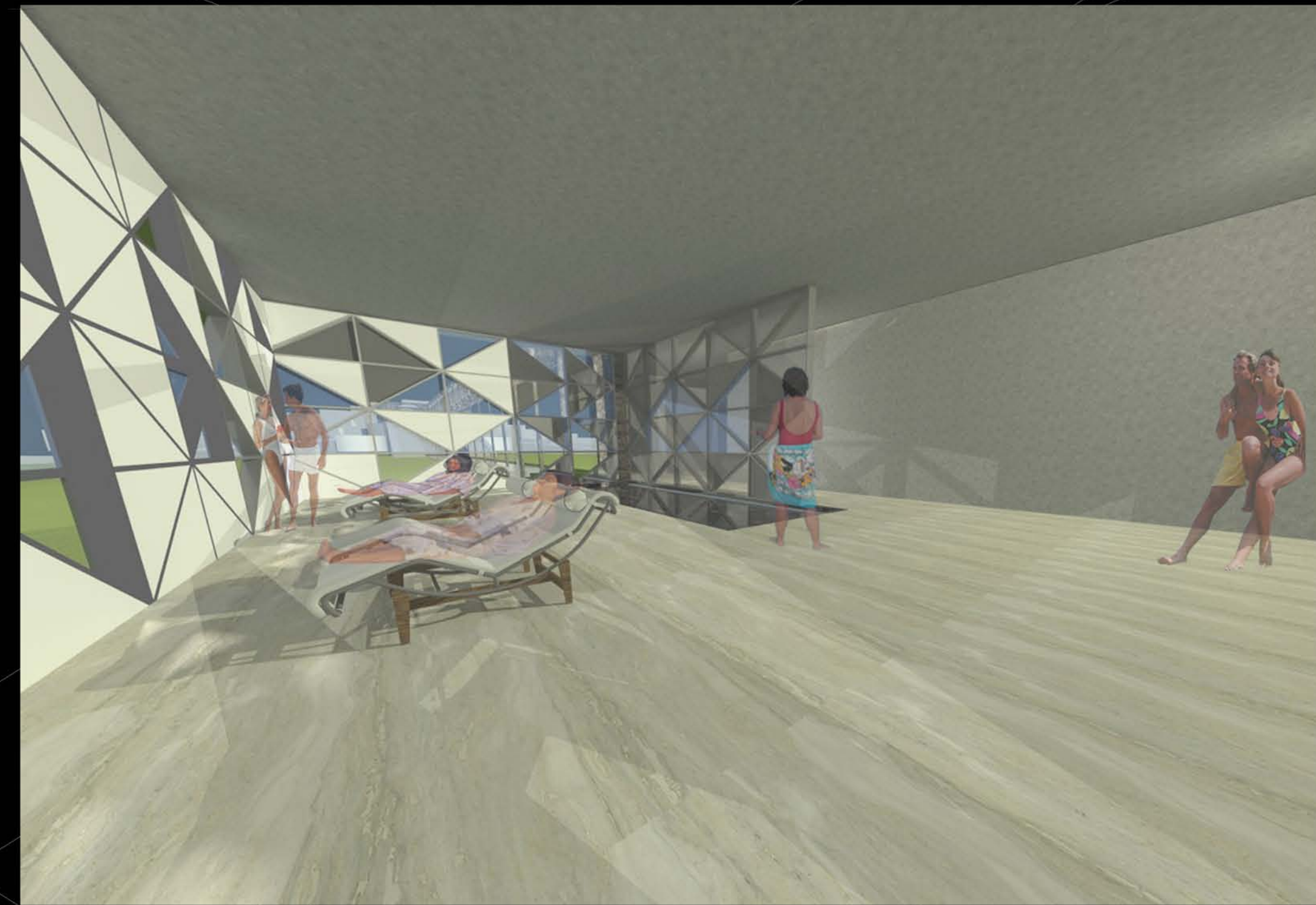
ÁREA DE INTERVENÇÃO



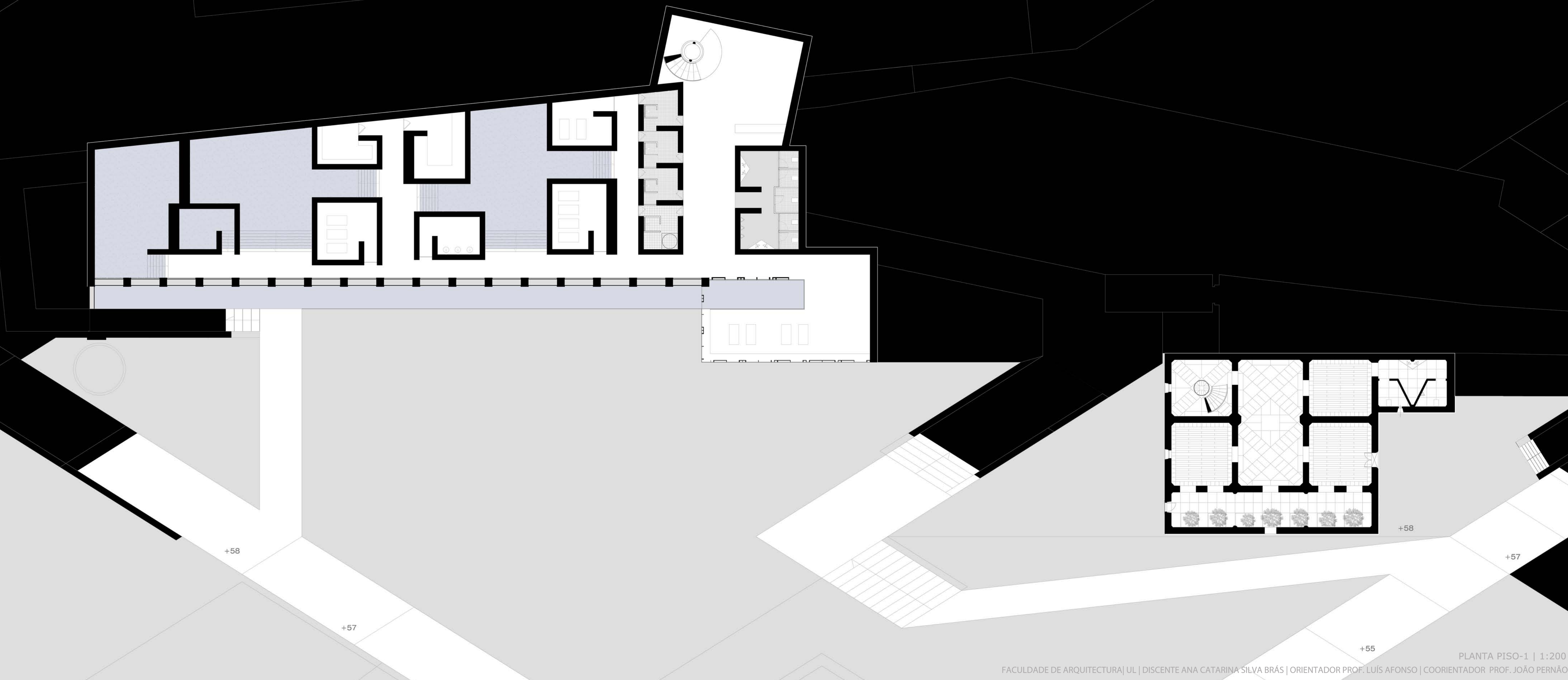
SPA | TANQUE DE HIDROMASSAGEM

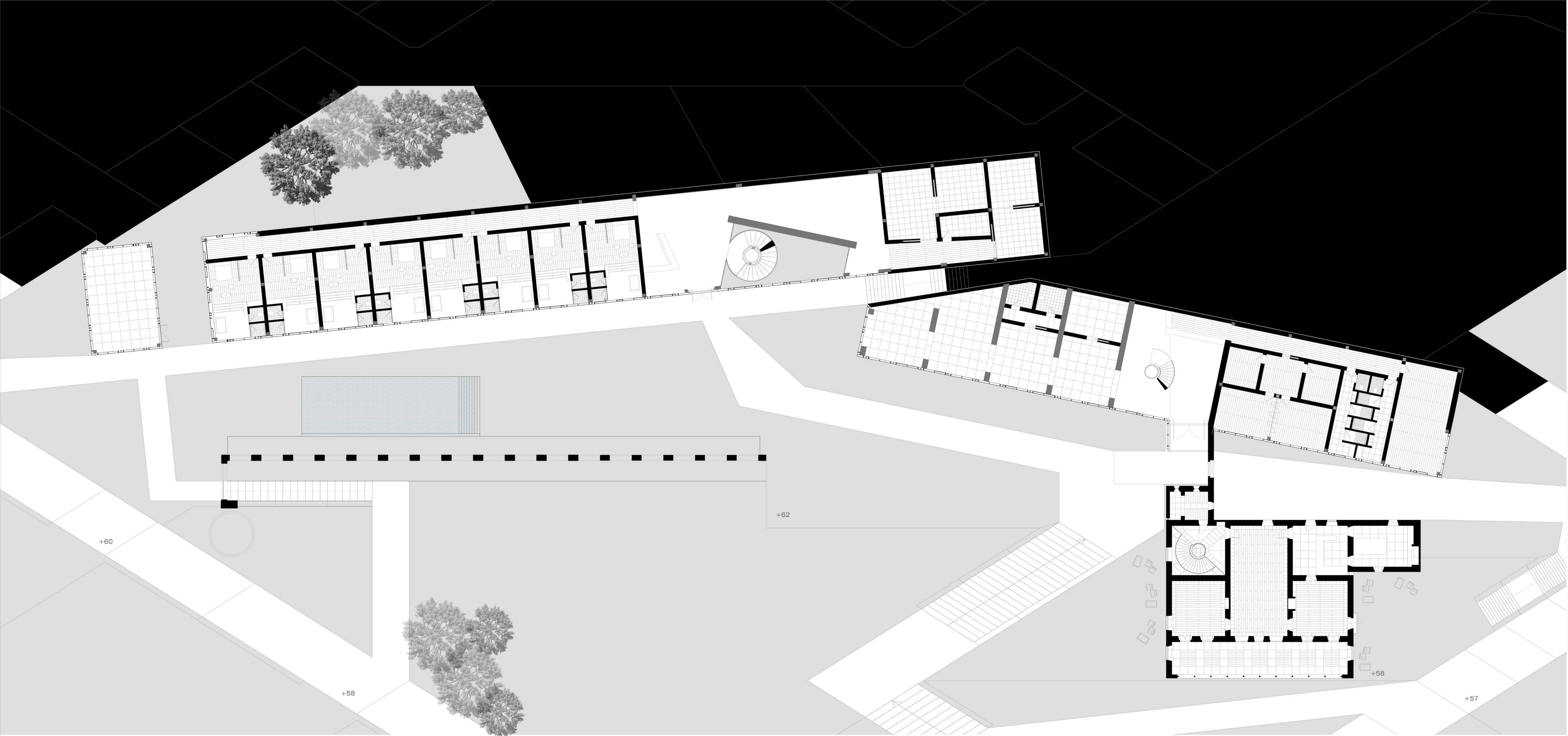


SPA | BANHO CASCATA

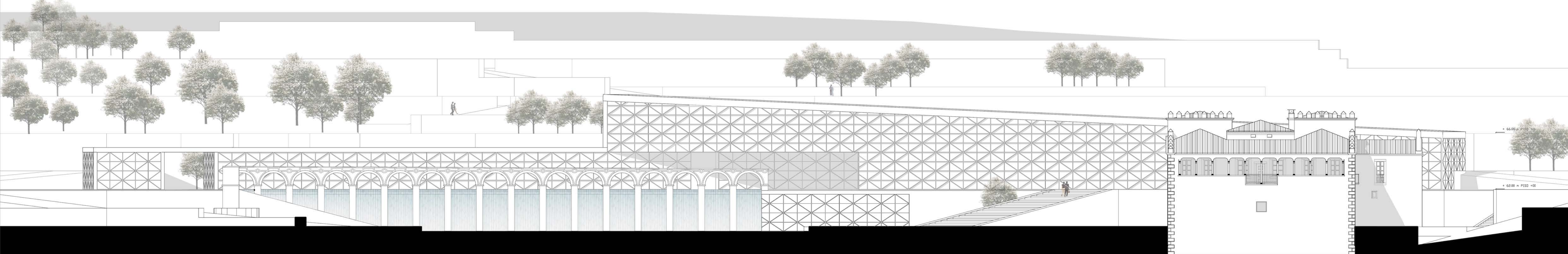


SPA | SALA DE ESTAR





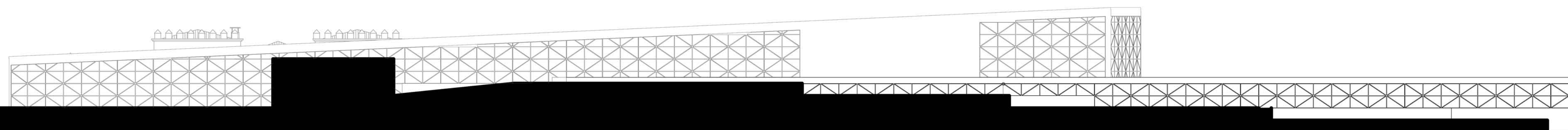
PLANTA PISO 0 | 1:200

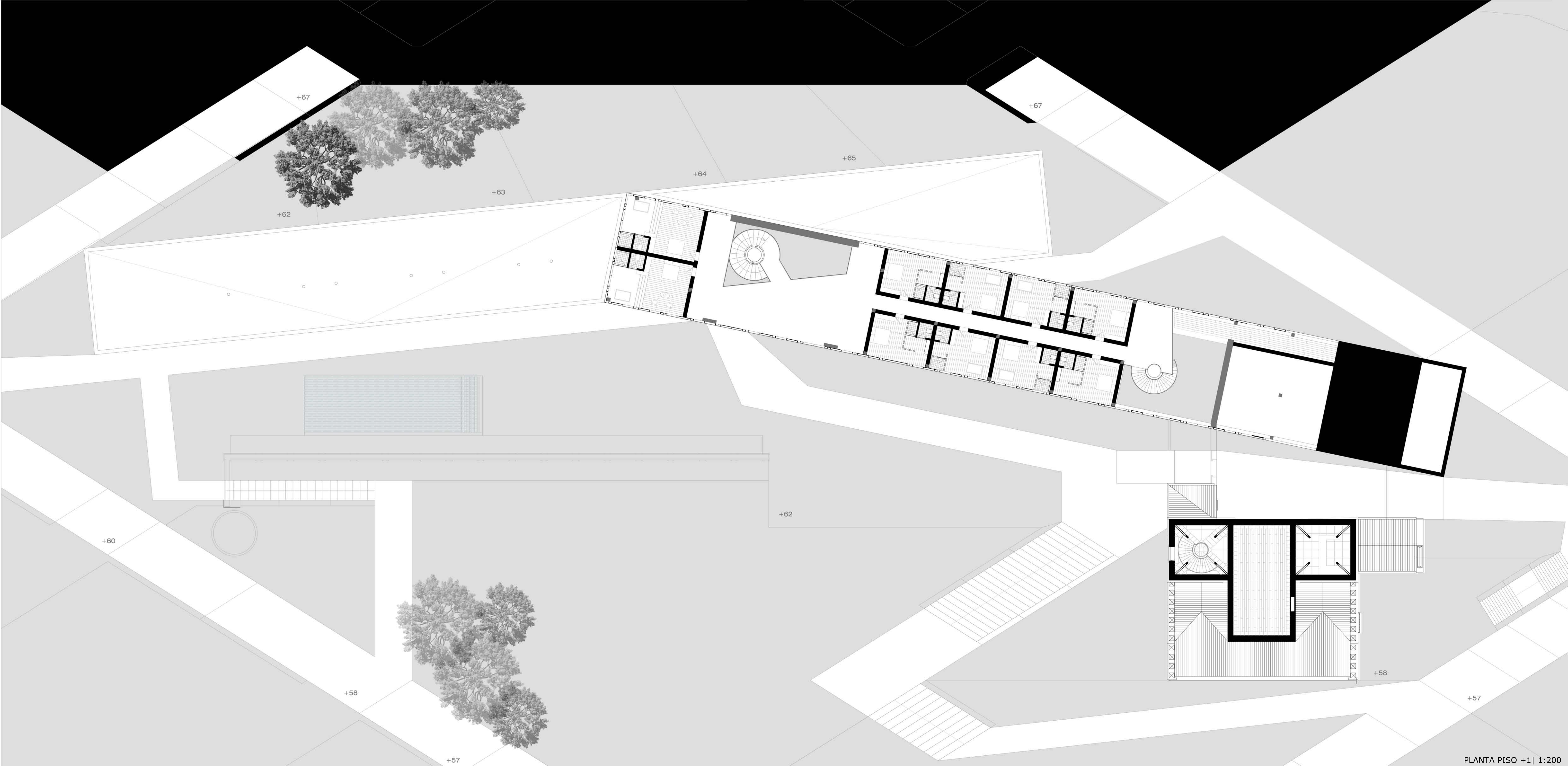


ALÇADO SUL | 1:200

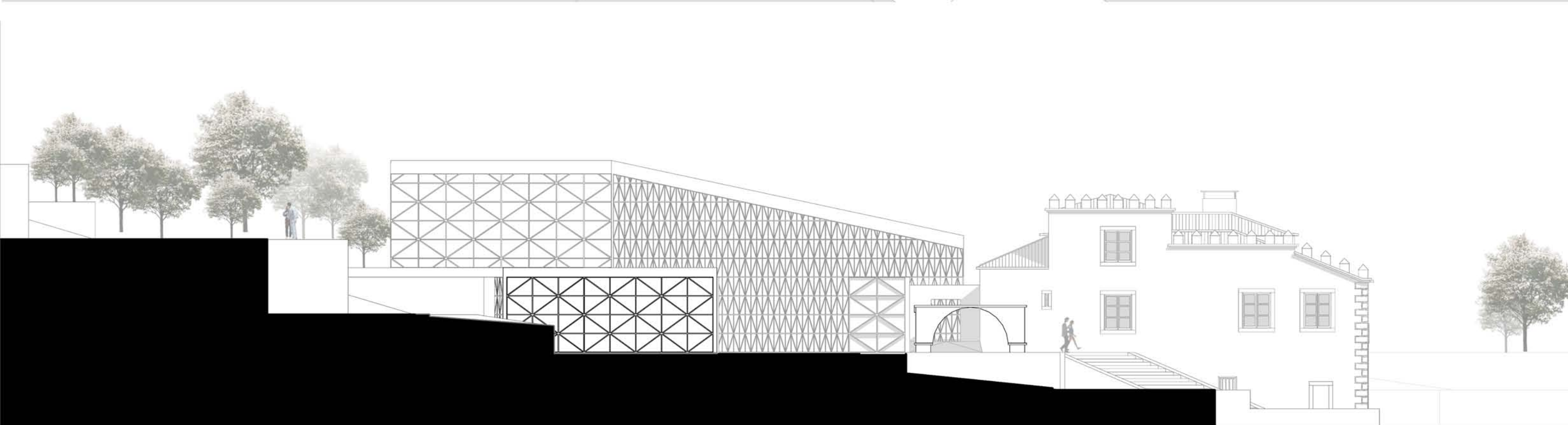


VISTA GERAL DO PÁLCIO QUINTA VALFLORES COM O SPA E HOTEL

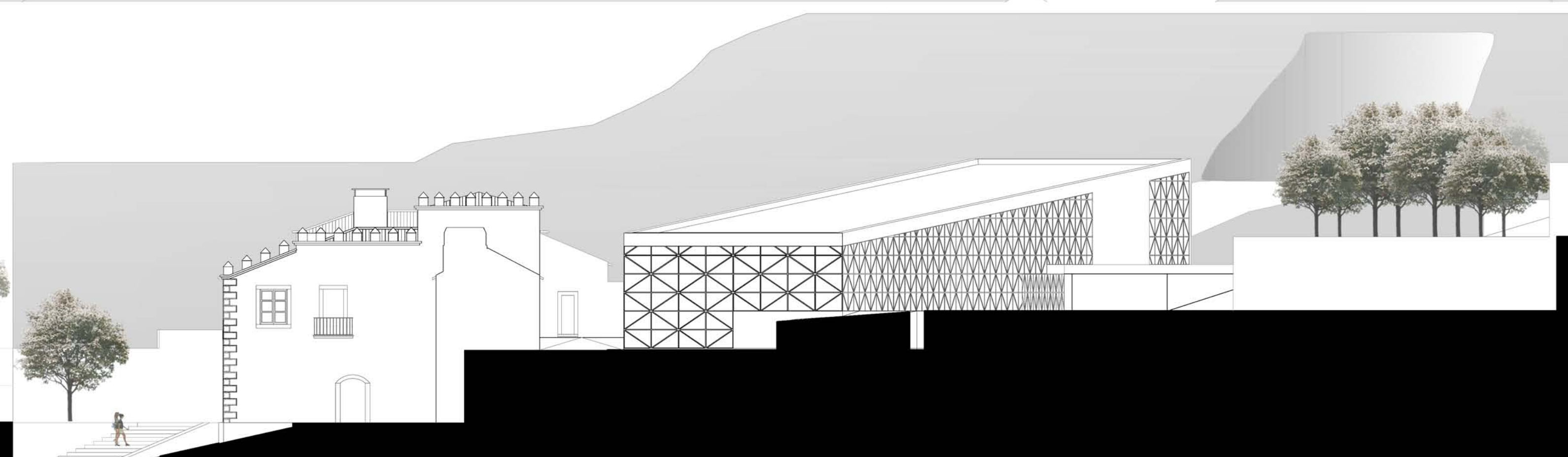




PLANTA PISO +1 | 1:200



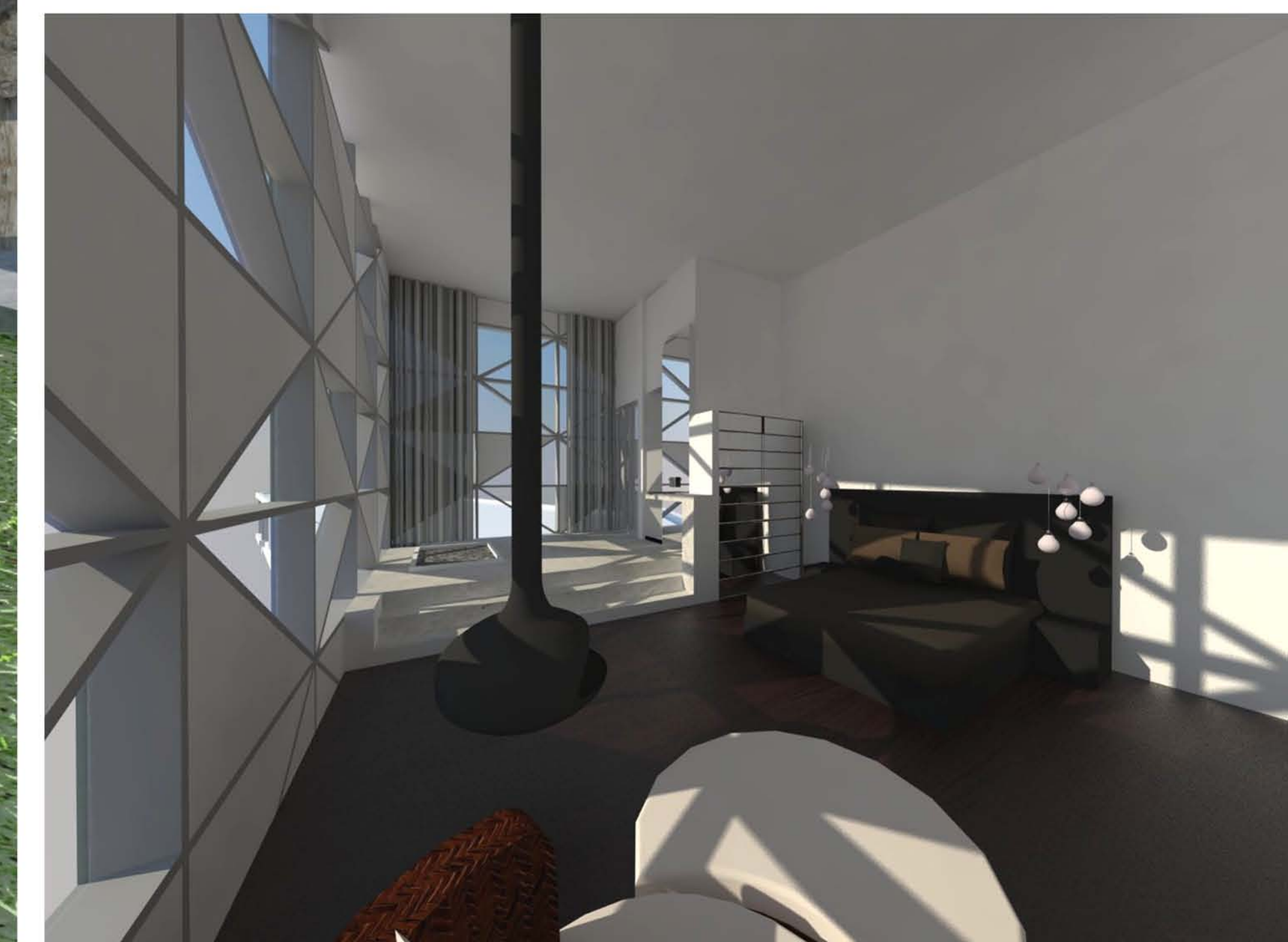
ALÇADO POENTE | 1:200



ALÇADO NASCENTE | 1:200

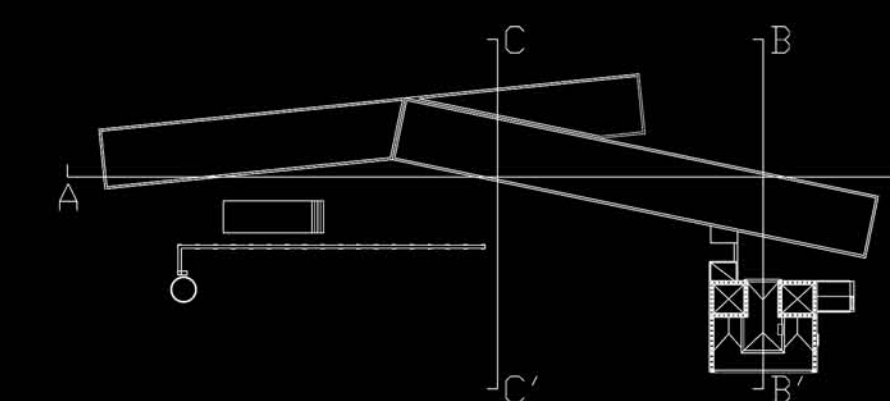
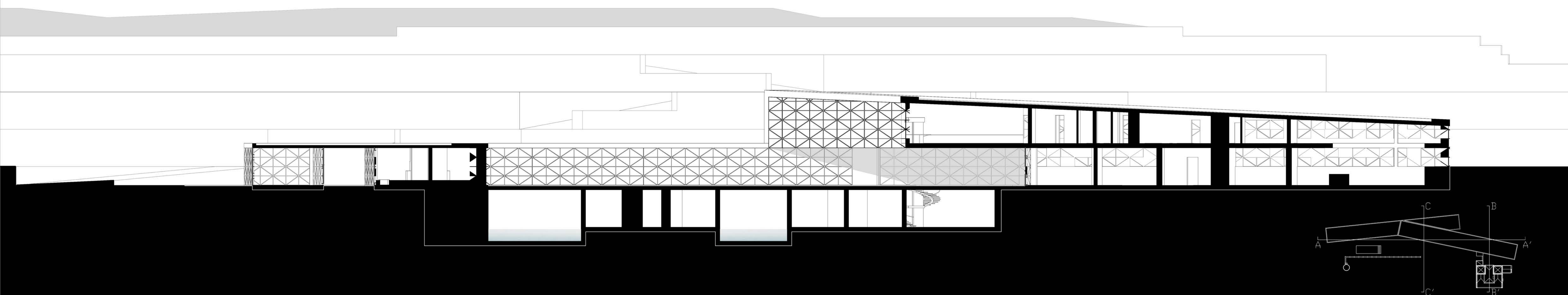


HOTEL | ENTRADA



HOTEL | QUARTO

HOTEL | PISCINA



CORTE LONGITUDINAL AA' | 1:200



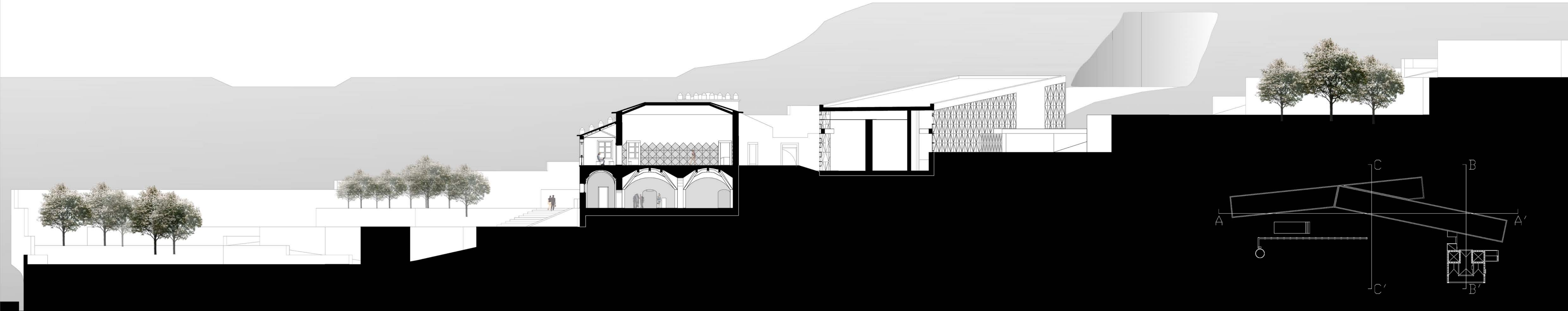
PALÁCIO | SALA MUDEJAR



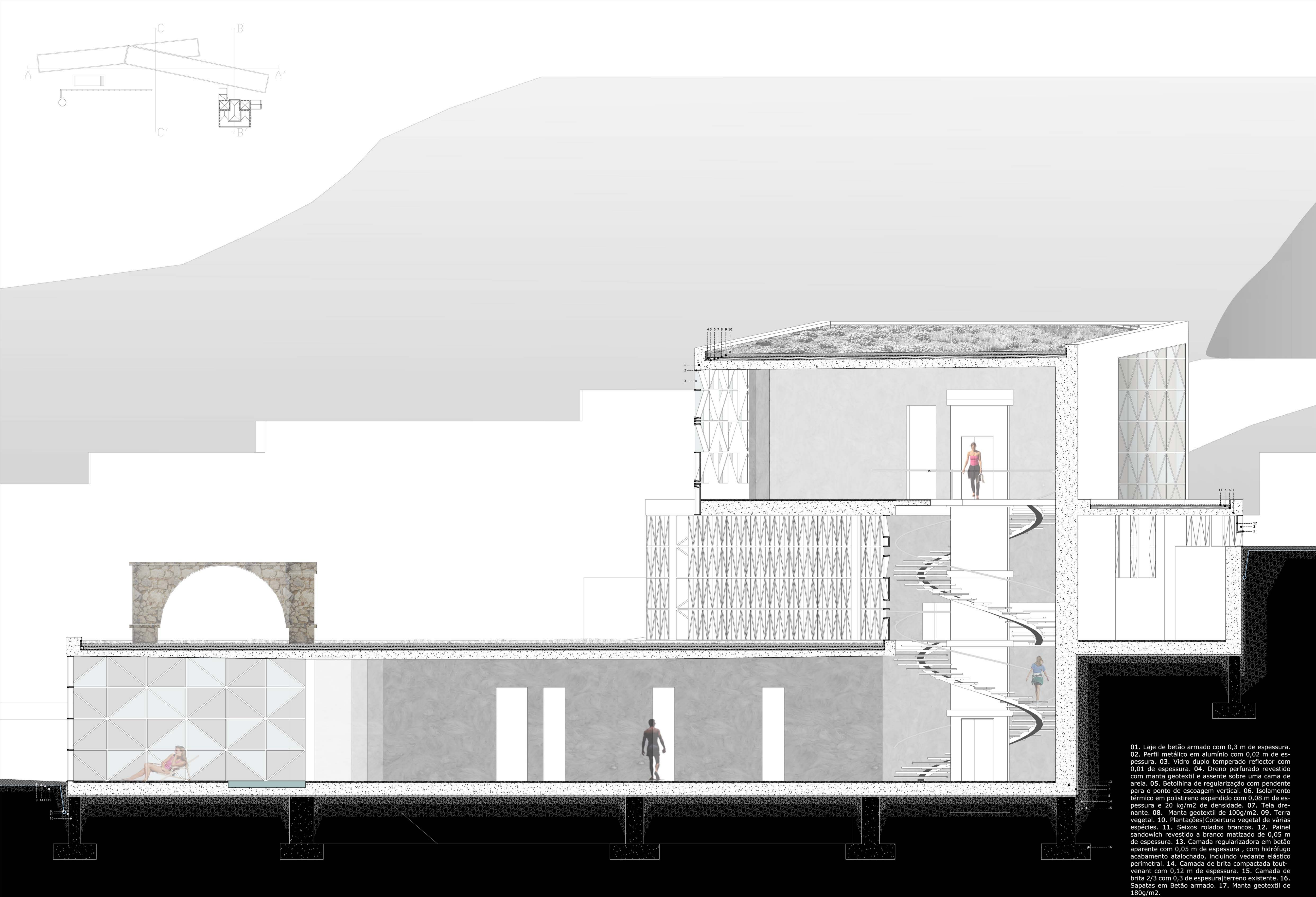
PALÁCIO | RESTAURANTE



PALÁCIO | JARDIM DE INVERNO E BAR



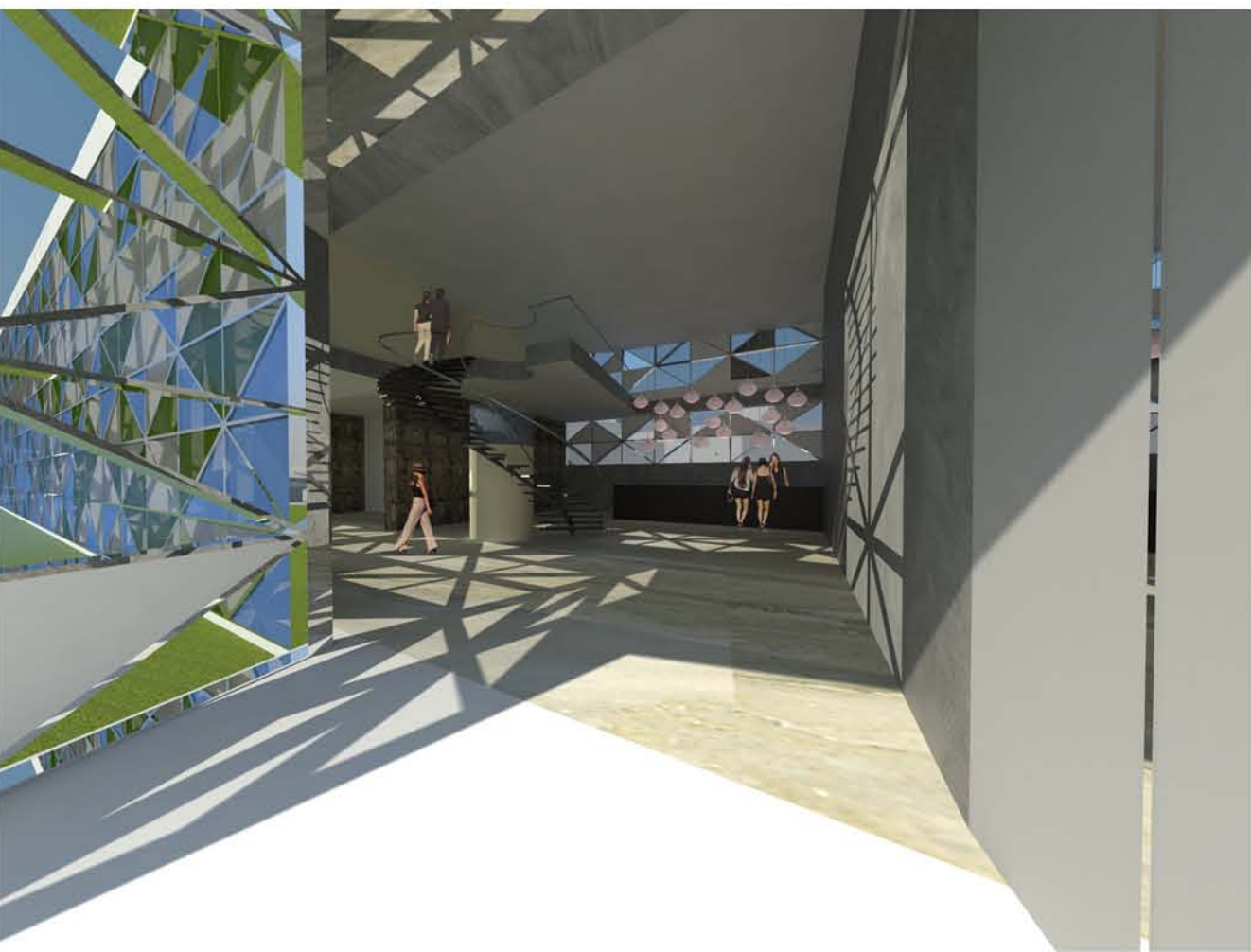
CORTE TRANSVERSAL BB' | 1:200



01. Laje de betão armado com 0,3 m de espessura. 02. Perfil metálico em alumínio com 0,02 m de espessura. 03. Vidro duplo temperado reflector com 0,01 de espessura. 04. Dreno perfurado revestido com manta geotextil e assente sobre uma cama de areia. 05. Betolhina de regularização com pendente para o ponto de escoagem vertical. 06. Isolamento térmico em polistireno expandido com 0,08 m de espessura e 20 kg/m2 de densidade. 07. Tela drenante. 08. Manta geotextil de 100g/m2. 09. Terra vegetal. 10. Plantações|Cobertura vegetal de várias espécies. 11. Seixos rolados brancos. 12. Painel sandwich revestido a branco matizado de 0,05 m de espessura. 13. Camada regularizadora em betão aparente com 0,05 m de espessura , com hidrófugo acabamento atalochado, incluindo vedante elástico perimetral. 14. Camada de brita compactada tout-venant com 0,12 m de espessura. 15. Camada de brita 2/3 com 0,3 de espesura|terreno existente. 16. Sapatas em Betão armado. 17. Manta geotextil de 180g/m2.



HOTEL | CAFETARIA



HOTEL | FOYER

